

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**ANSIEDADE, AUTO-CONCEITO E DIFICULDADES
ESCOLARES EM CRIANÇAS MALTRATADAS**

Andreia Daniela Furtado da Silva Messias

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Emílio Salgueiro

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Emílio Salgueiro, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o

despacho da DGES, n.º 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao professor Emílio Salgueiro pelo seu apoio, pela partilha de conhecimento que em muitos momentos me ajudou a encontrar o caminho certo no decorrer de todos estes meses. Agradeço também toda a orientação, que se tornou indispensável para a conclusão do estudo.

Não posso deixar de agradecer à equipa técnica do lar de Crianças e Jovens que teve a amabilidade de me dar a conhecer os processos das crianças nos quais constava documentação sobre as suas histórias de vida. De entre a equipa técnica, gostaria de destacar o meu especial agradecimento à directora Dra. Célia Félix, por me ter permitido realizar o estudo na instituição que dirige.

Dirijo também o meu agradecimento pela sua disponibilidade e atenção, aos seguintes professores: Dr. Miguel Tecedeiro, Dra. Ana Pina Martins, Dra. Maria Lourdes Mata, Dr. Jaime Coelho e Dra. Tânia.

Obrigada mãe, pai e mana, por tudo. Obrigada por todo o apoio que sempre me deram ao longo de toda a minha vida não só escolar, como pessoal. A vossa presença foi sempre reconfortante perante os momentos mais difíceis.

Agradeço também ao Davide por estar sempre presente, pela sua compreensão e pelo seu enorme apoio que me ajudou a ultrapassar com mais serenidade os obstáculos que surgiram.

Aos meus amigos, por todo o apoio e incentivo e por me terem acompanhado sempre durante mais esta etapa da minha vida.

Finalmente, quero agradecer às crianças que participaram neste estudo, pois sem as mesmas não teria sido possível realizá-lo. Muito obrigada pelo vosso tempo e pela vossa colaboração.

Resumo

Através deste trabalho, pretende-se fazer um estudo sobre a ansiedade, auto-conceito e dificuldades escolares em crianças que sofreram maus-tratos.

A amostra é constituída por nove crianças, com idades compreendidas entre os oito e os doze anos, de ambos os sexos, que foram vítimas de maus-tratos e consequentemente institucionalizadas. Para realizar o estudo usou-se: a Escala de Ansiedade Manifesta para Crianças de Reynolds & Richmond (1978) com estudos normativos de Fonseca (1992) e Dias & Gonçalves (1999); Escala de Auto-conceito e de Auto-Estima de Susan Harter (1985) aferida para a população portuguesa por Alves Martins, Peixoto, Mata Monteiro (1995); Fichas de diagnóstico de Dificuldades de Aprendizagem na Escrita e Cálculo de Helena Serra (2005); Prova de leitura “Decifrar” de Salgueiro (2002); Desenho Livre; CAT.

Quanto à Ansiedade, excepto dois casos (um do 2º ano e outro do 3º) que apresentaram um resultado muito baixo, as restantes sete crianças (duas do 2º, uma do 3º e quatro do 4ºano) apresentaram níveis muito elevados;

Relativamente ao Auto-Conceito, as crianças de 2º e 3º ano apresentam resultados acima da média, enquanto que os escores das crianças de 4º ano estão abaixo da média.

No que toca às Dificuldades de Aprendizagem duas, das nove crianças não apresentaram dificuldades ao nível da leitura; tanto na escrita como no cálculo, quatro das nove crianças apresentam dificuldades.

Palavras-Chave: Ansiedade, Auto-conceito, Dificuldades de Aprendizagem, Maus-tratos, Institucionalização

Abstract

This work has as its primary goal to study self-concept, anxiety and learning difficulties in children victim of ill-treatment.

The study sample was composed by nine children, with ages between eight and twelve, from both sexes, who were victim of ill-treatment and institutionalized afterwards. The tests chosen to be used in the study were: the Reynolds & Richmond's Revised Childrens Manifest Anxiety Scale-RCMAS (1978) with normative studies of Fonseca (1992) and Dias & Gonçalves (1999); the Susan Harter's Self Perception Profile for Children specifically adapted to the Portuguese population by Alves Martins, Peixoto, Mata, Monteiro (1995); diagnose charts of Learning Disabilities at Writing and Calculus level by Helena Serra (2005); Reading Test "Decifrar" by Salgueiro (2002); free drawing; CAT.

Regarding anxiety, except in two cases (a child from the 2nd grade and a child from the 3rd grade) in which the scores were very low, all other seven children (two from the 2nd grade, one from the 3rd grade and 4 from the 4th grade) reached very high levels.

About self-concept, the children from the 2nd and 3rd grades had scores above the average, while the scores of the 4th grade children were below the average.

As for learning difficulties, only two of the nine children didn't presented any difficulties regarding reading; both in writing and calculus, four of the nine children have showed learning difficulties.

Key-Words: Self-Concept, Anxiety; Learning Disabilities; Ill- Treatment; Institutionalization

Índice

Introdução.....	1
Revisão de Literatura.....	3
Maus-Tratos.....	3
Institucionalização.....	7
Auto-conceito.....	12
Dificuldades de Aprendizagem.....	15
Método.....	20
Amostra.....	20
Caracterização da Amostra.....	20
Procedimento.....	21
Instrumentos.....	22
<i>Escala de Auto-Conceito de Susan Harter</i>	22
<i>Escala de Ansiedade Manifesta para Crianças (CMAS-R)</i>	22
<i>Prova de Leitura “Decifrar”</i>	22
<i>Provas de Escrita e de Cálculo</i>	22
<i>CAT: Children Apperception Test</i>	23
<i>Desenho Livre</i>	23
Estudo de Caso – Joana.....	25
Dados Anamnésicos.....	25
Resumo das Sessões.....	25
Auto-Conceito.....	25
Ansiedade.....	25
Prova de Leitura: Decifrar.....	26
Prova de Escrita.....	26
Prova de Cálculo.....	26
Desenho Livre.....	26
CAT.....	26
Síntese Geral.....	27
Estudo de Caso – Manuela.....	28
Dados Anamnésicos.....	28
Resumo das Sessões.....	28
Auto-Conceito.....	28
Ansiedade.....	29
Prova de Leitura: Decifrar.....	29
Prova de Escrita.....	29
Prova de Cálculo.....	29
Desenho Livre.....	30
CAT.....	30
Síntese Geral.....	31
Estudo de Caso – Pedro.....	32
Dados Anamnésicos.....	32
Resumo das Sessões.....	32
Auto-Conceito.....	32
Ansiedade.....	33
Prova de Leitura: Decifrar.....	33
Prova de Escrita.....	33
Prova de Cálculo.....	33
Desenho Livre.....	34
CAT.....	34

Síntese Geral.....	35
Estudos de Caso – Telma.....	36
Dados Anamnésicos	36
Resumo das Sessões	36
Ansiedade.....	36
Auto-Conceito	36
Prova de Leitura: Decifrar	37
Prova de Escrita.....	37
Prova de Cálculo.....	37
Desenho Livre.....	37
CAT	37
Síntese Geral.....	39
Estudos de Caso – Catarina	40
Dados Anamnésicos	40
Resumo das Sessões	40
Auto-Conceito	40
Ansiedade.....	41
Prova de Leitura Decifrar	41
Prova de Escrita.....	41
Prova de Cálculo.....	41
Desenho Livre.....	41
CAT	42
Síntese Geral.....	43
Estudo de Caso – Patrício	44
Dados Anamnésicos	44
Resumo das Sessões	44
Auto-Conceito	44
Ansiedade.....	45
Prova de Leitura: Decifrar	45
Prova de Escrita.....	45
Prova de Cálculo.....	45
Desenho Livre.....	45
CAT	46
Síntese Geral.....	47
Estudo de Caso – Ricardo	48
Dados Anamnésicos	48
Resumo das Sessões	48
Auto-Conceito	48
Ansiedade.....	49
Prova de Leitura: Decifrar	49
Prova de Escrita.....	49
Prova de Cálculo.....	49
Desenho Livre.....	49
CAT	50
Síntese Geral.....	51
Estudo de Caso – Damião	52
Dados Anamnésicos	52
Resumo das Sessões	52
Auto-Conceito	52
Ansiedade.....	53
Prova de Leitura: Decifrar	53
Prova de Escrita.....	53

Prova de Cálculo.....	53
Desenho Livre.....	54
CAT	54
Síntese Geral.....	54
Estudo de Caso – Cristina	55
Dados Anamnésicos	55
Resumo das Sessões	55
Auto-Conceito	55
Ansiedade.....	56
Prova de Leitura: Decifrar	56
Prova de Escrita.....	56
Prova de Cálculo.....	56
Desenho Livre.....	57
CAT	57
Síntese Geral.....	57
Discussão dos Resultados.....	58
Conclusão.....	69
Referências bibliográficas	71
Anexos	73
Anexo A: Carta de Consentimento Informado	74
Anexo B: Instrumentos.....	78
Anexo C: Instrumentos: Escala de Auto-Conceito de Susan Harter	83
Anexo D: Instrumentos: Escala de Ansiedade Manifesta para Crianças	90
Anexo E: Provas de Escrita e Cálculo.....	92
Anexo F: Estudo de Caso da Joana -Desenho Livre e Protocolo do CAT	97
Anexo G: Estudo de Caso da Manuela: Desenho Livre e Protocolo do CAT	101
Anexo H: Estudo de Caso do Pedro - Desenho Livre e Protocolo de CAT	105
Anexo I: Estudo de Caso da Telma: Desenho Livre e Protocolo de CAT	109
Anexo J: Estudo de Caso da Catarina - Desenho Livre e Protocolo do CAT	114
Anexo K: Estudo de Caso do Patrício Desenho Livre e Protocolo do CAT	118
Anexo L: Estudo de Caso do Ricardo - Desenho Livre e Protocolo do CAT	123
Anexo M: Estudo de Caso do Damião- Desenho Livre e Protocolo do CAT	127
Anexo N: Estudo de Caso da Cristina - Desenho Livre e Protocolo do CAT	131
Anexo O: Resultados da Escala de Ansiedade Manifesta para Crianças	137
Anexo P: Resultados da Escala de Auto-Conceito de Susan Harter	139
Anexo Q: Comparação de Resultados nos Domínios do Auto-Conceito	142
Anexo R: Resultados da Prova Decifrar.....	145
Anexo S: Resultados da Prova de Escrita.....	147
Anexo T: Resultados da Prova de Cálculo	150
Anexo U: Resultados do Desenho Livre.....	154
Anexo V: Resultados do CAT.....	157

Lista de Tabelas

Tabela 1: Dados informativos sobre a amostra	20
--	----

Introdução

No decorrer do desenvolvimento humano, a qualidade de relação vivida com quem está mais próximo durante os primeiros anos de vida, marca as raízes do relacionamento conosco próprios e com os outros. Sabe-se muito bem que insuficiências afectivas iniciais conduzem a estados de vulnerabilidade e fragilidade futuras, pois ao interiorizar modelos de relação distorcidos, a criança tenderá a repeti-los em padrões de comportamento desviantes que podem fixar-se em quadros patológicos no adulto, se entretanto nada de contrário for feito (Strecht, 2004).

Como tal, torna-se importante conhecer as consequências de determinadas situações traumáticas vividas por estas crianças, de maneira a que seja possível no futuro encontrar-se estratégias que permitam, de certa forma, facilitar-lhes um pouco o seu quotidiano.

De facto, os maus-tratos são um assunto emergente, na medida em que é um problema relativamente frequente e que muitas vezes passa facilmente despercebido. Por sua vez, a sociedade tem a obrigação de estar atenta a este flagelo e criar condições para que esta seja uma situação cada vez menos frequente. Desta forma, a investigação neste campo deverá estudar em profundidade toda esta temática para contribuir não só para que se criem medidas para diminuir a frequência de casos, como também, na eminência da sua existência, métodos e estratégias para lidar com estas crianças permitindo-lhes e contribuindo para um desenvolvimento mais sã da sua parte.

Neste sentido, o objectivo deste trabalho prende-se com o estudo da ansiedade, auto-conceito e dificuldades escolares em crianças que se encontram institucionalizadas, em consequência de terem sido vítimas de maus-tratos. Espera-se também compreender, embora de uma forma superficial devido à metodologia utilizada, se existe alguma correlação entre o auto-conceito e as dificuldades escolares das crianças constituintes da amostra. Apesar de serem estes os principais objectivos, espera-se que através da metodologia utilizada, também venha a ser possível um estudo mais aprofundado do modo de funcionamento destas crianças.

Desta forma, o presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: numa primeira parte consta a revisão teórica que, por sua vez, aborda as várias temáticas relacionadas com este trabalho, sendo elas: os maus-tratos, institucionalização, ansiedade, auto-conceito, dificuldades de aprendizagem; a segunda parte diz respeito ao método no qual está descrita toda a organização do trabalho, caracterização da amostra e instrumentos utilizados; numa terceira parte são expostos os nove estudos de caso; e finalmente na última parte, é feita uma discussão de resultados resultante de uma análise cuidada dos mesmos, a qual termina com uma síntese das conclusões retiradas a partir deste estudo.

Revisão de Literatura

Maus-Tratos

Deseja-se que os pais proporcionem aos seus filhos a construção e manutenção de relações estáveis, dando segurança através da constância dos investimentos ao longo do tempo, da intensidade e qualidade de afecto e prestando os cuidados adequados a cada idade. Há no entanto, famílias que, por razões diversas, privam os filhos desses cuidados (Sá, Sottomayor, Rosinha & Cunha, 2005).

O futuro da criança dependerá do modo como os seus riscos (a que esteve, eventualmente, sujeita) foram sendo vencidos: os riscos precoces e os riscos tardios. Os riscos precoces da insegurança vinculatória são, por exemplo, de raiz parental, quando as crianças não são desejadas ou são mal desejadas, pais muito novos e imaturos, mães gravemente deprimidas ou pais psiquicamente perturbados e destituídos de qualidades parentais. Em risco estão também as crianças cujas famílias não têm capacidade para lhe assegurar o ambiente acolhedor, protector e nutriente e onde, muitas vezes, a criança se defronta com maus-tratos, abandonos e abusos sexuais. Tornam-se crianças tristes, desorientadas, desorganizadas e, por vezes, agressivas. Os riscos tardios da insegurança vinculatória são os que surgem com a aproximação da idade escolar. As crianças sentem-se mal preparadas para viverem e conviverem com os outros, por insuficiente ou inexistente interiorização de matrizes familiares, insuficientemente contentoras e organizadoras da vida psíquica das crianças, por vezes inseridas em matrizes sociais também de qualidade insuficiente (Salgueiro, 1995 citado por Sá, Sottomayor, Rosinha & Cunha., 2005).

Os maus-tratos infantis apresentam-se como um fenómeno complexo e multifactorial, ao tratar-se de um conceito amplo, susceptível de análise e de classificação em função de vários critérios, dimensões e culturas (Sá, Sottomayor, Rosinha e Cunha., 2005).

Devido à essa mesma complexidade que envolve esta temática, não existe uma definição “oficial” de maus-tratos infantis. Coimbra, Faria e Montano (1990, citado por Sá, Sottomayor, Rosinha & Cunha, 2005) definem maus-tratos infantis como todas as acções dos pais, familiares ou outros que provoquem um dano físico ou psicológico, ou que, de algum modo, lesionem os direitos e necessidades da criança, no que respeita ao seu desenvolvimento psicomotor, intelectual, moral e afectivo. Já Kreisler (1995, cit. por Sá et al., 2005) define maus-tratos infantis como todas as violências físicas intencionais ou a abstenção voluntária de cuidados para com a criança, por parte dos pais ou adultos que a tenham a seu cargo, dos quais resultam danos, ofensas ou morte.

Barudy (1998) faz uma distinção entre maus-tratos activos e maus-tratos passivos. Assim, os maus-tratos activos dizem respeito a comportamentos e discursos que implicam o

uso da força física, sexual ou psicológica que, pela sua intensidade e frequência, provocam danos às crianças. Por maus-tratos passivos entende-se toda e qualquer omissão ou insuficiência de cuidados que prejudique o bem-estar da criança. Na categoria de maus-tratos activos encontra-se o abuso físico, o abuso sexual e o abuso psicológico. Nos maus-tratos passivos insere-se a negligência e o abandono.

Existem vários tipos de maus-tratos: maus-tratos físicos, negligência e abandono físico, maus-tratos psicológicos, abuso sexual.

No que respeita aos maus-tratos físicos, está incluído a síndrome da criança abanada, queimaduras, fracturas, traumatismos crânio-encefálicos, lesões abdominais, sufocação, afogamento e intoxicações provocadas (Canha, 2000).

Segundo diversos autores, os maus-tratos psicológicos são bastante frequentes, mas são muito difíceis de se sinalizar. Desta forma, este tipo de maltrato corresponde à agressão através de palavras que humilham, denigrem, ou então, à criação de um ambiente relacional caracterizado por gestos inconscientes que transmitem confusão ou isolamento (Azevedo e Maia, 2006). De Paul&Arruabarrena Madariaga (1996, citado por Azevedo e Maia, 2006) fazem a distinção entre maus-tratos emocionais e abandono emocional. O primeiro corresponde a hostilidade verbal crónica em forma de insulto, depreciação, crítica ou ameaça de abandono e /ou constante bloqueio das iniciativas de interacção infantis por qualquer membro adulto do grupo familiar. O segundo (abandono emocional) é definido como a falta de persistência de resposta aos sinais, expressões emocionais e comportamentos de proximidade e interacção iniciadas pela criança e a falta de iniciativa de interacção e contacto por parte de uma figura adulta estável.

Existem muitos autores que não fazem a distinção entre abandono físico e negligência. Esta última, segundo Azevedo&Maia (2006) poderá ocorrer de forma consciente por parte das figuras maltratantes, ou então produzir-se como uma manifestação de ignorância, falta de informação ou formação, pobreza ou incapacidade parental para proteger e cuidar das crianças. Segundo Canha (2000) a negligência diz respeito à incapacidade de proporcionar à criança a satisfação das suas necessidades dos cuidados básicos de higiene, alimentação, afecto e saúde, indispensáveis ao seu crescimento e desenvolvimento normais. De facto, se não existirem condições exteriores adequadas e estimulantes, existirá uma maior dificuldade em desenvolver capacidades e aptidões. Este comportamento caracteriza-se, essencialmente, por gestos de omissão, o que diminui a visibilidade do fenómeno tornando-o mais difícil de diagnosticar. Ou seja, este não é um comportamento passível de se descobrir com a mesma facilidade que um maltrato físico na medida em que não deixa marcas físicas. Por esse mesmo motivo, a sua existência torna-se muito grave na medida em que é mais dificilmente detectável, permitindo assim uma maior

continuidade sem que pareça que está a acontecer algo. Como tal é necessário estar atento a todos os sinais que a criança possa dar devido, justamente, à dificuldade que existe em detectar esta situação, sendo a mesma extremamente prejudicial para o salutar crescimento e desenvolvimento de uma criança.

No que diz respeito ao abuso sexual, existe um parecer unânime de muitos autores, de que não existe uma definição suficientemente precisa e aceite perante a comunidade científica.

Segundo Cantón Duarte e Cortés Arboleda (1997, citado por Azevedo e Maia, 2006) a National Center of Child Abuse and Neglect nos EUA, define abuso sexual infantil como os contactos entre uma criança e adulto através dos quais se utiliza a criança como objecto gratificante para as necessidades e os desejos do adulto, interferindo ou podendo interferir esta experiência no desenvolvimento normal da saúde da criança.

Acerca do perpetrador dos maus-tratos sexuais, Barudy (1998) defende que é necessário desfazer certos mitos uma vez que há a ideia de que os abusos sexuais a crianças são causados exclusivamente por indivíduos perturbados ou sádicos, desconhecidos da família e da criança. Através das investigações verificou-se que em mais de 80% dos casos os autores destes abusos são conhecidos pela criança e em mais de 70% dos casos são membros da sua família. Um outro mito generalizado é o de que o incesto acontece mais nas famílias socialmente desfavorecidas. Na verdade, o que é real é que estes maus-tratos são mais facilmente detectáveis nestas famílias sobre as quais há um maior controlo.

Martinez Roig e De Paul (1993, citado por Azevedo e Maia 2006) dividem o abuso sexual em três categorias: pedofilia, hebofilia e incesto. A pedofilia diz respeito ao delito homossexual ou heterossexual contra uma criança enquanto que a hebofilia corresponde ao comércio sexual entre um adulto e um adolescente. Como incesto, designa-se a relação sexual com pessoas da mesma família (pai, mãe, irmão, avô, etc).

A investigação empírica mostra que quanto mais severo é o abuso, quanto mais crónico é o abuso e quanto mais tipos de abuso se associam, pior é o funcionamento da criança e mais pobre é o prognóstico acerca no que toca ao seu desenvolvimento (Manly, Cicchetti & Barnett, 1994; Skuse & Betovim 1994, citado por Figueiredo, 1998a).

Segundo Marcelli (1997, cit. por Sá *et al.* 2005) as consequências psicológicas da insuficiência e do rompimento de vínculos afectivos poderão ser: bloqueio no desenvolvimento afectivo e cognitivo; sintomatologia depressiva; dificuldades de adaptação à escola; perturbações do comportamento (agressividade, hiperactividade); episódio depressivo (abrandamento psicomotor, indiferença e submissão ou agitação, instabilidade e oposição, falta de interesse, auto-estima diminuída, desvalorização, dificuldade de pensar,

desinteresse ou desinvestimento escolares, fracasso escolar, distúrbios do apetite, dificuldades em conciliar o sono, ideias de morte, distúrbios de comportamento, condutas de tipo oposicional ou delinquente).

Para Coimbra de Matos (1997, citado por Sá, 2005) as consequências psicológicas dos maus-tratos infantis são: lesão na auto-estima, vulnerabilidade psíquica, carência relacional e núcleo depressivo. Já Strecht (1997, citado por Sá, 2005) defende que as consequências psicológicas dos maus-tratos infantis são: relações pobres e com pouca constância com adultos ou crianças, dependência de uma figura preferencial, falhas depressivas precoces, fragilidade narcísica, predominância do “agir”, imaturidades estruturais, depressões e desorganizações pré-psicóticas ou psicóticas.

Crittender, *et. al*, (1994, citado por Figueiredo, 1998a) defendem que os efeitos parecem ser maiores no caso dos maus tratos emocionais do que no caso dos maus tratos físicos. Por sua vez as crianças sexualmente abusadas são, por sua vez, mais competentes do que aquelas que foram vítimas de outros tipos de abuso (Manly *et al.* 1994, citado por Figueiredo, 1998a).

Crittenden, Claussen, e Sugarman (1994, citado por Figueiredo, 1998a) assinalam que as crianças vítimas de abuso tendem a desenvolver problemas de atenção, baixa auto-estima, depressão e agressividade. No entanto, algumas dessas crianças são capazes de desempenho social e acadêmico normal, contrariamente ao que acontece com as crianças fisicamente negligenciadas. Os efeitos da negligência no desenvolvimento da criança são muito maiores e mais consistentes, designadamente, as crianças tendem a ser muito mais evitantes e apresentam maiores atrasos no desenvolvimento e maior falta de motivação.

Strecht (1999) refere que factores sócio-familiares pobres e pouco estimulantes levam vulgarmente a outras tantas dificuldades individuais:

- Falhas nas boas experiências emocionais primárias. Estas tornam-se impensáveis ou de difícil representação mental, dada a sua qualidade traumática, distorcidas na expressão de imagens compensatórias (tanto maiores e mais idealizadas quanto piores são as experiências reais). O padrão relacional é de uma desconfiança básica em relação a adultos e meio exterior;

- Dificuldades na separação/ individuação, acabando na falha de definição de limites (no próprio interior e do interior para o exterior). As aproximações são sentidas como intrusões; as ausências como abandonos. Há variações ambivalentes, entre a necessidade de aproximação exclusiva e uma rejeição maciça do que é afectivamente investido. A distância emocional torna-se muito difícil de gerir, e é um dos principais factores a trabalhar.

A ocorrência de maus-tratos está muito relacionada com determinadas características dos pais. Milner e Dopke (1997, citado por Figueiredo, 1998 a) elaboraram

uma revisão de estudos empíricos que fundamentam que certas características dos pais propiciam que sejam maltratantes e salientam um conjunto de características biológicas (por exemplo, factores psicofisiológicos, tais como reactividade ao stress), cognitivo-emocionais (como sejam, auto-estima, força do ego, percepções relativas ao comportamento da criança, atribuições causais, expectativas relativas ao comportamento da criança, stress, psicopatologia e problemas emocionais, afectividade negativa e empatia) e comportamentais (isolamento, dificuldades na interacção com a criança, competências para lidar, vinculação e uso de drogas).

Por muito maltratadas que algumas crianças tenham sido, mantêm sempre o desejo de voltar para junto dos seus pais, elaborando também idealizações acerca dos mesmos, sendo esta uma defesa para não se sentirem tão desconfortáveis, perante tudo aquilo que lhes fizeram passar. É extremamente complicado para uma criança pensar que, as pessoas que supostamente deveriam ter um papel securizante e contentor na sua vida, são aquelas que as maltratam. Como tal, essa mesma idealização, serve para se defenderem dessa ideia.

De acordo com Figueiredo (1998b) se os pais forem experienciados e mentalmente representados como pessoas disponíveis e susceptíveis de providenciar experiencias agradáveis, então a criança tende a esperar que os outros estarão disponíveis e serão consistentes na sua acção para com ela e tende a considerar que é competente e efectiva em relação a eles. A confiança que estabelece em si e nos outros permite que a criança seguramente vinculada, ao longo da sua trajectória de desenvolvimento, possa entrar facilmente numa relação interpessoal calorosa e de confiança com os outros.

Porém, e ainda de acordo com a mesma autora, se as experiencias da criança em relação aos pais forem representadas em termos de falta de disponibilidade, inconsistência e rejeição, então a criança tende a formular iguais expectativas a propósito do comportamento das restantes pessoas que virá a encontrar ao longo da sua trajectória desenvolvimental, tornando mais difícil o estabelecimento de relações de intimidade com os outros durante a idade adulta.

Institucionalização

Segundo Sá, Sottomayor, Rosinha e Cunha (2005) deseja-se que os pais tornem possível a construção e a manutenção de relações estáveis, dando segurança através da constância dos investimentos ao longo do tempo, da intensidade e da qualidade do afecto e prestando cuidados adequados a cada idade. Porém, existem famílias que, por razões diversas, privam os filhos desses cuidados.

Na origem do acolhimento institucional encontra-se, normalmente, a vivência de situações de risco no seio da família; trata-se de famílias que não têm condições (materiais, sociais, psicológicas) necessárias para originar, na criança ou no jovem, um desenvolvimento biopsicossocial equilibrado, falhando na sua função educativa (Amado, Ribeiro, Limão & Pacheco, 2003).

Quando uma criança, ou um jovem, se encontram em perigo, será necessário restabelecer a coerência e o equilíbrio, protegendo-a. Assim, poderá torna-se necessária a adopção de medidas, a nível legal, que protejam a criança ou jovem em perigo, tendo em vista o seu interesse superior e o seu bem-estar integral (Sá, Sottomayor, Rosinha & Cunha., 2005). Ainda de acordo com estes autores, uma das medidas de promoção e protecção possíveis é o acolhimento em instituição, podendo este, de acordo com o artigo 50º da Lei De Protecção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei nº 147/99 de 1 de Setembro), ser de curta duração (tendo lugar em casa de acolhimento, por prazo, legalmente previsto, não superior a seis meses) ou prolongado (tem lugar em lar de infância e juventude, quando se justifica um acolhimento com duração superior a seis meses).

Quando se perspectiva a institucionalização, faz-se orientada para a (re) construção de dois espaços. São eles o espaço exterior, que corresponde à existência de um espaço próprio que permita o reconhecimento de uma individualidade e a necessidade de existência de limites; e o espaço interior cuja função é supletiva ou de «suporte do eu», em que essencialmente se forneça às crianças um novo modelo relacional com adultos e outras crianças, permitindo-lhes ganhar internamente uma confiança no mundo exterior que facilite a reorganização do seu próprio universo infantil (Strecht, 1998).

De acordo com Amado, Ribeiro, Limão & Pacheco (2003) a população de alunos institucionalizados, pelos contornos sociais, escolares e pessoais que a rodeia, vive um processo de crescimento comprometido quer pelo desinvestimento social e familiar, o que condiciona uma aprendizagem de competências pessoais e sociais fundamentais para a construção da sua própria identidade e para o estabelecimento de relações que permitam a vida em grupo.

Strecht (1998) afirma que a instituição só poderá ser reparadora do «eu» infantil se não for sentida como o tal «castigo» para todos e antes, com o objectivo de reforçar a capacidade de ligação ao mundo, à vida, aumentando a capacidade da criança poder pensar nuns pais reais a nova distancia e ao abrigo de situações muito difíceis.

Na instituição-casa a criança procurará com certeza afecto, contenção física e emocional, autoridade protectora. Em pequenas doses, adquirirá novas relações às quais ligará significados saudáveis e construtivos. Em conjunto, terá de retomar ou continuar a

escolaridade ou a aprendizagem de uma profissão, poderá também viver para aprender através da construção das boas experiências emocionais (Strecht, 1998).

Porem, e de acordo com Campos (1984, citado por Amado, Ribeiro, Limão & Pacheco, 2003) a adaptação não é fácil, isto porque, a vida no lar obedece a um quadro de regras específico à instituição, determinando assim o tipo de vínculo que as crianças e jovens estabelecem com os seus companheiros e supervisores.

Os reflexos da institucionalização (agravados pelos antecedentes) no desenvolvimento pessoal, propiciam estados de carência na estimulação (sensorial, afectiva e/ou cultural) e no desenvolvimento emocional e intelectual dos indivíduos (Amado, Ribeiro, Limão & Pacheco, 2003).

Desta forma, da institucionalização poderão advir diversas consequências. Existem algumas crianças que quando institucionalizadas, estabilizam consideravelmente o seu equilíbrio emocional, na medida em que aquela “nova casa” lhes permite virar costas a todos as situações traumáticas de que eram vítimas, quando se encontravam nas suas casas. Por outro lado, pode acontecer exactamente o contrário. Ou seja, existem crianças que ao serem institucionalizadas, cresce dentro de si uma grande revolta por terem sido retiradas do seu meio familiar, pois isso implica não só separarem-se dos seus familiares, como também dos seus amigos, da sua escola.

De acordo com Strecht (1998) o objectivo da institucionalização será articular todos os recursos para minimizar aspectos negativos e engrandecer os saudáveis, sendo para isso necessário que nenhum técnico fique sozinho na orientação destes casos, sob a pena de se ver a braços com um extremo impacto emocional, aumentando o risco de agir a sua contra-atitude em desfavor da criança ou da família. É importante trabalhar e discutir estas situações em equipas multiprofissionais uma vez que estes são processos multi-problema nas suas vertentes biológica, psicológica e social.

Segundo Bowlby, dos problemas encontrados em crianças institucionalizadas destacam-se distúrbios orgânicos, os mais variáveis défices intelectuais, depressões, falta de controle emocional, ausência de verdadeiros sentimentos, na indiferença apática a qualquer relação afectiva, incapacidade para o estabelecimento de laços de amizade, atitude evasiva, roubo, mentira, ausência de sentimento de culpa, falta de concentração no trabalho escolar, incapacidade de confiança em companheiros do mesmo grupo, isolamento afectivo, distração, incapacidade conceitual, especialmente em relação ao tempo (dificuldade de recordação, lembrança e projecção no futuro) (Amado, Ribeiro, Limão & Pacheco, 2003).

De acordo com Silverman& Kutines (2000) os distúrbios de ansiedade na infância são complexos, multifacetados sendo as causas da sua existência também múltiplas.

No DSM-IV (American Association of Psychiatry, 2002) existe unicamente uma categoria de ansiedade específica da infância e da adolescência – o distúrbio de ansiedade de separação. Caracteriza-se por uma ansiedade excessiva e inadequada para o nível de desenvolvimento do sujeito, relativa à separação da casa ou das pessoas a quem está vinculado, manifestando-se pela presença de três, ou mais, das seguintes características: mal-estar excessivo e recorrente quando ocorre ou é antecipada a separação da casa ou das figuras de maior vinculação; preocupação excessiva e persistente pela possível perda das principais figuras de vinculação ou por possíveis males que possam acontecer a essas pessoas; preocupação persistente e excessiva pela possibilidade de um acontecimento adverso possa levar à separação de uma importante figura de vinculação (por exemplo, perder-se ou ser raptado); relutância persistente ou recusa em ir à escola ou a outro local por medo de separação; medo de estar em casa sozinho ou sem as principais figuras de vinculação, ou noutros locais, sem adultos significativos; relutância ou recusa em adormecer sem estar próximo de uma importante figura de vinculação ou em adormecer fora de casa; pesadelos repetidos que envolvam o tema da separação; queixas repetidas de sintomas físicos (como dores de cabeça, dores de estômago, náuseas ou vômitos) quando ocorre ou se antecipa a separação em relação a figuras importantes de vinculação.

Ainda de acordo com o DSM-IV (2002), a duração da perturbação é de pelo menos 4 semanas, sendo que o seu início dá-se antes dos 18 anos. Causa um mal-estar clinicamente significativo ou um défice social, escolar (laboral) ou noutras áreas importantes da actividade de do sujeito.

Fonseca (1998b) define ansiedade como um conjunto de reacções emocionais, originadas pela antecipação de ameaças ou perigos reais ou imaginários.

É normal surgirem níveis moderados de ansiedade em todos os seres humanos na medida em que é uma característica fundamental que faz parte do desenvolvimento normal de cada indivíduo permitindo-lhe adaptar-se a situações novas, inesperadas ou até mesmo perigosas (Rosen&Schulkin 1998, *in* Fonseca, 1998b).

Há um grande consenso entre investigadores e clínicos em fazer a distinção entre ansiedade normal e patológica. Assim, de acordo com Fonseca (1998b) a decisão de se diagnosticar uma criança com uma perturbação de ansiedade dependerá de factores tão diversos como o estágio de desenvolvimento, as características do estímulo ou da situação que provoca a ansiedade, a gravidade e persistência dos sintomas, e o grau de mal-estar ou sofrimento experienciado pelos próprios indivíduos e/ou por aqueles que o rodeiam.

Ainda de acordo com o mesmo autor acima referido, embora as manifestações de ansiedade possam apresentar formas muito diferentes, na generalidade, resumem-se a três componentes principais (uma resposta motora, uma resposta subjectiva ou cognitiva e uma resposta fisiológica), abrangendo cada uma delas um grande número de reacções. Desta forma, a nível cognitivo ou subjectivo as crianças com perturbações de ansiedade experienciam problemas de concentração, têm dificuldades em recordar-se de coisas ou acontecimentos e podem apresentar várias distorções cognitivas, como medo exagerado de insucesso e/ou sensibilidade exagerada aos sinais de perigo. São crianças consideradas frequentemente como tristes, preocupadas, medrosas e demasiado receosas de que venha a acontecer algo de trágico ou grave aos pais ou a outros familiares. A nível motor, as crianças ansiosas distinguem-se pelo seu desassossego ou irrequietude, pela busca de proximidade física, pelo choro frequente e pela sua dependência abusiva do adulto. A nível fisiológico, as crianças ansiosas podem apresentar, com bastante frequência, tiques, dores de barriga, náuseas, palidez, tremores e diversas queixas somáticas. Igualmente típico destes indivíduos é um aumento do ritmo cardíaco, da transpiração ou da condutância da pele e várias outras manifestações vegetativas. De acordo com o CDI-10 (1993), os sintomas dominantes no transtorno de ansiedade generalizada são altamente variáveis, embora as queixas de sentimentos contínuos de nervosismo, tremores, tensão muscular, sudorese, sensação de cabeça leve, palpitações, tonturas e desconforto epigástrico são comuns.

O quadro clínico dos distúrbios de ansiedade, não só da criança como do adolescente, não se caracteriza por um padrão homogéneo e consistente de sintomas. As crianças ansiosas podem efectivamente diferir entre si, não só quanto à natureza e frequência dos sintomas, mas também quanto à sua gravidade, à história do seu desenvolvimento, às reacções ao tratamento e à sua evolução a médio ou longo prazo.

Famílias desestruturadas cujos padrões de comportamento parentais são caracterizados por inconsistência ou grande restrição, são causadores de ansiedade nas crianças (Krohne & Hock 1991, citado por Silverman & Kutines, 2000). De acordo com Rapee (1997, citado por Silverman & Kutines, 2000) muitos adultos que sofrem de desordem de ansiedade relatam que viam os seus pais e a sua relação com eles como fora do controlo e de baixo afecto.

De acordo com diversos autores, abusos físicos e outros tipos de abusos (tais como pobreza, stress, distúrbios familiares) são vistos como factores que poderão causar na criança depressão, ansiedade, agressividade.

Os problemas de ansiedade são relativamente frequentes em rapazes e raparigas de idade escolar, causando-lhes grande sofrimento e afectando o seu desempenho académico

(Fonseca, 1998). Se adicionarmos a isso, a existência de maus-tratos, é fácil compreender que as consequências serão desastrosas, contribuindo assim para um mal-estar muito grande e níveis de ansiedade muito elevados.

Os pais têm como função propiciar aos seus filhos uma base segura que lhes permita aprender como viver de forma sã e confortável não só no seio da sua própria família, como também fora da mesma. Quando as crianças não estão seguras, respondem de forma a aumentar o seu sentimento de segurança, quer pela tentativa de obter protecção por parte dos adultos, ou pela redução da probabilidade de obter ameaças por parte dos adultos. Ao sentirem-se inseguras, ou seja, quando se sentem ansiosas ou desconfortáveis, as crianças fazem tentativas de reduzir a probabilidade da existência de perigo através da utilização de comportamentos que lhes trarão segurança; e usam a ansiedade tanto para focarem a sua atenção em potenciais fontes de perigo como também para atrair a atenção e o cuidado de pessoas potencialmente protectoras (Crittenden, Ladini & Claussen, 2000)

Segundo Strecht (1998) toda a criança que é separada dos seus pais, por mais negligentes que estes tenham sido, sofre. Emergem sentimentos de perda, solidão e vazio e tudo isso pode conduzir a uma “ansiedade impensável”.

Auto-conceito

Um dos primeiros autores que iniciou o estudo do auto-conceito foi James (1980, Harter 1996). De acordo com este autor, é possível identificar-se dois aspectos distintos do *self*, sendo essa a base do seguinte conceito: o *I*, o Eu, está relacionado com a forma como o próprio indivíduo que se percepção e também a parte consciente de natureza cognitiva e que olha para si próprio; e por outro lado existe o *Me*, que corresponde ao objecto que está a ser percebido, que apresenta uma parte espiritual, social, material ou corporal. De acordo com Oosterwegel e Oppenheimer (1993, citado por Peixoto e Almeida 1999) o estudo do conhecimento do *self* reveste-se de particular importância na medida em que o sujeito não só elabora representações acerca de si próprio, como actua com base nessas representações.

Desta forma pode considerar-se o auto-conceito como parte não só integrante, como também constituinte do *self* do indivíduo. Assim, o auto-conceito tem a ver com os conhecimentos e ideias que o indivíduo tem acerca de si próprio, possibilitando-lhe saber quem é, conhecer as suas características, os defeitos e qualidades, os aspectos que o diferenciam ou comunga com os indivíduos que o rodeiam.

Segundo Serra (1988), o auto-conceito define-se como a percepção que o indivíduo tem de si próprio e o conceito que, devido a isso, forma de si. Por sua vez Salvador (1991, *in* Amado *et al*, 2003) define o auto-conceito como o conjunto de características, atributos, qualidades e deficiências, capacidades e limites, valores e relações que o sujeito reconhece como descritivos de si e que percebe como dados da sua identidade. Já Peixoto (1999) define, o auto-conceito como o conjunto de cognições que o sujeito possui sobre si próprio, nos diferentes contextos e tarefas. O auto-conceito é um condicionante das ações do indivíduo na medida em que vai permitir-lhe reagir perante um determinado obstáculo através da avaliação que faz de si próprio, sobre o que é ou não capaz de fazer.

Wells e Marwell (1976, citado por Serra 1988) definem que, o auto-conceito ao ser inferido ou construído a partir de acontecimentos pessoais, tem a vantagem de permitir descrever, explicar e prever o comportamento humano e fazer uma ideia de como o indivíduo se concebe e considera a si próprio. Dessa forma, este é um constructo que auxilia o conhecimento da uniformidade, da consistência e da coerência do comportamento, a formação da identidade pessoal e o porquê de se manterem determinados padrões de conduta com o desdobrar do tempo. Como tal, o auto-conceito desempenha o papel importante de um elemento integrador.

Segundo Amado, Ribeiro, Limão & Pacheco, (2003) a origem do auto-conceito está nas relações e interações do sujeito com o seu meio (em especial com outros significativos, nomeadamente pais, professores, colegas) ao longo de uma vida. Assim, ainda segundo estes autores, o auto-conceito é uma realidade dinâmica com um desenvolvimento próprio (varia com a idade e com os contextos de vida); mas é também uma realidade global (organiza hierarquicamente as informações que o indivíduo vai colhendo de si, dando-lhe um sentido), ao mesmo tempo que é específica e multifacetada. Também Peixoto & Almeida (1999), afirmam que o auto-conceito possui uma estrutura multidimensional, visto que o sujeito evolui em distintos contextos e ao implicar-se em diferentes tarefas, leva a que elabore cognições sobre os seus desempenhos nessas situações. Shavelson *et al.* (1976, citado por Serra 1988) refere que a um auto-conceito geral ligam-se diversos tipos de auto-conceitos, podendo os mesmos ser subdivididos em quatro tipos diferentes: auto-conceitos académicos, social, emocional e físico sendo que cada um deles é significativo em áreas diferentes.

Serra (1988) defende que se possam aceitar quatro tipos de influências que ajudam a construir o auto-conceito. Uma delas é o modo como as outras pessoas observam o indivíduo. De acordo com Shrauger e Shoeneman (1979, citado por Serra 1988) admite-se que o ser humano é levado a desenvolver uma espécie de fenómeno espelho, através do qual tende a observar-se da maneira como aqueles que o rodeiam, o consideram.

A segunda influência tem a ver com a noção que o sujeito guarda do seu desempenho em situações específicas ao poder julgar-se se é competente ou não, se se sai bem ou mal (Serra, 1988).

Uma terceira influência corresponde ao confronto da conduta da pessoa com a dos seus pares sociais com quem se encontra identificada. E finalmente, a quarta influência está relacionada com a avaliação de um comportamento específico em função de valores veiculados por grupos normativos. Nestas últimas duas variáveis, o sujeito pode considerar que se encontra próximo ou afastado deles, que procede bem ou mal e, devido a isso, sentir-se satisfeito ou insatisfeito (Serra, 1988). Ainda segundo o mesmo autor, todos estes factores acima mencionados poderão ajudar a constituir o auto-conceito que pode adquirir características positivas ou negativas.

É do consenso geral de vários autores (Burns, 1988; Harter, 1989, citado por Peixoto&Mata, 1993) que o desenvolvimento do auto-conceito não ocorre a partir de um certo momento. Cada pessoa tem múltiplas concepções sobre si e é razoável crer que a criança se apercebe de diferentes características, em graus diferentes de clareza, ao longo do seu desenvolvimento. Isto pode ser justificado pela evolução e riqueza das suas vivências, que se vão diversificando e complexificando à medida que ela cresce, pois o leque de pessoas com quem vai interagindo vai aumentando (amigos, colegas, professores), sendo as interações sociais, de acordo com alguns autores (Mead, 1934; Cooley, 1902; Burns, 1988, citado por Peixoto&Mata (1993) o factor principal na formação do *self* de um indivíduo.

As conclusões de alguns trabalhos de Harter (Harter&Pink, 1984; Harter, 1989, citado por Peixoto&Mata 1993) apontam no sentido de que dos 4 aos 7 anos já se fazem julgamentos sobre quatro domínios, sendo eles: competência cognitiva, competência física, aceitação social e conduta comportamental. Ainda segundo os mesmos autores, as crianças desta idade não conseguem fazer julgamentos sobre o seu auto-valor, o que não quer dizer que não desenvolvam sentimentos sobre o seu valor enquanto pessoas. A partir destas idades a estrutura do auto-conceito vai sofrendo algumas alterações, na medida em que os diferentes domínios vão-se diferenciando. É nessa altura que surge, segundo Harter (1989, cit. Peixoto&Mata 1993) a capacidade de se fazerem auto-julgamentos sobre o seu valor. Desta forma, (Harter, 1982, 1985, 1989, citado por Peixoto&Mata,1993) para as crianças dos 8 aos 12 anos já se diferenciam 5 tipos domínios nos seus auto-julgamentos: Competência Escolar, Competência Atlético, Aceitação Social, Aspectos Comportamentais e Aparência Física.

De acordo com Serra (1988) a faceta do auto-conceito que provavelmente terá maior realce sob o ponto de vista clínico, é a auto-estima. Assim, para Peixoto e Almeida (1999) a

auto-estima pode ser considerada como resultante da avaliação global que o sujeito faz das suas qualidades, possuindo uma componente fundamentalmente afectiva. Serra (1988) define a auto-estima como o produto dos julgamentos que a pessoa faz acerca de si própria, de onde decorrem atribuições de bom ou de mau feitas a aspectos considerados relevantes da sua identidade. Hattie (1992, citado por Peixoto & Almeida, 1999) defende que a auto-estima é normalmente considerada como um constructo que possui uma estrutura unidimensional.

Tanto o auto-conceito como a auto-estima podem ser considerados, simultaneamente, como estados ou traço (Campbell & Lavalley, 1993 citado por Peixoto & Almeida, 1999). Ou seja, pode considerar-se que os sentimentos e atitudes em relação ao próprio variam consoante as situações em que o sujeito se envolve, da mesma forma que um julgamento global do seu valor permanece estável ao longo do tempo. Assim, pode considerar-se que os diferentes auto-conceitos do sujeito, devido à sua maior especificidade, são mais permeáveis a influências contextuais e situacionais, enquanto que a auto-estima, com um carácter mais global, apresentará maior estabilidade.

De acordo com Serra (1988) ao pedir-se a um indivíduo que faça uma descrição de si próprio, através de uma escala de auto-conceito, tal como habitualmente se considera, está-lhe a ser solicitado que nos dê uma ideia do seu auto-conceito real. Porém, se ao invés disso, for pedido ao indivíduo que nos refira antes, em cada atributo como desejaria ser, neste caso ele mencionará o seu auto-conceito ideal. Ainda segundo o autor, o auto-conceito real e o auto-conceito ideal podem estar próximos ou afastados entre si. Desta forma, quanto menor for a diferença entre os mesmos, mais este facto sugere que o sujeito se aceita a si próprio tal como ele é, sendo então esta diferença um bom indicador do nível de auto-aceitação do indivíduo.

Dificuldades de Aprendizagem

De acordo com Berg (1998) um critério simples de avaliação da capacidade que uma criança tem de se adaptar ao mundo exterior é representado pela maneira como se comporta e aplica na escola. É na existência de um bom envolvimento emocional (*emotional holding*, nas descrições de autores anglo-saxónico) que assenta a base da construção do *self* de uma criança e posteriormente da sua capacidade de aprender (Strecht, 2008)

Assim, Strecht (2008) defende ser absolutamente indispensável olhar sempre para uma criança ou adolescente em meio escolar como um todo, nas suas múltiplas ligações entre desempenho cognitivo e emocional, tal e qual como na continuidade e inter-relação entre a vida familiar, escolar e social em toda a perspectiva temporal de ligação entre passado, presente e futuro.

A sensação de ser gostado, amado, fomenta a segurança. A segurança promove a autonomia. A autonomia promove o gosto de descobrir, conhecer. Conhecer favorece o desejo de crescer, pensar, sonhar, criar. Não ser gostado implica insegurança. Insegurança leva a maior dependência emocional. Esta fomenta a regressão, o desejo de involuir, estagnar, ou então, o medo de conhecer, o desejo de ignorar, esquecer ou, em ultimo caso, destruir. Se a isto se juntar a inserção num meio sócio -familiar pobre e pouco estimulante, estão criadas as condições para uma evolução mais negativa com uma rarefacção progressiva da vida psíquica (Strecht, 1999).

As dificuldades de aprendizagem dizem sobretudo respeito à capacidade de adquirir, reter e usar conhecimentos. Na maioria dos casos o que está em causa não é uma dificuldade do ponto de vista cognitivo ou do nível de desenvolvimento intelectual, mas sim um bem-estar emocional que crie disponibilidade interna para manter vivo um desejo de conhecer, com a respectiva possibilidade de guardar e saber utilizar de forma adequada e criativa o que se aprendeu (Strecht, 1999).

Ferreira (2002) descreveu um perfil-tipo das crianças com dificuldades de aprendizagem: são crianças com capacidade intelectual de base, ou seja, não são crianças débeis mentais, tendo potencial para a aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo; há curiosidade, mas recusa de pensar-aprender, porque pensar implica tomar consciência de uma realidade difícil para as suas defesas, assim não pensar é não sofrer; tristeza mais ou menos evidente, passagens ao acto frequentes, associando-se a hiperactividade o défice de atenção; apresentam soluções anti-pensamento; comunicação verbal pobre, limitada no conteúdo; pensamento apenas ligado ao concreto; e uma auto-imagem desvalorizada ou defensivamente enriquecida.

A actividade de representação e simbolização torna-se muito difícil para aquelas crianças que crescem sob débeis condições educativas e que, por essas mesmas razões, foram separadas dos seus pais. Resultam daí dificuldades de aprendizagem e a necessidade do contacto físico com o(s) pai(s) de que estão separados, uma vez que o contacto em pensamento, ou seja, a capacidade de pensar no outro ou nos objectos ausentes não pôde ser adquirida, quando afinal só ela permite ao psiquismo funcionar livremente e com criatividade (Berger, 1998).

Em geral, fazem parte dos “distúrbios de aprendizagem” os seguintes problemas: 1. distúrbios de atenção e concentração, que compreendem os comportamentos de sujeitos com ou sem hiperactividade, mas muito impulsivos e desatentos; 2. problemas perceptivos e de processamento da informação, que dizem respeito a actividades de escrita, de distinção de sons e de estímulos visuais, à aquisição vocabular, à compreensão e expressão verbal, enfim, considerados competências linguísticas; 3. dificuldades de leitura, que se manifestam

na aquisição das competências básicas, sobretudo na fase da descodificação, e que continuam em fases mais avançadas, ou seja, nas de compreensão e interpretação de textos; 4. dificuldades de escrita, que se revelam em erros ortográficos e na expressão escrita de vários tipos de composições; 5. dificuldades de matemática, que se revelam na aquisição da noção de número, no lidar com quantidades e relações espaço-temporais; 6. problemas na aquisição e utilização de estratégias para aprender, manifestados por falta de organização, empenhamento activo na aprendizagem, impedindo assim, de obter sucesso na aprendizagem (Lerner, 1988; Torgesen e Wong, 1986; citado por Rebelo, 1993).

As dificuldades na iniciação da aprendizagem escolar são sobretudo referidas ao domínio da leitura, escrita e cálculo. Podem ser globais, ou seja, dizerem respeito a estas três áreas principais, ou apenas a uma delas (Strecht, 1999).

As dificuldades na leitura e escrita são as mais comuns e as que levantam mais problemas pois a sua aprendizagem é central em todo o currículo e, mais do que isso, central para toda a vida em relação. Une-as o desenvolvimento e domínio da linguagem, área sempre afectada em todas as patologias mais intensas da saúde mental infantil e juvenil. A linguagem é a principal forma de comunicação entre cada um e o que o rodeia. Ela é sempre dependente da forma como se organizaram as relações emocionais que até esse momento a criança viveu predominantemente, e do padrão de comunicação preferencial que se estabeleceu. Assim, se a criança foi «falada e ouvida» de forma adequada durante os primeiros anos de vida, certamente desenvolveu a necessidade de se tornar compreendida, e isso é a base para o início da leitura (Strecht, 1999).

Segundo Barros (1999) para uma criança ler são necessárias algumas condições, nomeadamente: a existência de um corpo e experiências corporais estimulantes e agradáveis que emocionem a criança, assim como a possibilidade de exprimir esses sentimentos através do movimento, da expressão mímica e da comunicação verbal ou gestual em interacção com o outro, e objectos susceptíveis de captar a sua atenção que possa explorar à vontade, para progressivamente se vir a interessar por outras coisas mais complexas; a existência de um objecto de amor, ou seja, a presença de alguém que proporcione uma segurança básica (mãe ou quem cumpra essas funções), que ao dar segurança afectiva ajuda a criança a compreender o que vê; por último é necessária a consciência da criança em si própria, resultando esta auto-consciência, das relações de suporte e segurança que vai mantendo com os outros, no espaço próximo mais alargado.

A escrita surge depois a par da noção temporal de poder registar e, portanto, perpetuar, algo que se deseja comunicar. Emerge da experiência emocional de perda ou falha básica, da ausência de plenitude que qualquer pessoa desenvolve a partir dos

primeiros meses de vida, excepto em casos extremos: como é o caso de uma intolerável ausência ou vazio interior, ou até mesmo a presença maioritária de negativo sem preenchimento prévio suficientemente adequado para manter um equilíbrio narcísico (Strecht, 1999).

Também a aprendizagem do cálculo pode ser dramática para algumas crianças. Apesar de aqui também existirem vários factores em jogo, é útil lembrar o que este processo significa emocionalmente para uma criança. O cálculo matemático implica, para além da noção de número e quantidade, a capacidade de realizar as quatro operações básicas (soma, subtracção, multiplicação e divisão), sendo que nem todas têm simbolicamente o mesmo significado nem implicam o mesmo tipo de organização do pensamento: por exemplo, é habitual muitas crianças com vidas emocionais muito fragmentadas, com falhas afectivas significativas, terem mais dificuldade em realizar operações como a subtracção ou a divisão que, simbolicamente, representam tirar ou repartir, sendo mais fácil a soma e, por associação, a multiplicação (Strecht, 2008).

Ao nível da aprendizagem da matemática, um dos distúrbios mais frequentes é a discalculia. O termo “discalculia” designa os distúrbios, por parte do aluno, na aquisição e desenvolvimento de noções aritméticas, os quais, por sua vez, se manifestam em grandes dificuldades nas operações de cálculo (Rebelo, 1998).

As dificuldades no cálculo (discalculias) são também frequentes em crianças que iniciam a aprendizagem escolar e, não raramente, tem tendência a perpetuar-se à medida que o ensino da matemática avança, fazendo desta dificuldade um dos sérios entraves à regular progressão escolar (Strecht, 2008).

De acordo com Rebelo (1998), nas dificuldades de aprendizagem ao nível da matemática, encontram-se diversos problemas situados particularmente nas seguintes áreas: 1. linguagem: dificuldades em compreender e nomear termos matemáticos, em conseguir entender operações e conceitos, em descodificar problemas expressos por símbolos matemáticos; 2. Percepção: problemas em reconhecer ou ler símbolos numéricos ou sinais aritméticos ou em integrar objectos em conjuntos; 3. Atenção: dificuldades em copiar correctamente números ou figuras, em recordar e utilizar números acima da dezena e em observar os sinais operativos; 4. Matemática: dificuldades em observar a ordem dos números, contar objectos e aprender a tabuada.

Strecht (2008) defende que existe um grande grupo de casos em que a patologia subjacente às dificuldades escolares é forte e muito complexa, traduzindo sempre um grande mal-estar e sofrimento interno cujo grito de alerta é expresso no grande palco das vivências do dia-a-dia em que a escola de hoje se transformou, sobretudo a partir do momento em que, ao tornar-se inclusiva, isto é, desde que passou a agregar no seu espaço

físico e de relação todo o tipo de rapazes e raparigas indecentemente das suas capacidades e, mais que tudo, dos seus genuínos interesses, restou assim um amplo espectro de vivências familiares e sociais a que é impossível ficar alheio.

Ainda de acordo com o mesmo autor, é importante realçar que um bom trajecto escolar depende muito da qualidade das primeiras experiências de vida, mesmo quando elas dizem respeito a idades anteriores às do início da escolaridade: as crianças são um todo evolutivo e o que revelam aos 6 anos, num 1º ano, não tem apenas a ver com o que se passa nesse mesmo momento, antes reflecte igualmente tudo o que para trás ela viveu, quer do ponto de vista da vida afectiva, quer no que diz respeito ao seu desenvolvimento intelectual e afectivo.

Método

Amostra

As crianças participantes neste estudo estão inseridas numa instituição da Santa Casa da Misericórdia, fora de Lisboa. Por ser feita uma descrição das suas histórias de vida, decidiu-se alterar os nomes próprios das crianças, para que seja possível manter o anonimato das mesmas. Pelo mesmo motivo, não foi feita a revelação do nome da Lar. Porém, será feita uma breve descrição da instituição e do seu funcionamento.

Caracterização da Amostra

Para a realização deste estudo obteve-se uma amostra em que a faixa etária se situa entre os 8 e os 12 anos. Foram seleccionadas nove crianças, que se encontravam a frequentar o 1º ciclo do ensino básico. Visto que, para além das crianças apresentarem características psicológicas diferentes, foram também vítimas de diferentes tipos de maus-tratos tais aspectos contribuirão para que este estudo seja mais interessante, na medida em que pode possibilitar a compreensão do impacto tanto a nível psicológico, como escolar que os maus-tratos provocaram a estas crianças.

Nome	Idade	Permanência no lar	Tipo de Maltrato sofrido	Visitas	Ano de Escolaridade
Joana	9 Anos	3 Anos	Toxicodependência do pai, ausência de rendimentos do casal	Não vê os pais desde Julho de 2008	2º Ano
Manuela	8 Anos	11 Meses	Negligência ao nível da educação e saúde	Recebe visitas da mãe no lar ocasionalmente	2º Ano
Pedro	8 Anos	2 Anos	Negligência, exposição a modelos desviantes, falta de supervisão e acompanhamento familiar	Tem visitas dos pais e da avó no lar	2º Ano
Telma	10 Anos	2 Anos	Negligência, exposição a modelos desviantes, falta de supervisão, e acompanhamento familiar	Tem visitas dos pais e da avó no lar.	3º Ano
Catarina	10 Anos	7,5 Anos	Abandono materno, maus-tratos físicos e psicológicos	Vai para casa do pai aos fins-de-semana	3º Ano
Patrício	11 Anos	5 Anos	Negligência, exposição a modelos de comportamento desviante	Vais para casa da avó paterna e do pai aos fins-de-semana.	4º Ano
Ricardo	12 Anos	5,5 Anos	Negligência, incapacidade educativa e insuficiência ao nível das competências parentais	Vai para casa da mãe nos fins-de-semana	4º Ano
Damião	12 Anos	7,5 Anos	Abandono materno, maus-tratos físicos e psicológicos	Vai para casa do pai aos fins-de-semana	4º Ano
Cristina	11 Anos	3,5 Anos, mas saiu em Julho	Incapacidade educativa dos pais, maus-tratos físicos pelo pai (é alcoólico)	Tinha visitas da tia e ia para sua casa	4º Ano

Tabela 1: Dados informativos sobre a amostra

Procedimento

Para a realização deste estudo foram seleccionadas nove crianças que se encontravam a residir na instituição e que frequentavam o 1º ciclo do ensino básico. Após concordância da Directora e da Psicóloga do lar (Anexo A), foi recolhida a história anamnésica de cada criança, tendo sido essa informação cedida pelas técnicas da instituição. Depois, foi feita uma abordagem prévia e individual com cada criança, na qual lhes foi explicado o que iria acontecer nas sessões em que iriam estar com o Examinador. Pelo facto de o examinador ter realizado o seu estágio curricular na instituição no decorrer do presente ano, a maioria das crianças (pertencentes à amostra) já se encontravam familiarizadas com o mesmo.

Logo de início foi dito às crianças que iríamos encontrarmo-nos durante seis sessões, para realizar algumas actividades. A primeira sessão começou com uma conversa informal reforçando um pouco a razão pela qual nos encontrávamos ali e sobre aspectos banais do seu quotidiano com o objectivo de colocar as crianças o mais à vontade possível, para que se ambientassem. Depois, aplicou-se a primeira prova, a prova de leitura *Decifrar*. O motivo da escolha desta prova para uma primeira abordagem com as crianças, prendeu-se com o facto de a mesma ser realizada através do computador. Assim, foi uma forma de motivar e interessar as crianças para a realização das provas. Na segunda sessão aplicou-se a prova de escrita com o objectivo de compreender quais as dificuldades de aprendizagem da criança a este nível.

Na terceira sessão procedeu-se à resolução da prova de aritmética. O objectivo da aplicação desta prova é decifrar os possíveis problemas de aprendizagem no que respeita ao cálculo. No decorrer da quarta sessão, foi feita a passagem da Escala de Auto-Conceito de Susan Harter. Para facilitar um pouco e também para que a aplicação decorresse de uma forma mais célere, optou-se por ir lendo a Escala, sendo que a única função das crianças era escolher a resposta mais adequada. O objectivo da aplicação deste teste foi perceber como se auto-percepcionavam nos diferentes domínios que compunham a escala.

Na quinta sessão foi aplicada a Escala de Ansiedade Manifesta para Crianças e também foi feito um Desenho Livre por parte das crianças. Quanto à Escala de Ansiedade a mesma foi aplicada para verificar o nível de Ansiedade das crianças pertencentes ao estudo. No que diz respeito ao Desenho Livre, optou-se por realiza-lo nesta fase da avaliação pois de alguma forma neste momento as crianças já estariam mais familiarizadas com o Examinador e já se sentiriam mais à vontade perante a relação, permitindo assim a elaboração de projecções por parte da criança, permitindo assim um maior acesso ao seu mundo interno. Na sexta e última sessão, foi aplicada a prova projectiva do CAT. Optou-se

por aplicar esta prova em ultimo lugar, pois uma vez que é projectiva, a criança ao já ter alguma confiança com o examinador, projectando-se de uma forma menos defensiva sendo mais fácil aceder à sua estrutura inconsciente.

Instrumentos (Anexo B)

Escala de Auto-Conceito de Susan Harter (Anexo C)

Esta escala foi construída por Harter (1985) tendo sido adaptada para a população portuguesa (Alves Martins, Peixoto, Mata &Monteiro, 1995). Pretende analisar a forma como os sujeitos auto-percepcionam a sua competência em diferentes domínios e avaliar a sua auto-estima. Destina-se a sujeitos entre os 8 e os 12 anos (Alves Martins, Peixoto, Mata &Monteiro, 1995).

Escala de Ansiedade Manifesta para Crianças (CMAS-R) (Anexo D)

O CMAS-R (*Children's Manifest Anxiety Scale- Revised*) (Reynolds&Richmond 1978,cit por. Dias& Gonçalves, 1999) foi elaborada a partir de uma revisão do CMAS (*Children's Manifest Anxiety Scale*) de Castaneda e colaboradores (1956, cit. Dias & Gonçalves). Esta escala possui 37 itens, 28 dos quais relacionados com aspectos da ansiedade-traço estando os restantes 9 itens relacionados com deseabilidade social ou mentira. Os resultados da sub-escala que testa a ansiedade-traço situam-se entre 0 e 28 enquanto que os resultados da sub-escala de deseabilidade social ou mentira situam-se entre 0 e 9. Esta escala é utilizada em sujeitos com idades compreendidas entre os 6 e os 19 anos de idade (Fonseca, 1998^a).

Prova de Leitura "Decifrar"

O objectivo da Prova de Capacidade de Leitura "*Decifrar*" é averiguar a capacidade de leitura oral correcta de palavras isoladas, de grau crescente de dificuldade de decifração. Esta prova foi construída e elaborada para português, para crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 13 anos, (Salgueiro, 2002). Avalia os desvios entre a idade cronológica e a idade de leitura e o desvio dos quocientes de leitura de um desvio normativo médio de 100.

Provas de Escrita e de Cálculo (Anexo E)

Estas provas foram realizadas por Serra (2005), com o objectivo de ajudar não só professores, como também educadores e pais a diagnosticar e avaliar as dificuldades de aprendizagem das crianças que frequentam o ensino básico e conseqüentemente contribuir para a melhora no seu desempenho nas áreas académicas básicas e conseqüentemente para uma melhoria na sua auto-estima.

CAT: Children Apperception Test

O CAT é uma prova projectiva que permite aceder a conteúdos inconscientes dos sujeitos (crianças) que a realizam, permitindo um maior conhecimento do seu mundo interno. É composta por 10 cartões nos quais estão desenhados, a preto e branco mais ou menos esbatidos, animais familiares e selvagens cuja espécie varia de cartão para cartão. É destinada a crianças dos 3 aos 8-10 anos, de ambos os sexos (Chabert, 2000). Porém, pode ser utilizado com crianças um pouco mais velhas, desde que as mesmas estejam inseridas com crianças mais novas, ou então que sejam um pouco mais imaturas do que aquilo seria esperável para a sua idade.

Desenho Livre

O Desenho Livre é uma prova projectiva na qual o sujeito projecta o seu Eu, os seus conflitos, os seus fantasmas, as suas fantasias. De acordo com Aguiar (2004) o desenho infantil pode ser muito revelador do grau de maturidade da criança, seu equilíbrio emocional e afectivo.

É uma prova muito utilizada com crianças, pois este pode ser um bom ponto de partida para aceder a conteúdos inconscientes ou até mesmo a outros conteúdos que a criança não tenha capacidade para verbalizar.

Estudo de Caso – Joana (Anexo F)

Dados Anamnésicos

Entrou na instituição há 3 anos, juntamente com os seus dois irmãos. Os motivos de acolhimento foram: toxicod dependência do pai, a ausência de rendimentos do casal, o alcoolismo e agressividade do companheiro da avó materna e incapacidade educativa dos pais face aos menores. Quanto ao contacto com a família, os pais já não vão visitar a Joana e os seus irmãos desde Julho. A Joana e a sua irmã Eva têm uma “Família Amiga” com a qual costumam passar alguns fins-de-semana e feriados.

Na escola, segundo a professora, apresenta algumas dificuldades de aprendizagem e consequentemente uma baixa auto-estima na medida em que por vezes nem chega a tentar realizar determinados exercícios, dizendo logo que não é capaz de os fazer.

Resumo das Sessões

A Joana mostrou algum desinteresse ao longo da avaliação. Nas provas de avaliação das dificuldades de aprendizagem, a Joana tentou de alguma forma esquivar-se. Ou seja, não quis realizar as mesmas, adoptando como estratégia ficar em silêncio e recusar-se a realizá-las afirmando não ser capaz de as realizar.

É uma criança reservada, que num primeiro contacto não se dá a conhecer facilmente.

Auto-Conceito

Os domínios nos quais a Joana se considera mais competente são na Aparência Física e na Auto-estima. No entanto, apresentou resultados muito baixos no que compete aos domínios da Aceitação Social e da Competência Atlética.

A Joana atribui uma grande importância a todos os domínios do auto-conceito estudados através desta prova, sendo no entanto aquele que menos se destaca a Competência Atlética.

Ansiedade

Obeve um índice de ansiedade de 9. Na sub-escala de mentira apresentou um índice de 2. Este resultado remete para um nível muito baixo não só de ansiedade como de desejabilidade social. Quando comparados estes resultados, com os obtidos nos estudos normativos para a população portuguesa, apresenta tanto no que respeita ao índice de ansiedade como de desejabilidade social resultados abaixo da média quando comparado com crianças da mesma idade.

Prova de Leitura: Decifrar

Atingiu uma idade de leitura de 5,8 anos e um quociente de leitura de 64. Tendo em conta a idade cronológica com que realizou a prova, apresenta um nível de leitura muito abaixo da média das crianças da sua idade.

Não se mostrou capaz de elaborar a leitura nem sequer das palavras mais simples, constituídas apenas por duas sílabas. Foram muito poucas as palavras que conseguiu ler, e mesmo essas, fê-lo com grandes dificuldades. A Joana parece não conseguir fazer a junção das letras de forma a conseguir ler a palavra.

Prova de Escrita

Nesta prova, a Joana realizou apenas metade da cópia. Apresentou diversas dificuldades aquando da realização da mesma das quais se destaca: não colocar letras maiúsculas nas palavras que iniciam uma frase, não fazer espaços entre as palavras demonstrando assim que ainda não as conhece bem. Para além disso, também não respeita os parágrafos.

Através dos critérios elaborados pelo Ministério de Educação (2004) para cada ano de escolaridade, é bastante claro que a Joana apresenta bastantes dificuldades de aprendizagem ao nível da escrita, não se encontrando ao nível das crianças da sua idade e nem daquilo que seria de esperar, tendo em conta o ano de escolaridade em que se encontra.

Prova de Cálculo

A Jéssica não chegou a realizar qualquer exercício pertencente a esta prova, alegando não saber como realizá-los. Desta forma, não foi possível compreender o nível das suas dificuldades de aprendizagem neste domínio.

Desenho Livre

Por lapso do examinador, antes de realizar o seu desenho, a Joana viu o desenho de uma outra criança. Como tal, fez um desenho muito semelhante ao que tinha visto anteriormente. Através da história que conta do desenho, podemos apercebermo-nos de que a Joana, se sente um pouco distante relativamente à figura materna. A família não é sentida de forma unida.

CAT

As respostas dadas remetem para uma certa ambiguidade no que respeita às figuras parentais. Isto porque, se num momento são vistos como protectores e contentores, noutro já são vistos como negligentes. Uma das respostas remete para uma imagem materna

desvalorizada. Demonstra uma incapacidade, não só de lidar com a temática da cena primitiva como também no que diz respeito à solidão/abandono.

Síntese Geral

A Joana é uma criança muito reservada, muito tímida que demonstra dificuldades em estabelecer relação com quem não conhece bem. Perante as dificuldades mostra receio em arriscar, o que poderá remeter para um certo défice ao nível da auto-estima.

Os resultados obtidos através da Escala de Auto-Conceito revelam que a Joana se auto-percepciona como mais competente tanto na Competência Atlética, como na Auto-Estima. Este resultado ao nível da Auto-Estima é um pouco contraditório tendo em conta a restante informação recolhida ao longo da avaliação, visto demonstrar ser uma criança com uma grande insegurança em si própria. Dá grande importância a todos os domínios por esta prova estudados, sendo no entanto a Competência Atlética, de entre todos, o que considera menos importante.

Os resultados do CMARS remetem para um nível de ansiedade muito baixo. Na escala de mentira social, os resultados foram igualmente baixos o que poderá significar que a não se preocupou muito em dar respostas com o objectivo de agradar o examinador.

Quanto às dificuldades de aprendizagem, foi difícil analisar a extensão das mesmas, na medida em que a Joana nem se atreveu a executar os exercícios que lhe foram propostos, alegando não ser capaz de os executar. Mais especificamente, no que diz respeito à prova de leitura, a Joana demonstrou uma grande falta de confiança ao terem sido muito escassas as palavras que arriscou ler. De qualquer forma, quando o fez, mostrou grandes dificuldades nessa área, que estão expressas no seu quociente de leitura extremamente baixo.

Tanto na prova de escrita como na prova de cálculo, a Joana adoptou a mesma atitude. Isto é, recusou-se a realizar qualquer exercício, alegando não saber como resolvê-lo. Tal facto, veio corroborar a ideia de que a Joana para além das suas grandes dificuldades a nível escolar, apresenta uma grande dificuldade em lidar com as mesmas,

No CAT foi visível a sua incapacidade em lidar com a solidão e abandono, o que é extremamente compreensível não só por tudo o que passou ao nível dos maus-tratos, como também pelo facto de os seus pais ultimamente estarem a faltar às visitas no lar. Há efectivamente um grande sentimento de abandono por parte da Joana. Também foi possível constatar através desta prova que as figuras parentais são vistas de forma ambivalente. Ou seja, se por vezes são percebidas como negligentes, noutras momentos a Joana faz uma idealização, caracterizando os pais como protectores e securizantes.

As problemáticas inerentes à sua situação familiar também estão presentes no Desenho Livre na medida em que não vê a família como sendo unida, mostrando inclusivamente (e mais uma vez) que se sente distante da sua mãe. Parece-nos que tem algum medo em arriscar, na medida em que, não conseguiu realizar um desenho fruto exclusivamente da sua criatividade, optando por copiar um que já tinha visto.

Estudo de Caso – Manuela (Anexo G)

Dados Anamnésicos

Entrou na instituição há 11 meses, juntamente com os seus dois irmãos. Os motivos do acolhimento foram: negligência ao nível da educação e saúde, falta de acompanhamento e supervisão por parte dos seus pais. Quanto ao contacto com a família, a Manuela e os irmãos recebem a visita da mãe no Lar. O pai geralmente não comparece nas mesmas.

Na escola frequenta o segundo ano, sendo uma criança muito empenhada, interessada em obter bons resultados.

Resumo das Sessões

Ao longo da prova foi notória a sua necessidade de corresponder às expectativas, questionando frequentemente o examinador se os seus resultados estavam correctos. Porém, também foi visível o seu desagrado nas últimas sessões, pois a Manuela queria ir passear com a sua mentora na hora em que estava combinado ter sessão.

É uma criança que se expressa com muita facilidade, revela bom relacionamento com pares e adultos, é muito comunicativa e apelativa particularmente para com os adultos, solicitando com frequência a sua atenção.

Auto-Conceito

Obteve resultados mais elevados nos domínios da Aparência Física, na Competência Atlética, na Competência Escolar, demonstrando assim sentir-se competente a esses níveis. Quanto à Auto-Estima também este domínio apresenta-se bastante elevado. Os domínios que apresentam valores mais baixos dizem respeito à Aceitação Social e ao Comportamento.

A Manuela atribui extrema importância a todos os domínios do auto-conceito estudados através desta prova. Uma vez que apresenta um resultado bastante elevado no que respeita à Auto-estima, tal poderá estar relacionado com o facto de se considerar competente em domínios aos quais atribui grande importância.

Ansiedade

Obteve um índice de ansiedade de 28. Na sub-escala de mentira apresentou um índice de 7. Estes resultados remetem para um nível de ansiedade muito elevado, acontecendo o mesmo no que diz respeito à sub-escala de mentira. Quando comparados estes resultados, com os obtidos no estudo normativo para a população portuguesa, apresenta um índice de ansiedade muito acima da média quando comparado com crianças da mesma idade. Encontra-se com resultados igualmente acima da média na escala de mentira, quando comparada com crianças da mesma idade (através dos estudos normativos).

Prova de Leitura: Decifrar

Atingiu uma idade de leitura de 10 anos e um quociente de leitura de 119. Tendo em conta a sua idade cronológica, a idade de leitura e conseqüentemente o quociente de leitura, tudo isto se traduz num resultado extremamente positivo. Isto é, a Manuela possui um nível de leitura acima do nível que seria esperado tendo em conta a sua idade (cronológica).

Conseguiu ler a maioria das palavras com grande facilidade. Porém, não deixou de existir algumas palavras em que cometeu alguns erros na sua leitura, que tiveram essencialmente que ver com a acentuação e com a substituição de letras nas palavras.

Prova de Escrita

A Manuela apresentou-se muito à vontade nesta prova. Realizou textos muito elaborados, tendo em conta a sua idade e ano de escolaridade, demonstrando um grande sentido de criatividade e coerência. Realizou a cópia sem grandes dificuldades e não deu muitos erros ortográficos. Pode assim dizer-se que não apresenta dificuldades de aprendizagem a este nível.

Prova de Cálculo

Demonstrou conhecer os números e saber ordená-los. Consegue elaborar operações simples mentalmente. Ainda não possui a noção de dezena e centena, noção que segundo os critérios do Ministério da Educação (2004) já deveria possuir tendo em conta o seu ano de escolaridade. Apresenta também dificuldades na realização de operações matemáticas.

Desta forma, poderá dizer-se que a Maria apresenta algumas dificuldades de aprendizagem no que toca ao cálculo.

Desenho Livre

Fez um desenho de acordo com a sua idade. Demonstra alguma defensividade na medida em que não dá espaço para grandes projecções. Porém, é possível verificar a presença de afectos e de emoções através do mesmo.

CAT

Recorre frequentemente ao evitamento do conflito. Demonstra alguma incapacidade para lidar com a solidão e o abandono. Nas suas respostas há uma grande ambivalência (bom-mau) no que respeita às figuras parentais. Se nuns momentos as figuras parentais são vistas como pouco contentoras ou securizantes, noutros momentos idealiza-as.

Síntese Geral

A Manuela é uma menina muito vivaz, muito espontânea, com uma grande necessidade de ser apreciada pelos outros quer se trate dos seus pares ou de adultos.

Quanto ao auto-conceito, através da prova realizada foi possível constatar que se considera muito competente na maioria dos domínios. Os domínios nos quais apresenta resultados menos elevados dizem respeito à aceitação social e ao comportamento. Tal torna-se muito curioso, se tivermos em conta de que a Manuela demonstra uma grande necessidade de ser gostada pelos outros, adoptando para isso, uma atitude por vezes sedutora, de maneira a atingir o seu objectivo. Apresentou também um alto nível de auto-estima que possivelmente estará relacionado com o facto de ser uma criança com grandes competências não só académicas, como sociais, sendo muito apreciada por aqueles que a rodeiam.

No que respeita à ansiedade apresenta valores extremamente elevados, significando assim que a Maria se sente muito ansiosa. Este resultado faz-nos pensar que existe uma extrema necessidade em que este aspecto seja trabalhado. A sub-escala de mentira com um resultado tão elevado, corrobora a ideia de que a Manuela tem uma grande necessidade de agradar aqueles que a rodeiam, quer seja através de gestos, palavras ou até mesmo acções.

Demonstra uma atitude de confiança face à escola, tendo a noção correcta das actividades a desempenhar em contexto escolar. Na prova de leitura, obteve excelentes resultados que a colocaram num nível acima do esperado para a sua idade, podendo assim concluir-se que não possui dificuldades de aprendizagem no que toca à leitura. Quanto à prova de escrita, também obteve um excelente resultado, mostrando possuir capacidades a este nível que estão acima daquilo que seria esperado para a sua idade. Inclusivamente a Maria fez questão de o mostrar, realizando textos muito elaborados. Esta poderá ter sido uma estratégia para tentar “agradar” o examinador. Quanto à prova de cálculo já demonstrou algumas dificuldades de aprendizagem na medida em que, entre outras coisas, ainda não consegue realizar operações matemáticas correctamente.

Através do CAT verifica-se uma certa ambivalência no que diz respeito às figuras parentais visto que numas vezes refere os pais como figuras pouco contentoras e protectoras enquanto que noutras, idealiza, sentindo-os como capazes de a protegerem e resolverem todas as situações. Ao longo desta prova utilizou de uma forma muito visível e recorrente a idealização.

Quanto ao Desenho Livre, está de acordo com a sua idade, estando presente no mesmo, expressão de emoções, afectos. Talvez por ser uma criança muito madura (tendo

em conta a sua idade), defendeu-se muito na realização do Desenho, não elaborando grandes projecções.

Estudo de Caso – Pedro (Anexo H)

Dados Anamnésicos

Entrou na instituição há 2 anos juntamente com a sua irmã. Os motivos de acolhimento foram: negligência, exposição a modelos desviantes, falta de supervisão e acompanhamento familiar. Quanto ao contacto com a família, é assegurado telefonicamente, sendo que a família também faz visitas às crianças no lar. As crianças não frequentam a casa do agregado familiar. Neste momento têm também uma “Família Amiga” com a qual passam alguns fins-de-semana.

Na escola demonstra uma atitude de entusiasmo e motivação em relação às actividades propostas pela professora. Apresenta um nível muito bom de concentração e atenção assim como de respeito em relação ao seus colegas e professora.

Resumo das Sessões

O Pedro apresentou uma atitude distónica ao longo da avaliação. Inicialmente esteve muito interessado e disponível perante as provas. No entanto, houve sessões nas quais se notou que se encontrava emocionalmente fragilizado, mostrando alguma tristeza (houve uma sessão que chegou mesmo a chorar) e falta de auto-estima. Foi visível a necessidade por parte do Pedro de exteriorizar os seus sentimentos de angústia. Depois de realizar a prova de ansiedade, o Pedro falou-me da sua família e mostrou-se muito triste e magoado perante determinados episódios da sua vida familiar.

Auto-Conceito

O Pedro possui resultados muito elevados em todos os domínios do auto-conceito. Aqueles em que obteve pontuação mais elevada (4, pontuação máxima) foram na Competência Escolar e na Aceitação Social, o que significa que o Pedro se sente competente nesses domínios. Logo a seguir os domínios com pontuações mais elevadas foram a Competência Atlético e a Auto-estima. Os domínios que tiveram pontuações mais baixas (embora continuem a ser elevadas tendo em conta as médias dos resultados da adaptação da escala para a população portuguesa) foram a Aparência Física e no Comportamento.

Atribui extrema importância a todos os domínios do auto-conceito estudados através desta prova. Uma vez que apresenta um resultado muito elevado no que respeita à Auto-

Estima, tal poderá estar relacionado com o facto de se considerar competente em domínios aos quais atribui grande importância.

Ansiedade

Obteve um índice de ansiedade de 21. Na sub-escala de mentira apresentou um índice de 2. Este resultado demonstra que já possui um nível de ansiedade razoável, enquanto que ao nível da escala de mentira apresenta um resultado baixo. Quando comparados estes resultados, com os obtidos no estudo normativo para a população portuguesa, apresenta um índice de ansiedade muito acima da média quando comparado com crianças da mesma idade. Quanto à escala de mentira, encontra-se abaixo da média quando comparada com crianças da mesma idade (através dos estudos normativos).

Prova de Leitura: Decifrar

Atingiu uma idade de leitura de 9,2 anos e um quociente de leitura de 116. Tendo em conta a sua idade cronológica, a idade de leitura e conseqüentemente o quociente de leitura obteve um resultado extremamente positivo. Ou seja, o Pedro possui um nível de leitura acima daquilo que seria esperado tendo em conta a sua idade (cronológica).

Tendo em conta a sua idade, conseguiu ler um grande número de palavras correctamente. Porém, também cometeu alguns erros na leitura de algumas palavras aparentemente mais complexas. Os erros que cometeu prendem-se essencialmente com a acentuação e também com omissão de letras ou sílabas nas palavras.

Prova de Escrita

Tendo em conta a sua idade e ano de escolaridade que frequenta o Pedro conseguiu realizar uma boa prova. Ou seja, conseguiu copiar com relativa facilidade textos. Não dá muitos erros ortográficos e revela muitas capacidades para a elaboração de textos. O principal problema a este nível é na letra, que não é muito legível. Tendo em conta o desempenho nesta prova, não apresenta dificuldades de aprendizagem a este nível.

Prova de Cálculo

Teve um bom desempenho tendo em conta a sua idade e ano de escolaridade em que se encontra. Assim, conseguiu realizar operações matemáticas simples, tem conhecimento dos números, tem a noção de dezena e centena. Pode dizer-se que não apresenta dificuldade de aprendizagem a este nível.

Desenho Livre

Mostrou uma grande fragilidade, um grande sofrimento aquando da realização deste desenho. Através do desenho representa as suas angústias, fazendo referência a comportamentos desviantes.

CAT

O Pedro apresenta algumas dificuldades perante temáticas relacionadas com a solidão e abandono, na medida em que caracteriza todas as personagens que estão sozinhas como tristes. Para além de existir uma incapacidade em lidar com questões que remetam para a cena primitiva, apresenta também algumas dificuldades em elaborar a agressividade.

Síntese Geral

O Pedro é uma criança bastante frágil, na qual são muito notórios os efeitos de toda a situação pela qual passou. Tem um comportamento ambivalente, em que numas vezes encontra-se muito bem disposto sendo bastante meigo e noutras vezes revela uma grande tristeza e revolta. Para além disso, tem a capacidade de verbalizar aquilo que sente, demonstrando assim capacidade para pensar sobre si próprio e sobre aquilo que o atormenta.

No que respeita ao auto-conceito, apresentou resultados muito elevados que remetem então para um sentimento de grande competência em todos os níveis. Um dos domínios que se destacou foi da competência escolar. O facto de apresentar um bom rendimento escolar poderá explicar este sentimento de grande competência ao nível académico. Apresentou também um elevado nível de auto-estima. Porém, este resultado não está em consonância com a atitude do Pedro. É uma criança muito frágil, com grandes sentimentos de insegurança. Tal foi muito difícil aquando da realização do Desenho Livre, no qual demonstrou uma enorme fragilidade, um grande sofrimento interno revelador da instabilidade emocional em que parece encontrar-se.

Quanto ao nível de ansiedade, apresenta níveis relativamente elevados, estando este resultado muito de acordo com a sua maneira de estar. É um exemplo muito evidente de uma criança que é ansiosa e preocupada, devido a tudo aquilo que já vivenciou.

Tendo em conta a sua idade, não apresenta grandes dificuldades de aprendizagem. Pelo contrário, no que toca à leitura está num nível acima daquele que seria esperado conseguindo ler com grande facilidade a maioria das palavras. No que respeita à escrita, também se encontra com um desempenho adequado à sua idade, sendo que o único problema é ao nível da letra, que em alguns momentos é quase ilegível.

No que respeita ao cálculo, também não apresenta problemas de aprendizagem sendo que teve um desempenho muito adequado para aquilo que seria de esperar de uma criança da sua idade e frequentadora do ano de escolaridade em que se encontra.

O Desenho Livre foi talvez a prova que mais facilmente demonstrou a fragilidade emocional em que o Pedro se encontra, estando a mesma relacionada com algumas vivências traumáticas que ainda hoje estão muito presentes e que lhe causam um grande sofrimento.

Através do CAT, verificou-se mais uma vez a sua incapacidade em lidar com o abandono e solidão. De facto, o Pedro revela um grande receio de ser novamente abandonado. As questões relacionadas com a agressividade ainda não estão completamente elaboradas.

Estudos de Caso – Telma (Anexo I)

Dados Anamnésicos

Entrou na instituição há 2 anos juntamente com a sua irmã. Os motivos de acolhimento foram: negligência, exposição a modelos desviantes, falta de supervisão e acompanhamento familiar. Quanto ao contacto com a família, o mesmo é assegurado telefonicamente, sendo que a família também faz visitas às crianças no lar. As crianças não frequentam a casa do agregado familiar. Neste momento têm também uma “Familia Amiga” com a qual passam alguns fins-de-semana.

Na escola, a menor mostra entusiasmo em relação às actividades propostas pela professora. Apresenta por vezes algumas dificuldades de concentração, ocupando-se com outras actividades não sugeridas pela professora.

Resumo das Sessões

Reagiu com à-vontade e motivação durante a passagem de todas as provas. Verificou-se algumas dificuldades ao nível da concentração, uma vez que facilmente se distrai com estímulos externos.

Denota-se uma certa perversidade na Telma, no que diz respeito à forma como se comporta. Ou seja, é notória uma certa necessidade de provocar um pouco os adultos, de tentar enganar dizendo algumas mentiras, com o objectivo de testar os mesmos. É uma criança muito activa, capaz de se relacionar com os seus pares.

Ansiedade

Obteve um índice de ansiedade de 23. Na sub-escala de mentira apresentou um índice de 2. Estes resultados demonstram um nível elevado de ansiedade, enquanto que ao nível da escala de mentira apresenta um resultado baixo. Quando comparados estes resultados, com os obtidos nos estudos normativos para a população portuguesa, apresenta um índice de ansiedade muito acima da média quando comparado com crianças da mesma idade ao contrário do que acontece na escala de mentira na qual se encontra abaixo da média.

Auto-Conceito

De um modo geral a Telma obteve resultados altos nos diferentes domínios do auto-conceito, sendo que aqueles em que obteve resultados mais elevados foram na Aparência Física e na Auto-estima. Os domínios nos quais se sente menos competente são a aceitação social e a competência atlética.

A Telma atribui uma grande importância a todos os domínios do auto-conceito estudado através desta prova. O facto de apresentar um valor de auto-estima tão elevado poderá estar relacionado com o facto de se auto-percepcionar como competente na maioria dos domínios, ao mesmo tempo que os considera como muito importantes.

Prova de Leitura: Decifrar

Atingiu uma idade de leitura de 8.5 anos e um quociente de leitura de 83. Tendo em conta a sua idade cronológica, a idade de leitura e conseqüentemente o quociente de leitura é possível verificar que a Telma apresenta um nível de leitura abaixo daquilo que seria esperado tendo em conta a sua idade (cronológica). Os seus erros prenderam-se com a troca de letras nas palavras (principalmente do m pelo n) sendo notório uma aprendizagem não consolidada das letras. Realiza algumas omissões de sílabas nas palavras. Tem também tendência para inventar palavras quando tem dificuldades. Relativamente à sua idade, a Telma apresenta algumas dificuldades de aprendizagem ao nível da leitura.

Prova de Escrita

Teve uma prestação razoável nesta prova, conseguindo fazer bem a cópia e elaborando textos com grande criatividade. O seu principal problema a este nível, é no que diz respeito aos erros ortográficos, sendo os mesmos muito presentes nos seus textos.

Apesar de apresentar alguns problemas, ao nível da escrita, e tendo em conta a sua idade e ano de escolaridade que frequenta, não é possível dizer que apresente dificuldades de aprendizagem muito evidentes a este nível.

Prova de Cálculo

A este nível apresentou uma prestação razoável. Demonstrou conhecimento dos números e da sua relação de grandeza, demonstrando ligeiras dificuldades em algumas operações matemáticas e de resolução de situações problemáticas. Encontra-se portanto num nível razoável, tendo em conta o seu ano de escolaridade.

Desenho Livre

A temática do seu desenho está de acordo com a sua idade. Demonstra alguns sentimentos de voyeurismo na medida em que os olhos são sobrevalorizados na representação gráfica. Realizou um desenho colorido e representativo de afectos.

CAT

A Telma elaborou respostas ricas em projecções, sendo assim possível concluir-se que não houve necessidade da sua parte de adoptar uma postura muito defensiva.

As figuras parentais (principalmente a mãe) são, na maioria das vezes, vistas como contentoras e protectoras na medida em que são referidos em situações potencialmente ansiogénicas para a criança. Porém, uma das respostas remete para uma imagem paterna desvalorizada. Deu algumas respostas com um conteúdo um pouco promíscuo e/ou incestuoso.

Síntese Geral

A Telma é uma menina extremamente activa mas que no entanto também apresenta um comportamento um pouco perverso na medida em que se torna facilmente visível a sua grande necessidade de testar os outros, de tentar colocá-los perante situações ou circunstâncias desagradáveis. Demonstrou ser uma criança com grandes dificuldades ao nível da concentração, sendo frequentes os momentos em que se encontrava alheada (principalmente nas provas que remetiam para as dificuldades de aprendizagem).

Quanto à ansiedade, apresentou um resultado muito elevado o que faz prever que este seja um aspecto com uma grande necessidade de ser trabalhado, de forma a melhorar um pouco o seu bem-estar emocional.

No que toca ao auto-conceito apresentou auto-percepções muito elevadas na maioria dos domínios. Visto que também fez uma sobrevalorização dos domínios que constituem esta escala, aliado ao facto de apresentar um nível de auto-percepção elevado nos mesmos, tal poderá ter contribuído para o resultado também elevado no que toca à auto-estima.

Relativamente às dificuldades de aprendizagem, pode dizer-se que a todos os níveis a Telma apresentou pequenos problemas, sendo que o mais visível foi ao nível da leitura, apresentando um resultado consideravelmente abaixo daquilo que seria de esperar tendo em conta a sua idade. Na escrita, os seus principais problemas foram ao nível dos erros ortográficos enquanto que no cálculo apresentou alguns problemas na realização de operações matemáticas.

Acredita-se que o facto de a Telma apresentar, na maioria das vezes, uma atenção flutuante, essa situação poderá condicionar o seu desempenho nas provas escolares.

Verificou-se, através do seu desenho livre a existência de um certo sentimento de voyeurismo. Tal poderá estar relacionado com situações antecedentes, nas quais foi testemunha de comportamentos desviantes. Por outro lado, a temática do desenho encontra-se de acordo com a sua idade.

No que diz respeito ao CAT, mais uma vez constatou-se que é uma criança que possui uma grande criatividade, na medida em que realizou diversas projecções. Faz uma idealização da figura materna, referindo-a como protectora e securizante perante situações ansiogénicas. Também existe, no decorrer do seu protocolo, algumas respostas que remetem para um conteúdo algo perverso, ficando a dúvida se terá sido testemunha de situações de cariz sexual.

Estudos de Caso – Catarina (Anexo J)

Dados Anamnésicos

Está na instituição há 7 anos e meio, com o seu irmão Damião. Os motivos que levaram ao seu acolhimento foram: abandono materno, maus-tratos físicos e psicológicos (ameaça, depreciação), exercício abusivo da autoridade por parte do pai. A Catarina e o irmão visitam a casa do pai todos os fins-de-semana, tendo com este um contacto frequente. Inclusive, o projecto de vida dos irmãos passa pelo retorno a casa do pai, visto este ter alterado os seus comportamentos mais inadaptados, tendo-se interessado muito pela educação dos seus filhos. Quanto à escola, está no 3ºano tendo no entanto a sua aprendizagem incidido essencialmente em conteúdos de 2º ano. Embora a sua integração tenha sido difícil, agora encontra-se adaptada, estabelecendo uma boa relação com a professora e colegas. Empenhou-se no decorrer deste ano lectivo, adquirindo algumas aprendizagens essenciais. Porém, segundo o parecer da sua professora, ainda necessita de consolidar algumas competências mínimas fundamentais ao seu percurso escolar.

Resumo das Sessões

Apresentou um comportamento distónico ao longo da avaliação pois numas sessões mostrou-se interessada e motivada em concretizar as provas que lhe eram propostas e noutras sessões mostrou-se indisponível. É uma criança impulsiva, por vezes não acata aquilo que lhe é dito pelos adultos. Necessita de um ambiente estável, com limites bem marcados e onde se sinta segura e amada, para conseguir estruturar-se e relacionar-se com os que a rodeiam.

Auto-Conceito

Apresenta um nível de auto-percepção elevado em todos os domínios estudados através desta prova, sendo aqueles que mais se destacaram a Aparência Física e a Auto-Estima. Seguiram-se os restantes domínios (Competência Escolar, Aceitação Social, Competência Atlético, Comportamento) nos quais apesar de ter uma nota um pouco mais baixa em relação às outras, continua a situar-se num nível elevado, tendo em conta os resultados verificados na adaptação da escala utilizada, à população portuguesa. A Catarina atribui grande importância a todos os domínios do auto-conceito estudados através desta prova. Uma vez que apresenta um resultado muito elevado no que respeita à auto-estima, tal poderá estar relacionado com o facto de se considerar competente em domínios aos quais atribui grande importância.

Ansiedade

Obeve um índice de ansiedade de 8. Na sub-escala de mentira apresenta um índice de 5. Este resultado remete para um nível baixo de ansiedade. Ao nível da deseabilidade social já apresenta um resultado relativamente elevado. Quando comparados estes resultados, com os obtidos nos estudos normativos para a população portuguesa, a Catarina apresenta um índice de ansiedade abaixo da média. Isto é, tem um índice de ansiedade inferior às crianças que participaram no estudo normativo. Quanto à escala de mentira, encontra-se dentro da média quando comparada com crianças da mesma idade (através do estudo normativo).

Prova de Leitura Decifrar

Atingiu uma idade de leitura de 6.2 e um quociente de leitura de 63. Tendo em conta a idade cronológica com que realizou a prova, apresenta um nível de leitura bastante abaixo para aquilo que é normal nas crianças da mesma idade. Não foi possível detectar o tipo de dificuldades que a Catarina apresenta na leitura pois assim que surgiram palavras mais complexas, constituídas por mais do que duas sílabas, a Catarina simplesmente desistiu dizendo que não era capaz.

Prova de Escrita

Conseguiu fazer com relativa facilidade a cópia do texto, usou correctamente as maiúsculas. Porém apresentou grandes dificuldades em escrever as palavras, pois dá muitos erros ortográficos e apresenta também muitas dificuldades em fazer a pontuação correcta quando elabora textos. Para além disso não revela muita coerência nos textos que realiza. Apresenta portanto dificuldades muito relevantes nesta área.

Prova de Cálculo

Conhece bem os números e a sua ordem de grandeza assim como também é capaz de realizar operações matemáticas simples mentalmente. No entanto, não tem a noção de dezena nem de centena, noções essas que já deveria ter adquirido tendo em conta a sua idade e ano de escolaridade, de acordo com os critérios do Ministério da Educação (2004). Também não é capaz de resolver problemas que impliquem interpretação. De acordo com o seu desempenho poderá dizer-se que apresenta dificuldades de aprendizagem a este nível.

Desenho Livre

No seu desenho existe representação de afectos, de sentimentos. É uma criança que através do desenho, faz tentativas de agradar o examinador, mostrando-se interessada e colaborando na tarefa.

CAT

Ao longo da prova conseguiu sempre elaborar projecções, não tendo um discurso muito apegado ao conteúdo manifesto. Refere as figuras parentais como contentoras e potenciadoras de bem-estar. Demonstra alguma incapacidade em lidar com temas que remetam para a cena primitiva e também com a temática da solidão/abandono.

Síntese Geral

A Catarina nem sempre apresenta o comportamento mais adequado. Necessita de um ambiente acolhedor e estruturado que lhe permita conter as suas angústias. Constatam-se algumas dificuldades em elaborar as emoções e pensamento, o que terá sido fruto de uma falha muito precoce na relação com a figura materna e de uma figura paterna sentida simultaneamente ora ameaçadora, ora fonte de afecto e segurança.

No que diz respeito ao auto-conceito, a Catarina demonstra sentir-se muito competente em todos os domínios, sendo que aqueles que mais se destacam são a aparência física e a auto-estima. Tal como a maioria das outras crianças pertencentes a esta amostra, a competência escolar é sempre um domínio (tendo em conta os restantes) no qual se sente menos competente. Tal poderá estar relacionado com a consciência das dificuldades que possui a esse nível. Demonstrou também uma sobrevalorização dos domínios por esta escala estudados.

Obeve resultados que remetem para um nível de ansiedade extremamente baixo. Porém, os seus resultados na escala de mentira remetem para uma necessidade de dar respostas “politicamente correctas”, possivelmente com a intenção de criar boa impressão no examinador.

Através do seu desempenho, verifica-se que a Catarina apresenta muitas dificuldades de aprendizagem. No que respeita à leitura, está num nível muito abaixo da sua idade. Porém, a sua atitude perante a prova (quis desistir quando o nível de exigência aumentou) não permite compreender objectivamente até que ponto vão as suas dificuldades nesta área. Quanto à escrita, as suas dificuldades são muito visíveis aquando da elaboração de textos. Aí ficam patentes as suas dificuldades em escrever as palavras correctamente, em utilizar a pontuação correctamente. Finalmente, no que diz respeito ao cálculo, também teve um desempenho aquém daquilo que seria de esperar tendo em conta a sua idade, na medida em que ainda apresenta alguma dificuldade em operações matemáticas (subtracção), em realização problemas com um nível simples. Também a este nível apresenta dificuldades de aprendizagem. No Desenho, ao contrário de outros meninos, foi visível a elaboração de afectos e emoções. Porém, não deixou de ser um desenho que retrata alguma defensividade, devido à temática comum do mesmo. Mostrou necessidade de entrar em relação, adoptando uma atitude muito cooperante ao longo do desenho.

No CAT, não adoptou uma postura defensiva conseguindo por isso elaborar muitas projecções. Demonstra alguma incapacidade para lidar com o abandono/solidão. Também foi visível uma certa idealização quando se referiu às figuras parentais referindo-as como

protectoras e securizantes (a idealização está sobretudo patente no que diz respeito à mãe na medida em que a mesma abandonou-a a si e ao seu irmão).

Estudo de Caso – Patrício (Anexo K)

Dados Anamnésicos

Entrou na instituição há cinco anos juntamente com a sua irmã. Os motivos de acolhimento foram: exposição a modelos de comportamento desviante, negligência ao nível da higiene e saúde, precariedade económica da família. Quanto ao contacto com a família, o Patrício e a sua irmã vão passar todos os fins-de-semana, feriados e períodos de férias a casa da avó paterna e do pai. A avó tem, inclusivamente, demonstrado um grande empenho e motivação quanto ao projecto de reintegração familiar dos netos no seu agregado familiar. Quanto à mãe do Patrício, não tem comparecido para o visitar.

Na escola o Patrício encontra-se no quarto ano, demonstrando ser uma criança esperta e inteligente. Porém, nem sempre se comporta da melhor maneira, estando por vezes desconcentrado.

Resumo das Sessões

O Patrício manteve uma atitude de disponibilidade e à-vontade durante a avaliação. Porém, perante provas nas quais, aparentemente, se sentia menos competente, foi visível um ligeiro desconforto. É uma criança que interage facilmente com pares e adultos, tendo demonstrado ao longo da avaliação um bom comportamento. Demonstrou também ser curioso, mantendo interesse por aquilo que o rodeia.

Auto-Conceito

Apresentou resultados bastante homogêneos no que diz respeito aos diferentes domínios do auto-conceito que compõem esta prova, sendo os mesmos relativamente elevados. Os domínios em que apresentou resultados mais elevados foram na Competência Escolar e na Competência Atlética, o que demonstra que se sente competente nesse domínios. Os domínios nos quais apresenta resultados mais baixos, são a Aparência Física e o Comportamento. Ou seja, de entre todos os domínios estudados através desta prova, estes são aqueles em que o Patrício se auto-percepciona como menos competente.

O Patrício atribui uma grande importância a todos os domínios do auto-conceito estudados através desta prova. Visto que na generalidade dos domínios auto-percepcionou-se como competente e visto também, que atribui a esses mesmos domínios grande importância, tal situação poderá explicar o alto resultado ao nível da Auto-estima.

Ansiedade

Obeve um índice de ansiedade de 25. Na sub-escala de mentira apresenta um índice de 3. Este resultado demonstra que tem um elevado nível de ansiedade não tendo no entanto apresentado um resultado muito elevado na escala de mentira, o que demonstra que respondeu sinceramente e que sentiu necessidade de dar respostas socialmente adequadas. Quando comparados estes resultados, com os obtidos nos estudos normativos para a população portuguesa, apresenta um índice de ansiedade muito acima da média quando comparado com crianças da mesma idade. Tendo em conta os mesmos estudos, no que respeita à escala de mentira encontra-se ligeiramente abaixo da média, quando comparado com crianças com a mesma idade.

Prova de Leitura: Decifrar

Atingiu uma idade de leitura de 10 anos e um quociente de leitura de 90. Tendo em conta a idade cronológica com que realizou a prova, apresenta um nível de leitura ligeiramente abaixo da média das crianças da sua idade.

Leu grande parte das palavras com aparente facilidade. Porém, também realizou alguns erros aquando da leitura de algumas palavras. Esses mesmos erros prenderam-se essencialmente com substituição de letras nas palavras e também ao nível da acentuação.

Prova de Escrita

Consegue copiar razoavelmente textos, escreve com poucos erros ortográficos. As suas dificuldades incidem essencialmente no que toca à elaboração de textos. Ou seja, apresenta dificuldades em conseguir construir um texto e desenvolvê-lo. De acordo com o seu desempenho nesta prova e tendo em conta os critérios elaborados pelo Ministério da Educação (2004) pode dizer-se que apresenta ligeiras dificuldades a este nível.

Prova de Cálculo

Teve um óptimo desempenho na realização desta prova. Conhece bem os números, realiza sem qualquer dificuldade as operações matemáticas e nem sequer apresentou dificuldades em realizar os problemas. Foi exemplar ao longo da prova, tornando-se óbvio que não revela qualquer dificuldade de aprendizagem a este nível.

Desenho Livre

Demonstrou uma atitude muito defensiva, tendo recusado de início fazê-lo. Quando o realizou, não investiu muito no desenho reforçando mais uma vez a sua defensividade. O seu desenho remete para algum receio nas relações com os outros e também para um desejo de protecção. Fez um grande isolamento de afectos.

CAT

Ao longo da prova demonstra uma grande criatividade através de todas as histórias que conta, tendo conseqüentemente elaborado muitas projecções. Em algumas das suas respostas, está também patente uma má elaboração das pulsões agressivas. As figuras parentais são vistas como contentoras e proporcionadores de bem-estar.

Síntese Geral

O Patrício é um menino simpático e bastante curioso por aquilo que o rodeia, demonstrando ser uma criança bem comportada. Demonstrou não se sentir muito confortável quando é confrontado com as próprias dificuldades.

Quanto ao auto-conceito, o Patrício apresenta um grande sentimento de competência em todos os domínios estudados. Aqueles que se destacam são a competência escolar e atlética. O facto de o Pedro se encontrar razoavelmente adaptado à escola, sem muitas dificuldades poderá realmente contribuir para se sentir competente ao nível académico. Apresentou também um resultado bastante alto no que diz respeito à auto-estima. O facto de ter feito uma sobrevalorização dos vários domínios juntamente com o facto de apresentar um alto nível de auto-percepção nos mesmos poderá contribuir para que tenha tido um nível de auto-estima tão elevado.

No que toca à ansiedade, apresenta resultados muito elevados o que demonstra que o Patrício se sente bastante ansioso. Porém, através da escala de mentira podemos antever que não existe da sua parte uma grande necessidade em dar respostas “politicamente correctas” com o objectivo de dar uma boa impressão ao examinador.

No que toca às dificuldades de aprendizagem, teve diferentes desempenhos nas diferentes provas. Ou seja, no que respeita às provas de cálculo, o Patrício teve um excelente desempenho de acordo com o ano de escolaridade que frequenta, não apresentando por isso dificuldades de aprendizagem a este nível. Quanto à prova de leitura, encontra-se ligeiramente abaixo daquilo que seria de esperar. Porém, não apresenta dificuldades muito graves, na medida em que conseguiu ler a maioria das palavras com relativa facilidade. Finalmente, em relação à escrita, foi neste nível que o Patrício apresentou maiores dificuldades. As suas principais dificuldades incidiram na elaboração de textos. Falta alguma criatividade para desenvolver os textos. Pode dizer-se que possui pequenas dificuldades de aprendizagem ao nível da escrita.

Quando realizou o Desenho Livre, ao contrário do que aconteceu com o CAT, teve uma postura muito retraída, parecendo não querer expor-se demasiado. Através do desenho, demonstrou sentir algum receio em envolver-se com o outro o que poderá estar relacionado com o seu receio em ser novamente abandonado, rejeitado.

No CAT o Patrício baixou um pouco as reservas, conseguindo fazer muitas projecções. Faz uma idealização das figuras parentais, apresentando-as como protectoras e securizantes.

Estudo de Caso – Ricardo (Anexo L)

Dados Anamnésicos

Entrou na instituição há cinco anos e meio, juntamente com duas irmãs. Os motivos do acolhimento foram: negligência ao nível da supervisão, separação dos pais, insuficiência ao nível das competências parentais por parte dos progenitores. Quanto ao contacto com a família, o Ricardo e as suas irmãs vão a casa da mãe e do seu companheiro em fins-de-semana alternados. Com o pai, visto que o mesmo se encontra a trabalhar na Suíça, mantêm contacto através do telefone. Quando o pai vem a Portugal, o Ricardo e as suas irmãs deslocam-se a casa do progenitor para o visitar.

Na escola o Ricardo frequenta o quarto ano e segundo a professora, revela algumas dificuldades na aprendizagem, mas apresenta bom comportamento.

Resumo das Sessões

O Ricardo mostrou-se sempre disponível perante a realização das provas.

Porém, teve sempre uma atitude um pouco contida, não sendo uma criança muito expansiva. Revelou um grande desconforto ao realizar o desenho livre. Nunca estava contente com o resultado final e queria sempre rasgar aquilo que tinha feito. Mostrou assim uma grande falta de auto-confiança e de auto-estima. Não foi possível retirar muitas informações sobre o Ricardo pois ele é uma criança muito reservada, que não se dá facilmente a conhecer.

Auto-Conceito

Os domínios nos quais se sente mais competente (resultado máximo, 4) dizem respeito ao Comportamento e Auto-estima. Porém, também apresenta resultados elevados nos domínios de Aceitação Social e de Aparência Física. Como tal, os domínios nos quais se sente menos competente são na Competência Escolar e Atlética.

O Ricardo atribui uma grande importância a todos os domínios do auto-conceito estudados através desta prova. Podemos compreender este valor de auto-estima tão elevado na medida em que para além de se auto-percepcionar como competente na maioria dos domínios, considera-os muito importantes.

Ansiedade

Obteve um índice de ansiedade de 19. Quanto à sub-escala de mentira, apresentou um índice de 8. Este resultado demonstra que já possui um nível de ansiedade razoável, sendo que ao nível da escala de desejabilidade social ou de mentira apresenta um resultado muito elevado. Quando comparados estes resultados, com os obtidos nos estudos normativos para a população portuguesa, apresenta um índice de ansiedade ligeiramente acima da média quando comparado com crianças da mesma idade. Quanto à escala de mentira, encontra-se muito acima da média quando comparada com crianças da mesma idade.

Prova de Leitura: Decifrar

Atingiu uma idade de leitura de 6,3 anos e um quociente de leitura de 50. Tendo em conta a sua idade cronológica, a idade de leitura e conseqüentemente o quociente de leitura verifica-se que o Ricardo possui um nível de leitura bastante abaixo do que seria esperável tendo em conta a sua idade (cronológica). Foi bastante visível a sua dificuldade em ler palavras constituídas por mais do que duas sílabas. Devido ao seu desempenho e também ao conseqüente desconforto que a realização da prova causou ao Ricardo, é muito claro que o mesmo apresenta evidentes dificuldades de aprendizagem ao nível da leitura.

Prova de Escrita

O Ricardo não se mostrou muito disponível perante a realização desta prova, estando até um pouco inibido. Para além de ter demonstrado pouca fluência na escrita, demonstrou não ter muita criatividade na medida em que lhe foi difícil elaborar um texto sobre determinada temática. Também teve dificuldades em terminar uma história.

Tendo em conta não só a sua idade como o ano de escolaridade que frequenta, seria de esperar que tivesse tido um desempenho melhor. Podemos assim verificar que o Ricardo tem muitas dificuldades ao nível da escrita.

Prova de Cálculo

Esteve mais à vontade nesta prova do que na anterior. Conhece bem os números, consegue realizar operações matemáticas. As principais dificuldades surgiram na resolução de problemas que implicassem ter de interpretar. Porém, obteve um desempenho razoável tendo em conta o ano de escolaridade em que se encontra.

Desenho Livre

Até chegar ao desenho final, fez 5 esboços. Depois de desenhar os primeiros elementos do desenho, mostrava-se desagrado com o resultado pedindo uma nova folha para poder recomeçar o seu desenho. De acordo com Campos (2004) o desenho da casa poderá ter como significado a constituição de um auto-retrato. Ao não desenhar ninguém na divisão da

casa presente no seu desenho, poderá remeter para um sentimento de solidão ou abandono. Houve isolamento de afectos no seu desenho, um grande vazio.

CAT

As suas respostas foram extremamente descritivas, não dando grande lugar a projecções. Apresenta pulsões agressivas pouco elaboradas, assim como uma certa incapacidade para lidar com a solidão. Revela alguma dificuldade na expressão de afectos ou sentimentos.

Síntese Geral

O Ricardo é um menino tímido e extremamente reservado. Esta atitude poderá estar relacionada com o medo de ser novamente abandonado. Assim, para além de se defender desse receio, refugia-se nele próprio não mostrando aquilo que sente.

Ao nível do auto-conceito apresenta resultados muito elevados, o que remete para um sentimento de grande competência por parte do Ricardo nos diversos domínios estudados nesta prova, principalmente no que respeita ao Comportamento e Auto-Estima. Uma possível explicação para o Ricardo se sentir tão competente ao nível do Comportamento poderá estar relacionado com o facto de ser uma criança muito sossegada o que faz com que tenha menos repreensões por parte dos adultos, dando-lhe assim a noção que se comporta correctamente. Este resultado tão elevado ao nível da auto-estima não é compatível com as observações feitas ao longo do estudo. Tal situação é muito visível através do Desenho Livre, no qual mostrou uma grande insegurança. O resultado mais baixo no domínio da competência deverá estar relacionado com a consciência das suas dificuldades a esse nível.

No que diz respeito à ansiedade, apresenta valores ligeiramente acima da média, significando assim que não se sente excessivamente ansioso. Por outro lado, através dos resultados obtidos na escala de mentira podemos apercebermo-nos que possivelmente existirá por parte do Ricardo uma necessidade de agradar o outro, dando respostas “politicamente correctas”.

O Ricardo apresenta bastantes dificuldades de aprendizagem relativamente à língua materna. Na leitura essas dificuldades são muitíssimo evidentes, apresentando um desempenho muito abaixo daquilo que seria esperado para a sua idade. Na escrita, verificou-se muita dificuldade em conseguir construir textos. Quanto ao cálculo, já apresentou um desempenho muito melhor, sendo que nesta área as principais dificuldades estão essencialmente ligadas à capacidade de fazer interpretações. Pode assim dizer-se que apresenta dificuldades de aprendizagem essencialmente no que diz respeito à língua materna.

Através do Desenho Livre foi também possível verificar um grande sentimento de solidão e abandono ao não desenhar nenhuma pessoa na divisão de casa que representou. Ou seja, é visível que o Ricardo se sente só, no entanto não permite que os outros se aproximem, talvez com receio de se sentir novamente abandonado, criando desta forma uma barreira defensiva.

É de tal forma reservado que no CAT adoptou uma atitude extremamente defensiva, não fazendo grandes projecções, mostrando grande receio em entrar em relação com o outro. Demonstra também alguma dificuldade em exprimir-se.

Estudo de Caso – Damião (Anexo M)

Dados Anamnésicos

Entrou na instituição há sete anos e meio, juntamente com a sua irmã Catarina. Os motivos que levaram ao seu acolhimento foram: abandono materno, maus-tratos físicos e psicológicos (ameaça, depreciação), exercício abusivo da autoridade por parte do pai. O Damião e a irmã visitam a casa do pai todos os fins-de-semana, tendo com este um contacto frequente. O pai tem-se mostrado muito interessado na educação dos filhos, preocupando-se com o seu bem-estar, estando sempre o mais presente possível nas suas vidas, tendo chegado a alterar alguns dos seus comportamentos inadequados, nomeadamente a agressividade. Inclusive, o projecto de vida do Damião e da sua irmã passa pelo retorno a casa do pai.

O Damião está numa turma de 4º ano com currículo escolar adaptado, revelando bom relacionamento com professores e colegas. Segundo a professora, tem muitas dificuldades ao nível da aprendizagem, necessitando de um acompanhamento próximo.

Resumo das Sessões

O Damião mostrou-se bastante disponível ao longo da avaliação. Possui um comportamento inconstante, pois nuns dias encontra-se estável demonstrando até alguma afectividade, e noutros dias o seu comportamento piora, aparentando alguma revolta. Demonstrou um grande desconforto quando confrontado com as suas próprias dificuldades. É uma criança bastante sensível no que respeita aquilo que os outros pensam sobre si.

Auto-Conceito

O Damião apresenta no geral, um nível muito baixo nos vários domínios do auto-conceito sendo que o domínio no qual obteve um resultado mais elevado foi na Aceitação Social. Seguidamente surgem os domínios da Competência Atlética e da Aparência Física. Quanto aos domínios da Competência Escolar, Competência Atlética, Comportamento e Auto-Estima, apresentou resultados muito baixos, demonstrando auto-percepcionar-se como pouco competente a esses níveis. Excepto no domínio da Aparência Física e do Comportamento, atribui muita importância aos restantes domínios. O facto de auto-percepcionar-se como pouco competente em alguns domínios ao mesmo tempo que lhe

atribui muita importância, poderá ter contribuído para apresentar um resultado tão baixo ao nível da auto-estima.

Ansiedade

O Damião obteve um índice de ansiedade de 17. Na escala de mentira apresentou um índice de 1. Não possui um índice de ansiedade muito elevado e apresenta também um índice de deseabilidade social bastante baixo. Quando comparados estes resultados, com os obtidos nos estudos normativos para a população portuguesa, apresenta um índice de ansiedade ligeiramente acima da média quando comparado com crianças da mesma idade. Quanto à escala de mentira, encontra-se abaixo da média quando comparada com crianças da mesma idade (através do estudo normativo para a população portuguesa).

Prova de Leitura: Decifrar

Atingiu uma idade de leitura de 6,5 anos e um quociente de leitura de 55. Tendo em conta a idade cronológica com que realizou a prova, apresenta um nível de leitura muito abaixo da média das crianças da sua idade. Só conseguiu ler as palavras que eram constituídas por duas sílabas. Quando surgiram as palavras com mais de duas sílabas, o Damião não foi capaz de as ler. O Damião apresenta claramente dificuldades de aprendizagem no que respeita à leitura pois apresenta um nível correspondente ao nível de uma criança com cerca de metade da idade cronológica.

Prova de Escrita

O Damião apresenta algumas dificuldades ao nível da escrita. Tal é até visível, pelo seu desconforto aquando da realização desta prova. As suas dificuldades tiveram que ver com a existência de alguns erros ortográficos, pouca criatividade na elaboração de textos. Através do seu desempenho na prova e de acordo com a sua idade e ano escolar em que se encontra, que apresenta dificuldades de aprendizagem a este nível.

Prova de Cálculo

Evidenciou bastantes capacidades ao nível do cálculo, conseguindo realizar com relativa facilidade o reconhecimento dos números, operações matemáticas. Possui também as noções de dezena, centena e milhar. A única dificuldade que surgiu foi apenas nos problemas, que implicavam a realização de interpretações. De acordo com o seu desempenho, pode-se dizer que não possui dificuldades a este nível.

Desenho Livre

Está presente no seu desenho isolamento dos afectos no seu desenho, remetendo assim para um vazio interior. Tentou de alguma forma desdramatizar a situação, sorrindo e brincando.

CAT

Apresenta incapacidade em lidar com a solidão/ abandono. Para além disso demonstra também dificuldades em abordar temáticas relacionadas com a cena primitiva. A figura materna é idealizada, sendo reconhecida como contentora. Também a figura paterna é reconhecida como protectora.

Síntese Geral

O Damião possui um comportamento algo inconstante. Demonstra baixa tolerância à frustração, reagindo de uma forma algo agressiva quando não consegue obter aquilo que deseja.

Através da escala de Auto-conceito é possível verificar que o Damião se auto-percepciona como pouco competente na maioria dos domínios. Consequentemente, apresenta também um baixo nível de auto-estima. De facto, este resultado corrobora um pouco o comportamento que o Damião adopta. É uma criança que se sente que não consegue lidar bem com situações nas quais se sente pouco capaz.

No que respeita à ansiedade, apresenta um nível ligeiramente elevado, o que vai de encontro com o seu comportamento. Ou seja, de facto é notória uma certa ansiedade por parte do Damião, principalmente quando se encontra perante alguma dificuldade, alguma situação na qual não se sente tão confortável.

Possui muitas dificuldades ao nível da aprendizagem no que respeita à língua materna. Na leitura isso é muito evidente, sendo que o Damião não consegue ler palavras com mais de duas sílabas. A este nível está muito abaixo daquilo que seria de esperar para a sua idade e ano de escolaridade que frequenta. No que diz respeito à escrita verifica-se a sua grande dificuldade na elaboração de textos, na escrita de algumas palavras na medida em que dá diversos erros ortográficos. De acordo com o desempenho que teve nestas duas últimas provas, poderá dizer-se que apresenta dificuldades de aprendizagem da língua materna. Já em relação ao cálculo, o seu desempenho melhora consideravelmente uma vez que consegue realizar as operações matemáticas de acordo com o ano de escolaridade que frequenta.

Através do CAT foi possível verificar um certo sentimento de abandono por parte do Damião, na medida em que refere muitas situações em que os personagens estão forçosamente sozinhos. Demonstra ainda não conseguir lidar bem com essa temática

(abandono/solidão). Nesta prova recorre fortemente à idealização, quando refere a figura materna, considerando-a como contentora e securizante.

Aquando da Realização do Desenho Livre, foi passível de se verificar uma grande necessidade por parte do Damião, de estar na relação, procurando compreender até que ponto o examinador estava interessado naquilo que estava a fazer. Foi também quase que, como um pedido de atenção, de interesse pela sua pessoa. Fez um grande isolamento dos afectos, demonstrando uma grande defensividade.

Estudo de Caso – Cristina (Anexo N)

Dados Anamnésicos

Entrou na instituição há 3 anos e meio. Os motivos que levaram ao seu acolhimento foram: maus-tratos físicos e psicológicos, exercício abusivo de autoridade, negligência ao nível da educação e da saúde, exposição a modelos parentais desviantes.

Quanto ao contacto com a família, recebe visitas no lar dos pais e de uma tia. A determinada altura (em Dezembro do ano passado) foi-lhe atribuída uma “Familia Amiga” com a qual pode passar alguns fins-de-semana e feriados. Porém, o seu projecto de vida da Cristina, é ir morar com a tia, que também já acolheu o seu irmão mais velho

Na escola frequenta o quarto ano. Apresenta algumas dificuldades, sendo no entanto uma criança bastante interessada e empenhada,

Resumo das Sessões

A Cristina manteve-se sempre bastante disponível e motivada perante a passagem das provas. É uma criança bem disposta, bem comportada e com sentido de responsabilidade. Não teve um comportamento muito agitado (ao contrário de algumas crianças pertencentes à amostra), tendo uma postura calma.

Demonstra algum espírito de liderança no que respeita aos seus pares, relacionando-se bem com os mesmos e com adultos.

Auto-Conceito

De todos os domínios do auto-conceito estudados através desta prova, aqueles em que a Cristina mostrou níveis de auto-percepção mais baixos foi na Competência Escolar, no Comportamento e na Auto-Estima. Quanto ao comportamento este é o domínio com o

nível mais baixa existindo assim uma auto-percepção de que por vezes não se comporta da forma que deveria. Os domínios de auto-conceito mais elevados foram de Aceitação Social, Competência Atlético e Aparência Física sendo que nestes domínios a Cristina já obteve valores consideravelmente elevados.

A Cristina atribui extrema importância a todos os domínios do auto-conceito estudados através desta prova.

Ansiedade

Obteve um índice de ansiedade 25. Na sub-escala de mentira apresentou um índice de 3. Este resultado demonstra que possui um elevado nível de ansiedade e um nível de deseabilidade social não muito elevado. Quando comparados estes resultados com os obtidos no estudo normativo para a população portuguesa, apresenta um índice de ansiedade muito acima da média. Isto é, tem um índice de ansiedade superior às crianças relativamente às crianças da mesma idade. Quanto à escala de mentira, encontra-se abaixo da média quando comparada com crianças da mesma idade (através dos estudos normativos).

Prova de Leitura: Decifrar

Atingiu uma idade de leitura de 9 anos e um quociente de leitura de 83. Tendo em conta a idade cronológica com que realizou a prova, apresenta um nível de leitura ligeiramente abaixo da média das crianças da sua idade.

Foi capaz de ler a maioria das palavras. Porém, também cometeu alguns erros no decorrer da prova. Esses mesmos erros prenderam-se essencialmente com substituições de letras nas palavras. Ou seja, o conhecimento das letras poderá não estar ainda completamente consolidado. Para além das substituições das letras, por vezes faz também omissão de algumas sílabas aquando da leitura das palavras.

Prova de Escrita

Teve um bom desempenho nesta prova na medida, tendo conseguindo realizar a cópia sem grandes dificuldades, assim como conseguiu elaborar textos com grande clareza e coerência, não dando muitos erros ortográficos. A sua única falha foi na ordenação de frases. De um modo geral, poderá dizer-se que a Cristina não apresenta dificuldades de aprendizagem a este nível.

Prova de Cálculo

Conhece bem os números e a sua ordem de grandeza, faz operações matemáticas simples mentalmente. Consegue fazer também operações matemáticas mais complexas. Ainda não tem bem a noção de dezena, e de milhar. Apesar destes últimos aspectos, o seu

desempenho em toda a prova, pode dizer-se que não apresenta dificuldades de aprendizagem a este nível.

Desenho Livre

É um desenho que demonstra uma certa defensividade na medida em que “joga pelo seguro” recorrendo à temática da paisagem e da natureza. Porém, o desenho não é de forma alguma desprovido de afectos, demonstrando o seu lado mais emocional e afectivo, embora um pouco encoberto.

CAT

Demonstrou ver a figura materna como algo negligente na medida em que algumas das suas respostas remetem para negligência ao nível de cuidados de alimentação, o que poderá estar relacionado com as suas vivências anteriores à institucionalização.

Não fez grandes tentativas de se defender, tendo o seu protocolo bastantes projecções. Demonstrou dificuldades em lidar com temas como a cena primitiva, solidão, abandono.

Síntese Geral

A Cristina é uma criança bastante afável, que possui capacidades que lhe permitem relacionar-se com os seus pares, chegando mesmo a interagir com bastante confiança. Assim sendo, não apresenta dificuldades em relacionar-se com aqueles que a rodeiam.

No que diz respeito ao auto-conceito, um dos domínios que apresenta valores mais baixos é na Competência Escolar, ou seja, isto demonstra que a Cristina tem consciência que apresenta algumas dificuldades a nível académico. Também a Auto-estima faz parte dos domínios em que apresenta níveis mais baixos, quando comparado com os outros domínios. A Cristina demonstrou sobrevalorizar todos os domínios que constituem a escala de auto-conceito utilizada nesta prova.

Através da RCMA-S foi possível verificar níveis muito elevados de ansiedade na Cristina, o que remete para uma necessidade de um trabalho terapêutico a este nível, que lhe proporcione um sentimento de maior tranquilidade. Através da sub-escala de desejabilidade social, podemos comprovar que a Cristina não fez questão de dar respostas socialmente adequadas, com o objectivo de ficar bem vista perante o examinador.

Apresenta algumas dificuldades de aprendizagem. No que diz respeito à leitura, está um pouco abaixo daquilo que é esperado para a sua idade mas no entanto, não se pode dizer que sejam dificuldades muito profundas. No que respeita à escrita, demonstrou ser capaz de escrever relativamente bem, sem muitos erros ortográficos. Os seus textos apresentavam coerência. A um nível geral, tendo em conta não só a sua idade como ano de

escolaridade, demonstra não apresentar grandes dificuldades a este nível. Finalmente no que toca ao cálculo, também não demonstrou grandes dificuldades de acordo com aquilo que seria esperado tendo em conta não só a sua idade como também o ano de escolaridade. Desta feita, demonstra reconhecer correctamente os números, realizando com relativa facilidade as operações matemáticas que lhe foram propostas. Apesar de ter apresentado pequenas falhas, não se pode dizer que apresente dificuldades de aprendizagem a este nível.

Através do Desenho Livre conseguimos perceber um certo receio da sua parte em dar-se a conhecer, adoptando assim uma atitude mais reservada, não permitindo assim conseguir retirar muitas conclusões através deste método. Porém, demonstrou um desenho que remetia para a existência de vida afectiva, não sendo assim um desenho vazio, desprovido de afectos

Quanto ao CAT não adoptou uma postura reservada, elaborando facilmente projecções. Para além de ter demonstrado criatividade, as suas respostas remeteram para negligência a nível alimentar que estará provavelmente relacionado com vivências anteriores à institucionalização.

Discussão dos Resultados

Para este trabalho, partimos da hipótese de que, devido ao facto de as crianças participantes neste estudo terem sido vítimas de maus-tratos (e por esse facto, institucionalizadas), tal acontecimento tão traumático nas suas vidas, irá provocar-lhes uma ansiedade mais elevada, tanto um auto-conceito como uma auto-estima mais baixos e existência de dificuldades de aprendizagem.

Quando ocorre a institucionalização na vida de uma criança, como consequência, dá-se uma quebra no contacto da mesma com a sua família biológica, privando-a assim do seu meio familiar de origem. Houve assim, muitos aspectos que falharam no seio daquela família, na forma como foram prestados cuidados às crianças dela provenientes. Este cenário, poderá fazer emergir determinadas dificuldades relativas ao seu desenvolvimento tanto emocional, como escolar.

Ao terem sido institucionalizadas, estas crianças poderão eventualmente sentir uma grande culpabilidade devido ao facto de pensarem que foram elas quem fez algo de errado, sendo a institucionalização encarada como uma espécie de castigo. Também poderão sentir-se abandonadas pelos seus parentes mais próximos por acharem que não foram suficientemente bons para que os mesmos criassem condições para que ficassem juntos.

Contudo a institucionalização também poderá ser vista de uma forma positiva por parte destas crianças. Ou seja, a criança poderá encarar esta situação como uma oportunidade que, por sua vez, lhe possibilita ver-se livre de situações traumáticas que tinha vindo a vivenciar, contribuindo para o ganho de uma maior estabilidade a nível emocional. Independentemente da forma como a criança vivencia a sua própria institucionalização, fica claro que essa situação poderá beneficia-la em larga escala, proporcionando-lhe um meio mais equilibrado, no qual possa crescer e desenvolver-se de forma mais harmoniosa.

Passemos agora à análise dos resultados retirados da avaliação. No que diz respeito à **ansiedade** (Anexo O), de acordo não só com aquilo que se esperava como também de acordo com os resultados obtidos por Fonseca (1992), a maioria das crianças apresentava níveis mais elevados, comparativamente a crianças que não foram maltratadas. Também podemos constatar esse facto se compararmos os nossos resultados, com os resultados obtidos por Dias & Gonçalves (1999) em que nestes últimos, a média de ansiedade das crianças no 3º e 4º ano era de 16.51 enquanto que neste estudo (utilizando uma amostra com crianças que foram vítimas de maus-tratos), obteve-se uma média de 18.67. Estas crianças, que já foram maltratadas em algum momento da sua vida, viveram momentos e situações extremamente traumáticas que possivelmente lhes trouxeram muitos receios, sentimentos de insegurança. Consequentemente, tudo aquilo por que passaram poderá ter feito crescer dentro de si um medo do que poderá vir a acontecer no futuro, podendo ser este um dos principais factores que contribuem para um aumento dos seus níveis de ansiedade.

Contudo, ao realizar-se uma análise individual não se verificou este resultado em todas as crianças. Tanto a Catarina, com a Joana obtiveram resultados muito baixos, remetendo consequentemente para um baixo nível de ansiedade. Perante isto, e visto que o RCMAS é um questionário auto-avaliativo e visto também terem apresentado resultados muito inferiores aos obtidos por crianças que não foram maltratadas, coloca-se a questão até que ponto responderam de forma sincera e consciente. A esta dúvida, alia-se o facto de ambas as crianças mostrarem através das suas atitudes e comportamento ao longo da avaliação, alguma inquietude, ansiedade e insegurança.

Esta escala (de ansiedade) é também composta por uma sub-escala de mentira ou deseabilidade social que por sua vez, permite compreender até que ponto as crianças dão respostas consideradas como “politicamente correctas”, ou seja, socialmente adequadas. Isto contribuiu para que fosse possível conhecer um pouco melhor as crianças que constituíam a amostra. Assim sendo, constatou-se que a maioria das crianças obteve resultados que, comparados com os estudos de Dias e Gonçalves (1999) encontram-se abaixo da média sendo que apenas três, das nove crianças pertencentes à amostra,

apresentaram resultados acima da média quando comparados com o referido estudo. Este resultado por parte destas três crianças, poderá eventualmente traduzir-se numa necessidade em agradar o examinador, dando respostas que na sua óptica são as mais correctas e que poderão de certa forma agradá-lo.

No que respeita ao **auto-conceito** (anexo P), os resultados foram analisados sendo feita uma separação entre as crianças que frequentavam o 3º ano e as crianças que frequentavam o 4º ano de escolaridade (Anexo Q). É também importante referir que na categoria do 3º ano, foram inseridas três crianças que frequentavam o 2º ano. Este procedimento foi feito de forma a que fosse possível fazer também a comparação do resultado destas crianças (de 2º ano) com os resultados dos estudos elaborados por Peixoto & Mata (1993) em que só participavam crianças a partir do 3º ano. Porém, como as crianças que frequentavam o 2º ano, já tinham idade para frequentar o 3º ano, achamos que seria possível realizar este procedimento, sem comprometer o nosso estudo.

Desta forma, verificou-se que quanto às crianças que frequentavam o 3º ano de escolaridade (e de 2º ano), apresentaram em todos os domínios, excepto na aceitação social, resultados acima da média (tendo em conta os estudos de Peixoto & Mata, 1993). Harter (1989, citado por Peixoto & Mata, 1993) verificou que os julgamentos que as crianças muito novas fazem, são normalmente elevados, mostrando assim uma tendência para inflacionarem o seu sentimento de competência. Poderá ter acontecido o mesmo com a nossa amostra, o que ajudaria assim a explicar estes resultados tão elevados. Quanto às crianças que frequentam o 4º ano de escolaridade, apresentaram em todos os domínios excepto na Aceitação Social e Competência Atlético, medias mais baixas do que aquelas obtidas no estudos de Peixoto & Mata (1993). Tais resultados estão de acordo com as conclusões retiradas através dos estudos de diversos autores (Ausubel & Ausubel, 1963; Groveto, Fischer & Boudreaux, 1967; Ramos da Silva, 1988, citado por Peixoto & Mata, 1993) nos quais se verificou que as auto-percepções de crianças socialmente desfavorecidas são caracterizadas por baixa auto-estima e auto-depreciações.

De acordo com Peixoto (2003) o auto-conceito em áreas importantes para o sujeito influenciaria fortemente a **auto-estima**, enquanto que a percepção de competência em domínios considerados de menor importância pouco impacto produziria. Foi visível, tanto ao nível das crianças de 3º ano, como de 4º ano, uma atribuição de elevada importância nos diferentes domínios. Assim sendo, o facto de as crianças apresentarem não só auto-percepções muito elevadas, como a atribuição de grande importância aos diferentes domínios, tal facto poderá explicar a elevada auto-estima aqui verificada. Relativamente às crianças de 4º ano, também atribuíram uma importância muito elevada nos diferentes domínios. No entanto, o facto de não apresentarem auto-percepções tão positivas quanto as

crianças de 3º ano, poderá ser a razão para apresentarem um nível de auto-estima mais baixo comparativamente às mesmas.

Os domínios, onde na generalidade dos casos se verificou auto-percepções mais baixas foram ao nível da competência atlética e do comportamento. Quanto a este último domínio, poderá colocar-se a hipótese para este resultado de na maioria dos casos serem crianças um pouco mais agitadas, que como consequência poderão ser chamadas à atenção pelo adulto com maior regularidade, contribuindo este facto para que mais facilmente se auto-depreciem neste domínio.

Segundo Veiga (1995, citado por Amado, Ribeiro, Limão & Pacheco, 2003) verifica-se uma forte correlação entre as dificuldades de aprendizagem e um autoconceito negativo, sendo que essa mesma correlação aumenta consoante os sujeitos vão-se tornando mais velhos, talvez pelo facto de irem acumulando as dificuldades ao longo dos anos. Tal está de acordo com o resultado por nós obtido, no que diz respeito às crianças de quarto ano, podendo as suas dificuldades escolares serem uma das razões existentes para apresentarem um auto-conceito mais negativo, tendo em conta outros estudos. O caso mais evidente, foi o do Damião, tendo apresentado um auto-conceito muito baixo, assim como grandes dificuldades a nível académico (no que diz respeito ao Português, tanto o nível da escrita como da leitura), demonstrando assim ter a noção da situação em que se encontra.

Porém, o mesmo não aconteceu com as crianças de 3ºano, parecendo assim que as dificuldades escolares não afectaram o seu auto-conceito, na medida em que o mesmo se apresenta com uma média extremamente elevada, se levarmos em conta os estudos por Peixoto & Mata (1993) elaborados. Assim, coloca-se como hipótese para esta situação o facto de que esta prova não é tão fiável quando aplicada a crianças mais novas, pois as mesmas ainda não se encontram com a total capacidade de se auto-percepcionarem. Mesmo tendo-se tentado contornar este facto na aplicação, sendo a mesma elaborada individualmente tendo sido dado todo o apoio à criança durante a prova, obteve-se à mesma este resultado.

Diversos autores defendem que umas das consequências dos maus-tratos são as **dificuldades de aprendizagem** e consequente insucesso escolar. Neste estudo não nos limitámos apenas à detecção da sua existência (ou não). Debruçámo-nos também, nas 3 áreas estudadas (leitura, escrita e cálculo) a tentar compreender quais os tipos de dificuldades mais frequentes. Começando pela **leitura** (Anexo R), de entre as nove crianças, duas delas apresentaram resultados acima daquilo que seria esperado para a sua idade. Porém, todas as outras apresentavam resultados abaixo daquilo que seria esperado tendo em conta a sua idade. As principais dificuldades a este nível, estão relacionadas com a substituição e omissão de letras nas palavras. Porém, fica a dúvida se estes resultados

menos bons a nível da leitura não se deverão a uma certa falta de concentração e inquietude por parte das crianças.

Na **escrita** (Anexo S), cerca de metade das crianças pertencentes à amostra apresentaram dificuldades de aprendizagem. Através desta prova, mais concretamente na questão da construção de textos, é visível uma grande necessidade de ser proporcionado a estas crianças uma maior estimulação. Denota-se alguma falta de criatividade e até mesmo de trabalho. Se houver uma certa continuidade e persistência no trabalho feito não só pelos educadores, como também pelos professores, certamente começaram a obter melhores resultados nesta área, pois é claramente notório que não foi desenvolvido um grande esforço para melhorarem neste sentido. Também se verificaram muitos problemas de disortografia (incapacidade de escrever correctamente, sem erros) e alguns casos de disgrafia (letra mal desenhada, por vezes quase ilegível). De acordo com Strecht (2008) e a par da dislexia, estes são quadros que têm igualmente uma componente emocional relevante, pelo que devem também ser vistos do ponto de vista evolutivo e não como situações estanque ou irresolúveis.

No que respeita ao **cálculo** (Anexo T), uma das principais dificuldades verificadas foi ao nível da subtracção com empréstimo. Segundo Strecht (2008) é habitual muitas crianças com vidas emocionais muito fragmentadas ou com falhas significativas terem mais dificuldades em realizar operações como a subtracção ou divisão que, simbolicamente, representam retirar ou repartir, sendo mais fácil a soma e, por associação, a multiplicação. Ainda segundo este autor existe uma ligação entre algumas dificuldades de aprendizagem na matemática e a interferência de factores emocionais pois muitas vezes, mesmo com um potencial de base, a perturbação do funcionamento psíquico condiciona a discalculia, quer ela se apresente isoladamente, quer em associação com outras dificuldades de aprendizagem. Outra dificuldade sentida nesta área curricular é ao nível da realização de problemas que envolvam um raciocínio mais complexas. É evidente que nesta questão não se pode exigir muito das crianças mais novas, pois ainda não apresentam bases que lhes permitam resolver questões desta complexidade. Mas nos mais velhos, notou-se também uma grande dificuldade a este nível o que nos faz pensar que estas crianças não estão a ter um acompanhamento suficientemente estimulante, que lhe permita pensar, reflectir e conseguir arranjar soluções para os problemas que lhes são propostos.

Uma outra conclusão, muito curiosa, que retirámos deste estudo foi de que as crianças do sexo feminino da amostra deste estudo demonstraram ter um maior à-vontade tanto na leitura como na escrita, mas menos à vontade em relação ao cálculo. Com as crianças do sexo masculino aconteceu exactamente o contrário, ou seja, apresentaram um maior à vontade no cálculo, tendo mais dificuldades ao nível da escrita e leitura.

Através do Desenho Infantil (Anexo T) verificou-se uma grande defensividade por parte das crianças. Ou seja, as crianças não deram lugar a grandes projecções adoptaram sempre uma postura reservada na maioria dos casos. Isto poderá ter a ver com o facto de já estarem numa idade mais avançada (entre os 8 e os 12 anos) e já não se sentirem tão bem a desenhar, pois apercebem-se à partida que estarão a ser avaliadas. Em consequência disso, esteve presente em muitos dos desenhos, isolamento dos afectos, o vazio. Esta situação notou-se principalmente nos rapazes. As raparigas mostraram mais os afectos e emoções, através de desenhos mais coloridos, com a representação de pessoas.

Ao utilizarmos o CAT (Anexo U), podemos tirar conclusões acerca de como estas crianças vêem as suas figuras parentais. Em muitas delas o que acontece é verem-nas de forma extremamente ambivalente, sendo que nuns momentos são sentidas como securizantes e noutras como negligentes. O sentimento de abandono e solidão, também é algo muito frequente em todas elas, demonstrando grandes incapacidades em lidar com esta temática. Também se verificou uma grande reserva, na maioria das crianças sendo que as suas respostas não continham projecções muito ricas.

Debrucemo-nos agora, sobre o estudo individual de cada um dos nove casos. Começamos então pela **Joana** que contrariamente aos resultados obtidos na Escala de Auto-Conceito na qual apresentou um nível de auto-estima extremamente elevado, parece-nos que a Joana possui uma grande falha a este nível. Na medida em que, por alegar não saber como resolver os exercícios (das provas de diagnóstico de dificuldades de aprendizagem), recusava-se a realizá-los. Dessa forma, para além de não nos permitir verificar quais as suas dificuldades, mostrou não só uma falha ao nível da sua auto-estima como também uma grande falta de confiança nas suas capacidades, receando aquilo que o examinador poderá pensar por apresentar determinadas dificuldades. Como tal, tenta refugiar-se disso, não dando simplesmente hipótese ao examinador de compreender a situação em que se encontra a este nível.

A **Manuela** apresentou um bom desempenho ao nível das provas com vista ao diagnóstico de aprendizagem. Esta é uma criança com um comportamento extremamente sedutor, com o objectivo de conseguir captar toda a atenção e apreço do outro, quer se trate dos seus pares ou de adultos. Assim, surge a dúvida se este bom desempenho nas actividades escolares não farão também parte de uma estratégia para conseguir ganhar o carinho e atenção daqueles que a rodeiam.

Relativamente ao **Pedro**, de todas as crianças da amostra pareceu-nos ser aquele que neste momento apresenta uma maior fragilidade e também sofrimento, tendo projectado no Desenho Livre que elaborou e também no decorrer das sessões todas as suas angústias perante a instabilidade que lhe é transmitida pela sua família biológica. Apesar de tudo isto,

foi das crianças que apresentou um melhor desempenho ao longo da prova no que diz respeito às dificuldades escolares. Isto é, apesar de toda a sua aparente instabilidade emocional, consegue ter bons resultados escolares estando inclusivamente além do que seria esperado para a sua idade na leitura. Tanto na escrita como no cálculo, apresenta um nível esperável, tendo em conta a sua idade. Assim, coloca-se a hipótese de o Pedro ter encontrado na escola, um lugar que lhe trás alguma estabilidade, algum equilíbrio, permitindo-lhe assim conseguir ter bons resultados. Já a sua irmã **Telma** demonstra grandes problemas ao nível da concentração, o que poderá influenciar as suas aprendizagens. De facto, apresenta pequenos problemas em todas as áreas (leitura, escrita e calculo) não sendo no entanto, uma situação muito grave. Tem tendência a testar os limites dos adultos,. Faz idealização das figuras parentais referindo-as como contentoras e protectoras. É uma crianças muito desinibida, que se relaciona bem com os seus pares.

Resultados completamente diferentes foram obtidos pela **Catarina** adoptou um comportamento ao longo da prova que não nos permitiu detectar a fundo as suas dificuldades, visto não ter feito o mínimo esforço perante os exercícios nos quais se sentia menos confiante. Assim, verificámos da sua parte um certo sentimento de onipotência na medida em que demonstrou não se importar muito com aquilo que lhe era pedido, sendo as suas acções muito baseadas na sua própria vontade.

O **Patrício** teve um excelente desempenho na prova de cálculo sendo que nas restantes provas (escrita e cálculo) apresentou um desempenho ligeiramente abaixo da média tendo em conta o ano de escolaridade em que se encontra. Demonstrou sentir-se um pouco desconfortável, quando confrontado com as suas próprias dificuldades, apresentando nesses momentos uma atitude mais contida e introvertida. O **Ricardo** demonstrou um comportamento semelhante, quando confrontado com as suas próprias dificuldades. Mostrou-se muito reservado, encontrando-se sempre um pouco na defensiva. Os resultados que obteve na escala de Auto-Conceito não são concordantes com a sua atitude no decorrer da avaliação, demonstrando sentir-se muito inseguro (principalmente quando fez o Desenho Livre) das suas competências. Tal como os outros elementos do sexo masculino pertencentes à amostra, as suas principais dificuldades são ao nível da língua materna (escrita e leitura), obtendo melhores resultados no cálculo.

O **Damião** demonstra também alguma fragilidade e um sentimento muito forte de incompetência. É também uma criança que lida mal com as suas próprias dificuldades, mostrando também uma grande falha na sua auto-estima. Também apresenta bastantes dificuldades de aprendizagem na escrita e leitura, sendo que no cálculo o seu desempenho é significativamente superior. Por sua vez, a **Cristina** teve um desempenho razoável em todas as provas que remetiam para as dificuldades de aprendizagem, estando um pouco

abaixo do esperado ao nível da leitura. Porém, consegue lidar bem com as suas dificuldades, sendo também visível ao longo da prova a sua motivação na realização da mesma. Por fim, no que diz respeito à Telma, é visível um grande nível de desconcentração da sua parte, o que poderá ser um factor que influencia o seu rendimento escolar. Desta feita, mostrou estar ligeiramente abaixo da média nas provas de diagnóstico de dificuldades, tendo em conta a sua idade e ano de escolaridade o que poderá estar relacionado, como foi dito anteriormente, com as suas dificuldades de concentração.

Para além daquilo a que nos propusemos estudar, este trabalho permitiu também, um conhecimento mais profundo de outros aspectos do funcionamento destas crianças.

Começamos então por falar na **idealização**. Este é um mecanismo de defesa muito presente no discurso destas crianças, quando falam sobre as suas figuras parentais. Ao utilizarem a idealização, estão a fazer uma tentativa de se distanciarem e defenderem de uma realidade que se torna muito difícil de suportar, como é a de terem pais que supostamente deveriam ser figuras que lhes proporcionassem segurança, quando na realidade não é isso que acontece. A realidade é que muitas vezes os seus pais não apresentam quaisquer competências parentais, não são figuras que transmitam segurança, afecto e protecção. Strecht (1998) refere que neste tipo de crianças, a idealização é muitas vezes um verdadeiro mecanismo de sobrevivência por permitir criar, em momentos particularmente difíceis, um Mundo mais tolerável, fonte de uma nova esperança.

Denota-se também um comportamento comum em todas as crianças pertencentes à amostra, que é uma **baixa tolerância à frustração**. Sempre que contrariados, reagiram com alguma agressividade e muito desagrado. É notório que o funcionamento destas crianças, se rege em grande parte do tempo segundo o *Princípio do Prazer*, sendo que tudo aquilo que é contra a sua vontade não é tolerado. Strecht (1998) defende que estas crianças vítimas de maus-tratos não tiveram a oportunidade de desenvolver uma vinculação segura, uma confiança básica, sendo as fronteiras entre estas e o mundo que as rodeia e as suas próprias fronteiras internas muito diluídas. Esta « fragilidade narcísica » pode ser responsável pela fraca tolerância à frustração e incapacidade para fazer face aos momentos de angústia.

De entre as nove crianças, verificaram-se dois padrões, na forma como se relacionaram com o examinador. Algumas crianças eram extremamente reservadas, demonstraram um **grande receio de entrar em relação**, talvez pelo facto de já se terem sentido anteriormente abandonadas. Assim, abandonam primeiro para não serem elas, posteriormente abandonadas. Ao não criarem uma relação com o examinador, têm a garantia desde logo que não existe nenhuma hipótese de virem a ser abandonadas. Contudo, noutras crianças acontece exactamente o contrário. Isto é, demonstram não só

uma **grande carência** como também uma **grande necessidade de entrar em relação** ganhando assim a atenção e carinho do outro.

No que diz respeito a **sentimentos de segurança**, que são transmitidos à criança logo desde as primeiras relações, verificamos que em quase todos os casos esta componente está em falta. Esta situação foi muito visível através do Desenho Livre na medida em que houve uma grande relutância em se projectarem, em se exporem e também na medida em que alguns desenhos eram o reflexo de um sentimento de solidão, abandono. Através do CAT também nos foi possível verificar uma grande incapacidade em lidar com a solidão e o abandono, o que será certamente fruto de toda as vivencias traumatizantes pelas quais passaram.

Em suma, foi possível compreender que de facto nem sempre uma vida emocional mais perturbada corresponde à existência de dificuldades escolares. No caso do Pedro (por exemplo) apesar de se ter verificado que se encontra muito frágil emocionalmente, este não apresenta dificuldades de aprendizagem, estando inclusivamente adiantado tendo em conta a sua idade no que respeita à leitura. A hipótese que se coloca, é que poderá apresentar um bom nível de resiliência que lhe permita ultrapassar os seus problemas interiores, conseguindo arranjar capacidade para pensar e aprender. Também verificámos que as dificuldades de aprendizagem poderão existir apenas a um nível e não em todos(escrita, leitura ou calculo). Isto é, o facto de ter dificuldades de aprendizagem por exemplo na escrita, não significa que se vá ter também no cálculo.

Também foi possível verificar, talvez por tudo aquilo por que já passaram, que são crianças muito reservadas, mais do que aquilo que se esperava no início do estudo. Têm dificuldade em se mostrarem ao outro, talvez por vergonha ou por receio de serem novamente abandonados.

Este estudo permitiu-nos perceber que a institucionalização poderá ser uma circunstância que permite a estas crianças, que passaram por situações tão traumáticas, encontrarem o seu equilíbrio interno de maneira a que se torne possível um crescimento mais salutar. Essa esperança traduz-se nos resultados obtidos através deste estudo. Ou seja, podemos ver que nem sempre um passado com situações de maus-tratos, nem resulta em dificuldades escolares ou auto-estima mais baixa, por parte de quem os sofreu. Como tal, podemos pensar que o facto de se encontrarem institucionalizados permitiu-lhes desenvolverem-se de forma mais harmoniosa. Porém deverá ter-se em conta a institucionalização não terá o mesmo efeito em todas as crianças, o que explica que também existam muitos casos de insucesso. Como tal, é muito importante continuar a realizar-se estudos neste âmbito, de forma a que seja possível no futuro, criar melhores condições

nestes lares que acolhem estas crianças. Condições essas que passam por uma melhor formação dos técnicos, por um trabalho mais interdisciplinar entre os mesmos.

O presente estudo apresenta algumas limitações. A primeira diz respeito ao reduzido número de sujeitos que constituíram a amostra, o que faz com que se torne impossível tirar conclusões para este tipo de população. Desta forma, todas as ilações que nos foi possível tirar, terão unicamente que ver com este conjunto de crianças.

Apesar de também terem sido utilizadas provas projectivas (CAT e Desenho Livre), coloca-se a questão de que, até que ponto o facto de se ter aplicado apenas um questionário (um para a ansiedade e outro para o auto-conceito) será suficiente para que se tirem conclusões credíveis sobre as temáticas já referidas.

Ainda relativamente à escala de auto-conceito utilizada neste estudo, a mesma é indicada para crianças que se encontrem entre o 3º e o 6º ano de escolaridade. O facto de duas das crianças deste estudo ainda se encontrarem no 2º ano de escolaridade, poderá representar uma limitação. Porém, apesar de as ditas crianças frequentarem o 2º ano já têm 8 anos, sendo que existem crianças com essa idade a frequentar já o 3º ano.

Uma outra limitação deste estudo prende-se com o facto de o examinador ter realizado o seu estágio curricular na instituição onde foi recolhida a amostra. Isto faz com que o seu nível de conhecimento sobre cada criança seja distinto, visto que, existiam crianças com as quais o examinador, antes de fazer a recolha dos dados, já tinha travado um conhecimento mais profundo, conhecendo-as um pouco melhor. Porém, havia outras crianças que como não tinham um horário tão compatível com o examinador, o mesmo não tinha um conhecimento tão profundo acerca delas.

Apesar de se terem utilizado os critérios do Ministério da Educação (2004) para corrigir as provas de diagnóstico de dificuldades de escrita e cálculo, este método não possibilita a compreensão em profundidade de todas as dificuldades de aprendizagem que cada criança possui, permitindo-nos ficar apenas com uma noção das principais dificuldades.

Poder-se-ia, de futuro, tentar explorar de forma mais aprofundada as questões do auto-conceito, da ansiedade e das dificuldades escolares com uma população mais abrangente, que permita conclusões mais aprofundadas, generalizáveis e credíveis.

Como já foi dito anteriormente, a amostra deste estudo é de facto pouco significativa. No entanto, o estudo mais aprofundado destas nove crianças, permitiu-nos uma maior compreensão das mesmas, acentuando também a importância das relações primárias no seu desenvolvimento assim como também a emergência de se trabalhar no que toca à prevenção, à aceleração dos processos de adopção assim como para reflectir/ rever os actuais direitos da criança. Por outro lado, no que respeita às dificuldades de aprendizagem,

houve a tentativa de compreender aquelas que seriam mais frequentes neste tipo de crianças, para assim poder vir a proporcionar um maior empenho e trabalho nessas áreas, por parte dos seus educadores. Strecht (2008) refere a utilidade de lembrar que bons começos facilitam sempre os trajectos futuros; inícios com muitas falhas podem comprometer seriamente recuperações posteriores. Assim sendo, quanto mais precocemente forem diagnosticadas as maiores e mais frequentes dificuldades das crianças que passaram por maus-tratos, mais facilmente poderão ser trabalhados esses aspectos, permitindo assim que o processo de aprendizagem ocorra de uma forma mais facilitada.

Falar de crianças e adolescentes que crescem vazios e desejar fazer um trabalho sério para a sua recuperação, é pensar em saúde mental e ter claramente a ideia de prevenção de riscos futuros como são os caso de: delinquência, criminalidade, toxicodependência, prostituição, desemprego, suicídio, loucura. Prevenir cedo nas crianças quer dizer poupar dinheiro. Prevenir cedo nas crianças quer dizer evitar menos adultos em prisões, menos adultos em hospitais psiquiátricos, menos adultos a lucrarem ou a morrerem às mãos da droga (Strecht, 1998). É neste sentido que com este estudo pretendeu-se contribuir para um estudo mais aprofundado destas crianças, que por sua vez permita conhecer a influência que as experiências traumáticas vividas tiveram em si, tanto a nível emocional (no que diz respeito ao auto-conceito e ansiedade) como também a nível escolar (tentando compreender as suas dificuldades de aprendizagem).

De acordo com Seabra Diniz (1993, citado por Sá, Sottomayor, Rosinha& Cunha, 2005) conclui-se que o processo de crescimento pode ser retardado pela privação dos estímulos próprios e necessários a cada uma das etapas do desenvolvimento. Verificam-se consequências graves aos vários níveis do desenvolvimento, pelo que a sociedade tem o dever de intervir, em defesa da criança, quando a família natural não têm condições para o fazer.

Esperamos com este trabalho vir a contribuir para um maior conhecimento da vida emocional, afectiva e académica destas crianças com o objectivo de criar novas estratégias e metodologias, a serem utilizadas por professores, educadores, técnicos das instituições de forma a que seja possível atenuar um pouco o sofrimento em que muitas vezes vivem.

Conclusão

Neste estudo foram tiradas conclusões coincidentes com estudos anteriores (elevada ansiedade nas crianças que foram vítimas de maus-tratos; auto-conceito mais baixo nas crianças que frequentam o 4º ano), mas também outras que eram discordantes (no auto-conceito apresentaram também resultados muito elevados nas crianças que frequentavam o 2º e 3º ano).

Relativamente às dificuldades escolares, foi possível verificar que algumas crianças, mesmo tendo vivenciadas situações extremamente traumatizantes, tiveram capacidade de organizarem minimamente de forma a conseguirem ter resultados escolares razoáveis. Como tal, não se deve generalizar que todas as crianças vítimas de maus-tratos, terão insucesso escolar. Este estudo mais aprofundado também nos permitiu dar conta do grande sofrimento psíquico em que se encontram estas crianças e que é traduzido nas suas acções e na sua forma de estar.

O facto de que apesar das crianças de 2º e 3º ano apresentarem algumas dificuldades escolares, apresentarem também um auto-conceito mais elevado poderá estar relacionado com a sua pouca maturidade, normal da sua idade, para se conseguirem auto-percepcionar correctamente, sendo que os autores Peixoto & Mata (1993) referem com uma das limitações da Escala de Auto-Conceito a aplicação a crianças muito novas na medida em que as mesmas podem não saber ainda auto-percepcionar-se da forma mais correcta.

As provas projectivas também nos permitiram conhecer um lado mais reservado destas crianças, o qual se traduz num certo receio em entrar em relação. Por já anteriormente terem sido “abandonados” é como se o receio de que isso novamente aconteça, se alastre para todas outras relações com os outros. Porém, também está muito presente a sua incapacidade em lidar com a solidão e abandono, sendo algo fácil de compreender, tendo em conta o seu passado.

As raízes do mal actual afundam-se muitos anos atrás, em gerações precedentes, na pré-história das crianças que então observamos. É então como se os pais parecessem condenados a repetir tragicamente com os seus filhos as dificuldades por que eles próprios passaram um dia enquanto crianças (Strecht, 1998). É a partir daqui que se encontra a pertinência da realização destes trabalhos com o intuito de conhecer melhor a realidade destas crianças que foram vítimas de maus-tratos e consequentemente institucionalizadas. Pois ao conhecer-se estas crianças, aquilo que sentem e os problemas que enfrentam, é possível ganhar bases mais seguras para trabalhar ao nível da prevenção, contribuindo assim cada vez mais para que este tipo de situações vá diminuindo, contribuindo assim para a existência de uma sociedade mais justa, com mais amor e respeito pelas crianças, que no fundo são o futuro do Mundo.

Referências bibliográficas

- Aguiar, E. (2004). *Desenho Livre Infantil: Leituras Fenomenológicas*. Rio de Janeiro: E- Papers
- Alves Martins, M., Peixoto, F., Mata, L. & Monteiro, V. (1995) Escala de Auto-Conceito para crianças e pré-adolescentes de Susan Harter (Self Perception Profile for Children). *Provas Psicológicas em Portugal*, (I) 79-89
- Amado, J., Ribeiro, F., Limão, I. & Pacheco, V. (2003). *A escola e os alunos institucionalizados*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- American Psychiatric Association (2002). *Dsm-IV- Manual de Diagnóstico e estatística das Perturbações Mentais Revisto (4ª ed.)* Lisboa: Climepsi
- Azevedo, M.C. & Maia, A. (2006). *Maus-tratos à criança*. Lisboa: Climepsi
- Barros, E. (1999). *Andar na escola com João dos Santos: Pedagogia Terapêutica*. Lisboa: Caminho.
- Barudy, J. (1998). *El dolor invisible de la infancia. Una lectura ecosistémica del mau trato infantil*. Barcelona: Paidós.
- Canha, J. (2000). *Criança maltratada. O papel de uma pessoa de referência na sua recuperação. Estudo prospectivo de 5 anos*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Chabert (2000). In Boekholt, M. (2000). *Provas Temáticas na Clínica Infantil*. Lisboa: Climepsi.
- Crittenden, P. & Ladini, A. & Claussen (2000). *A Dynamic- Mturational Approach to Treatment of Maltreated Children*. In A. Sameroff & M. Lewis (Eds.), *Handbook Developmental Psycophatolog.* (pp. 373-385).
- Dias, P., & Gonçalves, M. (1999). Avaliação da ansiedade e da depressão em crianças e adolescentes (STAIC-C2, CMAS-R, FSSC-R e CDI): Estudo normativo para a população portuguesa. *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. (6); 553-564
- Ferreira, T. (2000). *Em defesa da Criança - Teoria e prática psicanalítica da infância*. Lisboa: Assírio & Alvim
- Figueiredo, B. (1998a). Maus-tratos à Criança e ao Adolescente (I): Situação e Enquadramento da Problemática. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 3, 5-20.
- Figueiredo, B. (1998b). Maus-tratos à Criança e ao Adolescente (II): Considerações a Respeito do Impacto Desenvolvimental. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 3, 197-216
- Fonseca, A.C. (1998a). A avaliação psicológica da ansiedade em crianças e adolescentes: uma revisão de métodos e instrumentos. *Revista Portuguesa de Pedagogia* (2); 59-95.

- Fonseca, A.C. (1998b). Problemas de ansiedade em crianças e adolescentes: Elementos para a sua caracterização e diagnóstico. *Revista Portuguesa de Pedagogia* (2); 7-34.
- Fonseca, A.C. (1992). Escala de Ansiedade Manifesta. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. 141-156
- Harter, S. (1996). Historical Roots of Contemporary Issues Involving Self-Concept. *Handbook of Self-Concept. USA: John Wiley and Sons , inc.*
- Hirsch, S. (2003). Guia de interpretação do teste de apercepção infantil (CAT-A) de L. Bellak. In Ocampo, M. L., Arzeno, M.E., & Picollo, E. G (2003). *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projectivas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Luquet, G. (1984). *O Desenho Infantil*. Porto: Civilização
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas: Ensino Básico: 1º Ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Organização Mundial de Saúde (1993). Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: Descrições clínicas e directrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas
- Peixoto, F., Almeida, L. (1999). Escala de Autoconceito e Autoestima. *Avaliação Psicológica: formas e contextos*. Vol. VI, 632-640.
- Peixoto, F., Mata, L. (1993). Efeitos da idade, sexo e nível sócio-cultural no Auto-Conceito. *Análise Psicológica*, 3(6), 401-411.
- Rebelo, J. (1993) *Dificuldades da leitura e da escrita em alunos do ensino básico*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Rebelo, J. (1998). Dificuldades de Aprendizagem em matemática: as suas relações com problemas emocionais. *Revista Portuguesa de Pedagogia* (2);
- Sá, E., Sottomayor, M. C., Rosinha, I., Cunha, M. J. (2005). *Abandono e Adopção*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Salgueiro, E. G. (2002). *Prova de Avaliação da Capacidade de Leitura "Decifrar"- Proficiência na Decifração de Palavras de Dificuldade Crescente*. Lisboa: ISPA.
- Serra, A. (1988). O autoconceito. *Análise Psicológica*, 6 (2), 101-110.
- Serra, H., Nunes, G., & Santos, C. (2005). Avaliação e diagnóstico em dificuldades específicas de aprendizagem – Pistas para uma intervenção educativa, Ensino Básico. Porto: Edições ASA.
- Silverman & Kurtines (2000). Anxiety Disorders. .In A. Sameroff & M.Lewis (Eds.), *Handbook Developmental Psychopatholog*. (pp. 373-385).
- Strecht, P. (1998). *Crescer Vazio: Repercussões psíquicas do abandono, negligência e maus-tratos em crianças e adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim

- Strecht, P. (1999). *Preciso de Ti: Perturbações Psicossociais em Crianças e Adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Strecht, P. (2004). *Quero-te muito: crónicas para pais sobre filhos*. Lisboa: Assírio & Alvim
- Strecht, P. (2008). *A minha escola não é esta: Dificuldades de Aprendizagem e comportamento em crianças e adolescentes*. Lisboa: Assírio&Alvim

Anexos

Anexo A: Carta de Consentimento Informado

Carta de Consentimento Informado

Após a leitura deste documento, e na qualidade de Directora do Lar, concordo com a participação das crianças residentes nesta instituição num estudo sobre a influência de alguns aspectos da dimensão afectiva (autoconceito, resiliência e ansiedade) no seu rendimento escolar. Compreendo que procedimentos inerentes a este estudo envolvam o recolher de informação que permita compreender os referidos aspectos. O estudo tem como objectivo futuro criar, não só com bases neste mas também noutros estudos semelhantes, estratégias que permitam aos profissionais proporcionar um acompanhamento mais eficaz assim como, uma melhor compreensão do impacto de determinados aspectos afectivos e emocionais no rendimento escolar de crianças institucionalizadas.

A participação neste estudo envolve responder a uma prova de avaliação da capacidade de escrita, leitura e aritmética bem como a execução de quatro testes relacionados com a dimensão afectiva.

Reconheço que fui informada dos procedimentos e objectivos do estudo e que me encontro consciente do tipo de provas a que as crianças da instituição serão sujeitas. A identidade dos participantes não será revelada em nenhuma circunstância. No caso dos resultados deste estudo virem a ser publicados num jornal científico ou noutra publicação de carácter educativo, a identidade das crianças participantes no estudo permanecerá anónima sendo apenas referidas características gerais, como o sexo ou a faixa etária. Não serão divulgados quaisquer dados que possam eventualmente identificar os envolvidos no estudo.

A minha permissão para a colaboração das crianças neste estudo é voluntária, sendo-me no entanto reservado o direito de alterar a minha posição a qualquer momento, mesmo que isso implique a total exclusão de qualquer informação recolhida às crianças desta instituição.

A minha assinatura indica que li, compreendi e acordei com a informação contida neste documento e que todas as minhas dúvidas foram pronta e atempadamente esclarecidas.

Lisboa, 24 de Abril de 2008

Directora do Lar



Data



Com o conhecimento de,

Psicóloga *Sônia André*

Data *19.06.07*

Orientador da Tese de Mestrado *Emílio Salgueiro*

Data *19.06.08*

Investigador *Andreia Henriques*

Data *19.06.08*

Observação: No decorrer deste trabalho foi-nos possível compreender que não seria viável a realização do estudo de tantas variáveis, tendo-se optado por excluir a variável resiliência.

Também devido ao facto de a amostra que constituía o trabalho ser reduzida, chegou-se à conclusão de que não seria possível elaborar o estudo da influência das dimensões afectivas, já referidas anteriormente, no rendimento escolar das crianças. Isto porque, implicava a realização de tratamento estatístico dos dados, sendo tal pouco viável pois com um número tão reduzido de participantes, não seria possível retirar conclusões significativas e concludentes através deste estudo.

Como tal, optou-se por fazer um estudo mais aprofundado, utilizando como metodologia os estudos de caso, em que foram trabalhados com maior incidência as variáveis ansiedade, auto-conceito e dificuldades de aprendizagem (ao nível da leitura, escrita e cálculo) tendo em conta que o facto de terem sido vítimas de maus-tratos poderá ter afectado o seu desenvolvimento emocional e cognitivo.

Anexo B: Instrumentos

Instrumentos

Escala de Ansiedade Manifesta para Crianças (RCMAS)

Um dos instrumentos mais utilizados para avaliar o nível de ansiedade dos indivíduos é precisamente a Escala de Ansiedade Manifesta elaborada por Castaneda (1956) e posteriormente adaptada por Reynolds et Paget (1981).

Em qualquer uma das suas versões, a Escala de Ansiedade Manifesta tem-se revelado útil em estudos sobre aprendizagem, sucesso e/ou insucesso escolar, depressão, diferenças individuais e culturais, distúrbios de stress pós-traumático, efeitos de diferentes programas de tratamento, e desempenho em diversas tarefas escolares ou experimentais (Fonseca, 1992).

Esta escala possui trinta e sete itens. Desses trinta e sete itens, vinte e oito estão relacionados com diversos aspectos da ansiedade-traço (ex: «Tenho frequentemente dificuldades de respirar», «Sou nervoso») e os restantes nove itens estão relacionados com desejabilidade social ou mentira (ex: «Nunca me irrita», «Digo sempre a verdade»). Estes itens consistem em perguntas que por sua vez possuem duas hipóteses de resposta: Sim ou Não. Por sua vez, o índice global de ansiedade, que varia entre 0 e 37, é obtido através da soma do número total de itens que tiveram uma resposta SIM (Fonseca, 1992).

Pode ser utilizada em sujeitos com idades compreendidas entre os 6 e os 19 anos de idade (Fonseca, 1998a).

Esta escala revelou uma boa consistência interna (coeficiente $\alpha = 0.78$) e uma boa fidelidade teste-reteste ($r(20) = .68$) relativa ao período de um mês.

A Escala de Ansiedade Manifesta, tem-se revelado útil em estudos sobre aprendizagem, sucesso e/ou insucesso escolar, depressão, diferenças individuais e culturais, distúrbios emocionais, distúrbio de stress pós-traumático, efeitos de diferentes programas de tratamento, e desempenho em diversas tarefas escolares ou experimentais (Fonseca, 1998 a).

Escala de Auto-Conceito e Auto-Estima para Crianças:

A construção desta escala foi elaborada por Susan Harter (1985) a partir da *Perceived Competence Scale for Children* (Harter, 1982), tendo sido feita uma adaptação para a população portuguesa (Alves Martins, Peixoto, Mata & Monteiro, 1985).

A população a que este instrumento se destina é a sujeitos que frequentem do 3º ao 6º ano de escolaridade.

Este instrumento é constituído por duas escalas: o Perfil de Auto-Percepção e a Escala de Importância.

A primeira escala é por sua vez constituída por 6 sub-escalas, sendo que a primeira diz respeito à competência escolar. Assim, os itens desta sub-escala avaliam a percepção da criança no que respeita à sua competência ou aptidão no domínio do desempenho escolar. A segunda sub-escala corresponde à aceitação social, avaliando a mesma, a percepção da criança relativamente à sua aceitação por outras crianças e ao sentimento de popularidade entre elas. Quanto à terceira sub-escala corresponde à Competência Atlética a qual avalia a percepção da criança relativamente à sua competência em desportos ou jogos ao ar livre. Existe também a sub-escala da Aparência Física através da qual é avaliada a percepção da criança relativamente à sua aparência. A sub-escala do comportamento avalia a percepção da criança no que respeita ao modo como se comporta. Finalmente, a sub-escala da auto-estima avalia até que ponto a criança gosta de si própria enquanto pessoa, se é feliz. Através desta sub-escala podemos apercebermo-nos do julgamento global do valor que a criança faz de si própria, não sendo portanto este, um domínio específico de competência. Cada uma destas seis sub-escalas é constituída por seis itens, que por sua vez perfazem um total de 36 itens.

A segunda escala (escala de importância) tem como objectivo avaliar a importância atribuída pelo sujeito aos diferentes domínios considerados. É constituída por um conjunto de 10 itens (2, para cada uma das áreas específicas do auto-conceito).

Relativamente aos dados psicométricos, no que toca à fidelidade, a mesma foi analisada sob o ponto de vista da consistência interna da escala. Como tal as diferentes sub-escalas apresentam valores Alfa de Cronbach aceitáveis, com excepção da sub-escala Aceitação Social, cuja consistência interna é manifestamente mais baixa. Constata-se também a existência de valores que indicam boa estabilidade temporal, (para todas as sub-escalas o valor da correlação é estatisticamente significativo para $p < 0.01$) (Alves Martins, Peixoto, Mata & Monteiro, 1995).

A utilização desta escala traz-nos como vantagem o facto de permitir especificar quais as áreas do auto-conceito em que a criança se sente mais competente. Para além disso, permite a obtenção de medidas independentes da auto-estima e do auto-conceito.

Como limitação, viu-se através das propriedades psicométricas, que tanto no que toca à fidelidade como a validade, os resultados obtidos levantam algumas questões na utilização desta com crianças mais novas. Porém, de acordo com os autores da adaptação portuguesa da escala, através de aplicações individuais essas questões serão facilmente ultrapassadas.

O objectivo da Prova de Capacidade de Leitura “Decifrar” é averiguar a capacidade de leitura oral correcta de palavras isoladas, de grau crescente de dificuldade de decifração. Desta forma, as dificuldades que a criança mostra na discriminação fonética e na pronúncia das palavras sucessivamente apresentadas, permitem que se tire conclusões objectivas sobre a adequação etária do nível de leitura. Porém, não faz parte dos objectivos desta prova, a avaliação da compreensão do que é lido (Salgueiro, 2002).

Esta prova foi construída e elaborada para português, para crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 13 anos, em que foram determinadas as médias das palavras lidas correctamente por crianças que frequentam escolas primárias em Lisboa, em termos de anos e meses de leitura (Salgueiro, 2002).

O facto de não existirem provas portuguesas padronizadas, através das quais fosse possível a avaliação do nível de leitura das crianças, no que respeita às capacidades de decifração e de compreensão de palavras e textos, levou o “Grupo de Estudos de Leitura” (formado em 1982, com o propósito de realizar pesquisas na área da leitura e da escrita) a começar por construir uma prova avaliativa da capacidade de decifração de palavras, inspirada no “Graded Word Reading Test” de Schonell realizado em 1960 (Salgueiro, 2002).

Foram construídas, entre 1982 e 1986, três versões sucessivas, experimentadas ao longo desses anos por 1674 crianças. Só em 1992, sob a orientação estatística da Professora Helena Bacelar-Nicolau, foi possível chegar à quarta e definitiva versão, que constitui a actual “Prova de Capacidade de Leitura” (Salgueiro, 2002).

Provas de Escrita e de Cálculo

Estas provas foram realizadas por Serra (2005), com o objectivo de ajudar não só professores, como também educadores e pais a diagnosticar e avaliar as dificuldades de aprendizagem das crianças que frequentam o ensino básico e consequentemente contribuir para a melhora no seu desempenho nas áreas académicas básicas e consequentemente para uma melhoria na sua auto-estima. Na avaliação das provas foram utilizados os critérios elaborados pelo Ministério da Educação (2004) para verificar o nível de cada criança, consoante o seu ano de escolaridade.

Como limitação destas provas, pode-se apontar o facto de se ter utilizado uma única prova (uma de escrita e outra de cálculo) para todas as crianças, o que poderá não ser adequado uma vez que se encontram em níveis de desenvolvimento muito diferentes e o que consequentemente levou a um maior cuidado ao nível da classificação.

Por outro lado se utilizássemos uma prova diferente para cada ano de escolaridade, não conseguiríamos detectar com tanta facilidade algumas situações em que a criança apresenta um nível superior, tendo em conta aquilo que seria esperado.

CAT: Children Apperception Test

O CAT é composto por 10 cartões nos quais estão desenhados, a preto e branco mais ou menos esbatidos, animais familiares e selvagens cuja espécie varia de cartão para cartão.

Esta prova é destinada a crianças dos 3 aos 8-10 anos, de ambos os sexos. Porém, pode ser utilizada em crianças com uma idade um pouco superior, quando as mesmas possuam um funcionamento um pouco mais imaturo, ou estejam integradas com crianças com idades inferiores. (Chabert, 2000)

Esta prova tem como objectivo facilitar a compreensão das tendências da criança, assim como as suas relações com as figuras mais importantes para si. Desta forma, as pranchas exploram: problemas de alimentação, rivalidade entre irmãos, complexam de Édipo e cena primitiva, agressão, medos, masturbação, hábitos de limpeza (Hirsch, 2003).

Aquando da aplicação desta prova, a instrução dada às crianças é a seguinte: “Vamos jogar a um jogo de contar histórias. Vou-te mostrar uns cartões com uns desenhos e aquilo que tens que fazer é depois de ver esses mesmos cartões, contar uma história na qual me dirás o que está a acontecer, o que é que os animais estão a fazer” (Hirsch, 2003)

Desenho Livre

O Desenho Livre é uma prova projectiva na qual o sujeito projecta o seu Eu, os seus conflitos, os seus fantasmas, as suas fantasias. De acordo com Aguiar (2004) o desenho infantil pode ser muito revelador do grau de maturidade da criança, seu equilíbrio emocional e afectivo.

Luquet (1984) afirma que o desenho é uma íntima ligação do psíquico e do moral, sendo que a intenção de desenhar determinado objecto não é senão o prolongamento e a manifestação da sua representação mental.

A instrução que é dada à criança é que faça um desenho sobre aquilo que lhe apetecer, demorando o tempo que precisar. Através destas indicações a criança é livre para dar largas à sua imaginação, mostrando-nos assim de alguma forma o seu mundo interior.

No que respeita à aplicação, o desenho tem um papel de extrema importância na medida em que é muito económico em termos de tempo, sendo a sua aplicação de extrema facilidade.

Há no entanto que ter em conta que quando a criança já tem uma certa idade, percebe que aquilo que irá fazer será analisado, contribuindo assim para que se retraíam e façam desenhos com conteúdos mais defensivos.

Aquando da interpretação o examinador deverá ter em conta as verbalizações feitas pela criança durante o desenho, a história que conta acerca do mesmo pois isso constitui informações de extrema importância para poder compreender de uma forma mais profunda a criança.

Anexo C: Instrumentos: Escala de Auto-Conceito de Susan Harter

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
U.L.P.C.D.E. - Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação

COMO É QUE EU SOU?

(Adaptação do "Self Perception Profile for Children" de Susan Harter)

NOME: _____ ANO: _____ TURMA: _____ Nº _____

IDADE: _____ DATA DE NASC.: ____/____/____ DATA DE APLIC.: ____/____/____

EXEMPLO:

	Sou Tal e Qual Assim	Sou um Bocadinho Assim		MAS		Sou um Bocadinho Assim	Sou Tal e Qual Assim
a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças gostam de brincar na rua nos seus tempos livres.		Outras gostam mais de ficar em casa a ver televisão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que são muito <u>boas</u> nos seus trabalhos da escola.		Outras <u>preocupam-se</u> porque muitas vezes não sabem fazer os trabalhos da escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham <u>difícil</u> fazer amigos.		Outras acham muito <u>fácil</u> fazer amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças são <u>muito boas</u> em todas as espécies de desporto.		Outras acham que <u>não</u> muito boas quando fazem desporto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças <u>gostam</u> do aspecto que têm.		Outras <u>não</u> gostam do aspecto que têm.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças <u>não</u> gostam do modo como se portam.		Outras <u>gostam</u> do modo com se portam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças <u>não</u> estão muito satisfeitas consigo próprias.		Outras estão bastante <u>satisfeitas</u> consigo próprias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Sou Tal e Qual Assim	Sou um Bocadinho Assim		MAS		Sou um Bocadinho Assim	Sou Tal e Qual Assim
7.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que são tão inteligentes como outras crianças da sua idade.		Outras não têm a certeza e duvidam que sejam tão inteligentes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças têm muitos amigos.		Outras não têm muitos amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças gostavam de ser muito melhores no desporto.		Outras acham que são boas no desporto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças estão satisfeitas com a altura e peso que têm.		Outras gostariam que a sua altura e peso fossem diferentes .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças costumam fazer aquilo que devem .		Outras não costumam fazer o que devem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças não gostam da vida que têm.		Outras gostam da vida que têm.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças demoram muito tempo a fazer os trabalhos da escola.		Outras conseguem fazer os trabalhos da escola depressa .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças gostavam de ter muitos amigos.		Outras têm todos os amigos que querem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que podiam ser boas em qualquer desporto que nunca experimentaram.		Outras receiam não ser boas em desportos que nunca experimentaram.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças gostavam que o seu corpo fosse diferente .		Outras gostam do seu corpo tal com é.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças costumam portar-se como sabem que devem portar-se .		Outras não costumam portar-se como sabem que devem portar-se.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Sou Tal e Qual Assim	Sou um Bocadinho Assim				Sou um Bocadinho Assim	Sou Tal e Qual Assim
18.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças estão <u>contentes</u> consigo próprias.	MAS	Outras normalmente <u>não</u> estão contentes consigo próprias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças <u>esquecem</u> muitas vezes o que aprendem.	MAS	Outras conseguem <u>lembrar-se</u> das coisas com facilidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças conseguem que as suas ideias sejam <u>sempre</u> aceites pelas outras.	MAS	Outras <u>não</u> conseguem que as suas ideias sejam aceites.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que são <u>melhores</u> do que as outras da mesma idade a fazer desporto.	MAS	Outras acham que <u>não</u> são capazes de fazer desporto tão bem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças gostavam que o seu aspecto físico (a sua aparência) fosse <u>diferente</u> .	MAS	Outras <u>gostam</u> do seu aspecto tal como é.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças arranjam muitas vezes <u>complicações</u> por causa das coisas que fazem.	MAS	Outras <u>não</u> costumam fazer coisas que as metam em complicações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças <u>gostam</u> do tipo de pessoa que são.	MAS	Outras preferiam ser <u>outra</u> pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças são muito <u>boas</u> nos estudos.	MAS	Outras <u>não</u> são muito boas nos estudos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças gostavam que <u>mais</u> crianças da sua idade gostassem delas.	MAS	Outras acham que a maior parte das crianças da sua idade <u>gostam</u> delas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Em jogos e desportos algumas crianças costumam <u>assistir</u> em vez de jogar.	MAS	Outras <u>jogam</u> a maior parte das vezes em vez de ficarem só a ver.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças gostavam que a sua cara ou os seus cabelos fossem <u>diferentes</u> .	MAS	Outras <u>gostam</u> da cara e do cabelo que têm.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Sou Tal e Qual Assim	Sou um Bocadinho Assim			Sou um Bocadinho Assim	Sou Tal e Qual Assim	
29.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças fazem coisas que sabem que <u>não deviam</u> fazer.	MAS	Outras <u>quase nunca</u> fazem coisas que não devem fazer .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças estão muito <u>satisfeitas</u> por serem aquilo que são.	MAS	Outras gostavam de ser <u>diferentes</u> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças têm <u>dificuldade</u> na escola para descobrirem as respostas certas.	MAS	Outras quase sempre conseguem <u>responder certo</u> .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças têm <u>todos</u> os amigos que gostavam de ter.	MAS	Outras gostavam de ter <u>mais</u> amigos porque sentem que têm poucos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças têm <u>dificuldade</u> em novas actividades desportivas.	MAS	Outras são <u>boas</u> desde o principio em novas actividades desportivas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que são <u>bonitas</u> .	MAS	Outras acham que <u>não</u> são bonitas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças portam-se muito <u>bem</u> .	MAS	Outras acham <u>difícil</u> portar-se bem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças <u>não</u> gostam muito da maneira como fazem as coisas.	MAS	Outras acham <u>boa</u> a maneira como fazem as coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

QUAL É PARA TI A IMPORTÂNCIA DESTAS COISAS?

NOME: _____ ANO: _____ TURMA: _____ Nº _____

	Sou Tal e Qual Assim	Sou um Bocadi- nho Assim		MAS		Sou um Bocadi- nho Assim	Sou Tal e Qual Assim
1.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que é importante ser bom aluno para se sentirem bem.		Outras não acham que seja assim tão importante o modo como vão nos estudos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças não acham que seja importante ter muitos amigos.		Outras acham que ter muitos amigos é importante para se sentirem bem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que é importante ser bom em desportos.		Outras não acham que a habilidade para desportos seja importante para se sentirem bem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que é importante ser bonito para se sentirem bem.		Outras acham que não é importante ser bonito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que é importante portar-se bem.		Outras acham que o modo com se portam não é muito importante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que ter boas notas não é muito importante para se sentirem bem.		Outras acham que ter boas notas é importante .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham importante brincar com outras crianças.		Outras não acham importante brincar com muitas crianças.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que ter jeito para desportos não é importante para se sentirem bem.		Outras acham que ser bom atleta é importante .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que o seu aspecto físico não é importante para se sentirem bem.		Outras acham que o seu aspecto físico é importante .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Algumas crianças acham que o modo como se portam não é importante.		Outras acham que é importante portar-se como deve ser.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo D: Instrumentos: Escala de Ansiedade Manifesta para Crianças

Escala de Ansiedade Manifesta para Crianças

Nome..... Sexo..... Idade.....
 Ano escolar..... Data.....

Instruções

Lê cada uma destas frases com atenção. Se achares que ela se aplica a ti põe um círculo à volta do sim. Se achares que ela não se aplica a ti põe o círculo à volta do não.

- | | | |
|---|-----|-----|
| 1. Tenho dificuldade em decidir-me | SIM | NÃO |
| 2. Fico nervoso(a) quando as coisas não me correm bem | SIM | NÃO |
| 3. Parece que as outras pessoas fazem as coisas mais facilmente do que eu.. | SIM | NÃO |
| 4. Gosto de todas as pessoas que conheço | SIM | NÃO |
| 5. Tenho frequentemente dificuldades em respirar | SIM | NÃO |
| 6. Ando muitas vezes preocupado | SIM | NÃO |
| 7. Tenho medo de muitas coisas | SIM | NÃO |
| 8. Sou sempre amável | SIM | NÃO |
| 9. Descontrolo-me ou perco a cabeça facilmente | SIM | NÃO |
| 10. Preocupo-me com o que os meus pais me irão dizer | SIM | NÃO |
| 11. Sinto que os outros não gostam da maneira como eu faço as coisas | SIM | NÃO |
| 12. Tenho sempre boas maneiras | SIM | NÃO |
| 13. Tenho dificuldade em adormecer à noite | SIM | NÃO |
| 14. Preocupo-me com o que as outras pessoas pensam de mim | SIM | NÃO |
| 15. Sinto-me só mesmo quando há pessoas comigo | SIM | NÃO |
| 16. Comporto-me sempre bem | SIM | NÃO |
| 17. Sinto-me enjoado(a) muitas vezes | SIM | NÃO |
| 18. Fico facilmente ofendido(a) (Melindro-me facilmente) | SIM | NÃO |
| 19. Dá-me a sensação de ter as mãos suadas | SIM | NÃO |
| 20. Sou sempre bem educado(a) para com todos | SIM | NÃO |
| 21. Canso-me muito | SIM | NÃO |
| 22. Preocupo-me com o que vai acontecer | SIM | NÃO |
| 23. As outras pessoas são mais felizes do que eu | SIM | NÃO |
| 24. Digo sempre a verdade | SIM | NÃO |
| 25. Tenho maus sonhos | SIM | NÃO |
| 26. Fico facilmente ofendido(a) quando me chateiam | SIM | NÃO |
| 27. Sinto que alguém me vai dizer que ando a fazer mal as coisas | SIM | NÃO |
| 28. Nunca me irrita | SIM | NÃO |
| 29. Às vezes acordo assustado(a) | SIM | NÃO |
| 30. Fico preocupado(a) quando à noite vou para a cama | SIM | NÃO |
| 31. Tenho dificuldade em concentrar-me no meu trabalho escolar | SIM | NÃO |
| 32. Nunca digo coisas que não deveria dizer | SIM | NÃO |
| 33. Mexo-me muito na minha cadeira | SIM | NÃO |
| 34. Sou nervoso(a) | SIM | NÃO |
| 35. Há muita gente que é contra mim | SIM | NÃO |
| 36. Nunca minto | SIM | NÃO |
| 37. Preocupa-me, muitas vezes, que me possa acontecer alguma coisa má .. | SIM | NÃO |

Anexo E: Provas de Escrita e Cálculo

Prova de Escrita

(retirado das fichas de Helena Serra)

1-Faz a cópia do seguinte excerto:

A Lenda do Galo de Barcelos

Segundo essa lenda, os habitantes do burgo andavam alarmados com um crime e, ainda mais, por não se ter descoberto o criminoso que o cometera. Certo dia, apareceu um galego que se tornou suspeito. As autoridades resolveram prendê-lo e, apesar dos seus juramentos de inocência, ninguém ousou acreditá-lo. Ninguém aceitava que o galego se dirigia a S. Tiago de Compostela para o cumprimento de uma promessa.

Foi condenado à forca!

2-Ordene as frases correctamente:

- Professor: Então, porquê?
- Professor: Espero bem que sim.
- Agostinho: É verdade, Senhor Professor... E venho muito bem disposto, sabe?
- Agostinho: Porque trago a lição muito sabidinha... (...)
- Professor: Olá... Outra vez por cá?
- Agostinho: Dá-me licença, Senhor Professor?

3-Construa as frases correctas a partir das palavras fornecidas

- sardinhas. de As focas gostam.
- Ana O da deu-lhe padrinho chocolate. um
- Oriana, era Sol acordava. a O que era ele o pois da fada relógio

4 - Agora vou-te ler este pequeno texto e peço-te que faças uma cópia do mesmo.

Ditado

No supermercado as prateleiras estão repletas de produtos frescos que os empregados renovam constantemente, sobretudo de manhã.

Os fregueses adquirem-nos depois de os apreciarem e apreçarem.

À porta do supermercado, trabalham quatro pedreiros para reporem as pedras partidas.

5-Faz um final, para a seguinte história...

Era uma vez uma menina que gostava muito de animais. Um dia ela ia a apassar na rua e viu um gatinho com uma pata ferida. Ela pensou logo que teria de levá-lo para casa para lhe fazer um curativo. Mas quando estava a pensar nisso lembrou-se que os pais secalhar não iam gostar da ideia. Mas ela não se importou e levou à mesma o gato para casa.

Quando chegou a casa...

Prova de Cálculo
(retirado das fichas de Helena Serra)

1-Coloca os seguintes números por ordem crescente:

65; 56; 43; 29; 76; 21; 14; 84;

Coloca os seguintes números por ordem decrescente:

54; 18; 43; 76; 89;22; 34; 19

2-Efectua os seguintes cálculos:

- a) $56+100 =$
- b) $61-11 =$
- c) $64 \times 10 =$
- d) $125:5 =$

3-Refere se as seguintes afirmações são verdadeiras ou falsas, corrigindo oralmente as falsas:

- a) O número 60 tem 6 dezenas.
- b) O número 1350 tem 135 centenas.
- c) O número 2467 tem 2 milhares.
- d) Uma dezena são 100 unidades.
- e) 2 centenas são 200 dezenas
- f) No número 45 721 o 7 é o algarismo das centenas
- g) 5 milhares são 5000 unidades.

4-Realiza as seguintes operações:

- a) $7459+388 =$
- b) $721 - 459 =$
- c) $8450: 5 =$
- d) $4327 \times 34 =$

5-Resolve as seguintes situações problemáticas:

a)A Teresa tem 18 anos e o Luís tem menos 7 anos que a Teresa. Qual é a idade do Luís?

b)Quatro amigos resolveram pesar-se no mesmo dia. O mais pesado tinha 48.5 kg e os outros 43 kg, 38.5 kg e 37 kg.

Completa a tabela, sabendo que:

- O Luís é mais pesado que o André;
- O João é o mais pesado;
- O Nuno pesa mais do que o Luís.

Nome	Peso em kg
André	
Luís	
João	
Nuno	

Anexo F: Estudo de Caso da Joana -Desenho Livre e Protocolo do CAT



Desenho Livre da Joana

Protocolo do CAT

Cartão 1

A mãe está a dar papa a eles. E eles comem. A comida está a ferver. Os filhos sentem-se bem. A mãe também se sente bem.

Cartão 2

Os lobos estão a fazer força a ver quem é que ganha. E estão em cima de uma rocha. Os lobos estão a sentir-se bem.

Cartão 3

É o rei. O tigre é mau porque morde e depois nós morremos. E está aqui um ratinho a olhar. O rei está a sentir-se bem. O rei estava a olhar para as coisas a ver se via alguém.

Cartão 4

São os cangurús que estão a passear e vão almoçar fora. E o canguru pequenino está a andar de bicicleta. A mãe ia a saltar com o bebe. Os cangurus tinham medo dos bichos. (Refere que a nuvem no cartão é um mosquito).

Cartão 5

A mãe a filha foram passear. Depois quando chegaram a casa viram tudo escuro, tudo cinzento. E antes a cama da bebe era toda cor-de-rosa, a almofada era laranja, a cama da mãe estava verde. Não estava ninguém no quarto, estava tudo escuro.

Cartão 6

São os lobos maus. Os lobos são roxos. Os lobos estão a dormir. E o mais pequenino está a ver que vem aí alguém e não consegue dormir.

Cartão 7

É o tigre. Está a atirar-se e a morder ao macaco porque não gostam de macacos. E o macaco não conseguia subir porque as unhas do tigre estavam a segurar o rabo dele. E as arvores são muito bonitas.

O tigre vai comer o macaco. E depois o macaco fica triste e o tigre fica contente.

Cartão 8

Os pais e as mães do macaco estavam num casamento, Os pais estavam a beber café e o macaco estava a brincar. O pai e a mãe foram-se casar e depois ficaram felizes

para sempre. O macaco estava um bocadinho furioso porque a mãe dele disse para ficar sentado, que não podia ir brincar.

Cartão 9

O coelho estava a dormir e de repente a porta abriu-se e ele ficou com medo e chorou assim: “Mãe, mãe”. E depois saiu da cama para ir ter com a mãe. Ele acabou por não encontrar a mãe.

Cartão 10

A mãe estava a dizer que o cachorro tinha de ficar sentado. E ele não respeitava a mãe porque ele queria ir lá para fora e a mãe não deixava porque ele tinha de ir comer.

Vitória, vitória, acabou-se a história.

**Anexo G: Estudo de Caso da Manuela: Desenho Livre e Protocolo do
CAT**



Desenho Livre da Manuela

Protocolo de CAT

Cartão 1

Era uma vez três irmãos que eram pintainhos. Um era rapaz, outra era a irmã maior e a outra que era menina e era pequenina. Foram todos à cozinha e fizeram um gelado. Puseram a mesa e começaram a comer. E havia lá uma galinha que era muito gira e estava sempre a acompanhá-los. Ah, afinal não era uma galinha, era um galo.

O que estava o galo a fazer? O galo chamava-se José e estava a acompanhá-los.

Cartão 2

Era uma vez três ursos, um era o pai, o outro a mãe e o outro era o filho pequenino. Estavam todos a brincar com uma corda. Enquanto estavam a brincar, um dia o pequenino caiu e os pais ficaram preocupados. Foram lá a baixo e salvaram-no. Continuaram a brincar. Era verão e estava muito calor e por isso eles foram nadar.

Cartão 3

Era uma vez um leão que era o rei da selva. Estava sempre numa cadeirinha a fumar. Um dia apareceu um buraco na sua casa e havia lá ratos. E depois eles foram amigos e viveram felizes para sempre.

Cartão 4

Era uma vez uma mãe, um filho pequenino e um filho mais velho. O filho grande estava a andar de bicicleta. O filho pequeno estava a brincar com o balão. A mãe ia à loja. Depois a mãe disse: “Bebe, vais agora comigo à loja” e ele foi. E quando estava a passear, perdeu o balão e chorou muito, muito, muito. E depois, eles perderam-se os dois. O pai andou à procura deles, encontrou-os e viveram felizes para sempre.

Cartão 5

Era uma vez um pai, uma mãe e um filho que tinha um urso. Um dia estava muito escuro e ele teve medo. Foi para a cama da mãe e do pai, mas não se sentia confortável sem o ursinho e então foi dormir para o chão. Tirou o cobertor da cama e ficou a dormir no chão. E nunca mais ficou preocupado com os sonhos maus que tinha e viveram felizes para sempre.

Que sonhos eram esses? Sobre monstros

Cartão 6

Era uma vez uma mãe, um pai e um filho que eram ursos. Eram muito maus, não gostavam de crianças, só o pequenino. Um dia ele foi a um sítio (*A Maria não se lembrava do nome*) visitar pessoas. Os pais já estavam a sentir a falta dele. Quando ele chegou levou uma grande palmada dos pais e eles disseram-lhe: “Onde foste?” e ele disse: “Eu fui o Algarve visitar os meus amigos”. A mãe como era muito simpática para ele, disse assim para o pai: “Calma”. E o pai acalmou e nunca mais se zangou. E viveram felizes para sempre.

Cartão 7

Era uma vez um tigre que andava pela selva com um macaco. Só que o macaco andava sempre a esconder-se dele. O tigre disse: “Acho que ele devia ser meu amigo. Mas não tenho hipótese, ele tem medo de mim”. E o macaco disse: “Eu posso ser teu amigo”. E brincaram e foram felizes para sempre.

Cartão 8

Era uma vez, um pai a mãe e a tia e o filho do pai e da mãe. O pai e a mãe estavam a cuscar (a segredarem). E a tia estava a dizer-lhe: “Só podes arranjar namorada quando fores crescido porque senão todos vão gozar contigo”. E ele disse: “Está bem.” E viveram felizes para sempre.

Cartão 9

Era uma vez um coelhinho que estava sempre chateado a olhar para a porta. E a mãe disse: “Bebe, porque estás sempre chateado?” E ele respondeu: “Mamã, é porque não tenho amigos.” E a mãe disse: “Vou-te arranjar uns amigos muito bonitos”. E o filho viveu feliz para sempre com os novos amigos que a mãe arranjou.

Cartão 10

Era uma vez uma mãe e uma filha que eram cadelas. As duas estavam sempre a brincar. A mãe fazia-lhe tantas cócegas que ela começava a rir. A cadelinha tinha muitos amigos e

outros que gostavam dela. E ela disse: “Não, não, não. Só vou namorar com quem eu gosto. Eu gosto de uma pessoa chamada Telmo.” E eles os dois namoravam e viveram felizes para sempre. E a mãe deixava-os namorar.

Anexo H: Estudo de Caso do Pedro - Desenho Livre e Protocolo de CAT



Desenho Livre do Pedro

Protocolo do CAT

Cartão 1

Era uma vez três frangos que estavam a comer e a mãe galinha estava a ver. Eles não estavam a comer em casa, estavam a comer fora. Eles estavam a comer frango massado. Eles estavam a sentir-se confortáveis.

Cartão 2

Era a mãe urso, o filho e o pai urso. Estavam a fazer o jogo da corda. A mãe e o filho estavam juntos e quem estava a ganhar era o pai. E estavam a divertir-se e a sentir-se bem porque estavam no parque urbano.

Cartão 3

Era um homem que foi enfeitado em leão velho. Estava sentado no seu trono. E na parede havia o rodapé e estava lá um buraco onde havia uma família de ratos. Um chamava-se Pedro, outro Domingos, outro Márcio, outro Miguel, Márcia, Daniela, Tânia, João. O rato Pedro estava a ouvir a conversa do homem transformado em leão velho com o rato Domingos.

Cartão 4

Na Serra da Arrábida havia dois cangurus, uma mãe e um filho que iam levar doces ao marido e encontraram um gato a andar de bicicleta. A mãe estava a perder o chapéu. Quando chegou a casa a mãe canguru deu-lhe pão, bolachas e leite.

Cartão 5

A mãe do Rafael tinha um quarto onde dormia a mãe, o pai, e o Rafael. A almofada do Rafael mete medo aos seus pais, porque é um urso de boca aberta. O Rafael não tem medo porque já conhece a almofada.

Cartão 6

Numa caverna havia dois ursos mais velhos e um mais novo. E eles estavam a dormir no 10 de Junho porque estavam os caçadores cá fora. Eles sentiam-se bem porque estavam a dormir.

Cartão 7

Na selva havia um macaco e um tigre. O tigre um dia fartou-se com o macaco porque ele estava sempre a fazer Uh,uh,ah,ah! E por isso o leão atacou-o. Mas o macaco conseguiu fugir para o outro lado da selva. E o leão foi caçado pelos caçadores. E o macaco veio a este lado da selva com muito cuidado e quando viu o leão deitado, morto começou-lhe a dar chapadas e por bananas na boca e depois foi para o outro lado da selva a fazer uh uh ah ah.

Cartão 8

O macaco tinha uma casa e o tio estava a ver se ele tinha piolhos para ele comer. O pai e a mãe do macaco estavam a beber café em sua casa. E o tio encontrou 15 piolhos e alimentou-se para o resto do ano. E o macaco triste e sozinho, voltou para a selva.

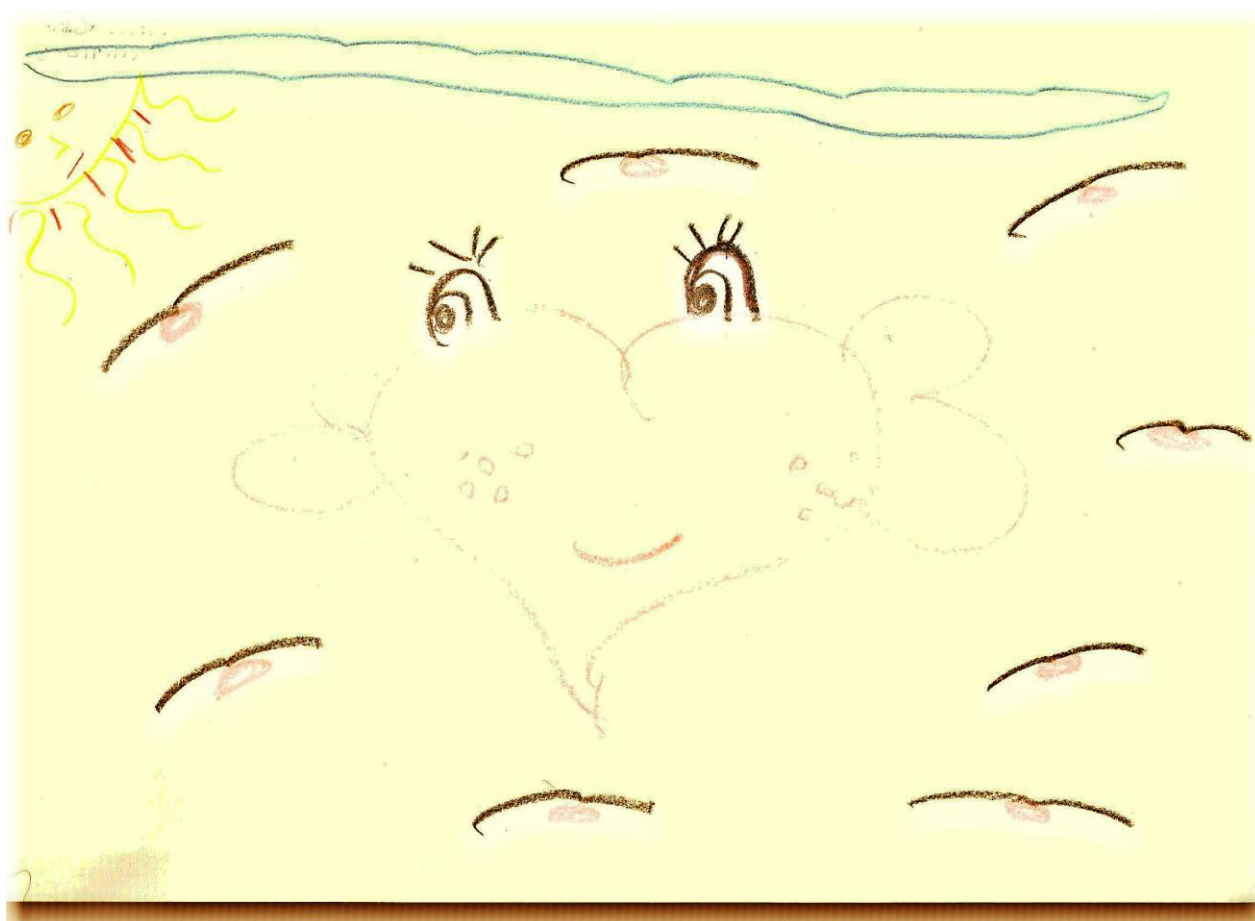
Cartão 9

Na casa do macaco estava um coelho que tinha sido raptado e ele estava no quarto do macaco. Depois houve bulha, cenouras contra bananas. E depois os outros macacos entraram e trancaram-os lá dentro. E eles fizeram as pazes e ficaram amigos.

Cartão 10

Havia um cão e um cãozinho. Quando o cãozinho ia para a casa de banho a mãe estava sentada e passou-lhe a mãe por cima para ver se ele tinha pulgas e ele abriu a boca. E eles foram brincar para a banheira. Quando o cãozinho partiu a pata, a mãe levou-o ao veterinário. Depois ele ficou bom. Depois voltaram para casa e brincaram muito sem ser na casa de banho. O cãozinho partiu a pata na brincadeira na banheira.

Anexo I: Estudo de Caso da Telma: Desenho Livre e Protocolo de CAT



Desenho Livre da Telma

Protocolo do CAT

Cartão 1

Era uma vez quatro galinhas. A mãe estava a dar comer aos filhos. Eles comeram tudo e quiseram repetir. A mãe disse que era a ultima vez. (?) Sentiam-se felizes porque gostavam da comida.

Cartão 2

São ursos. Estão a puxar uma corda para quem ganhasse. Eles estavam no gelo. O filho também estava a puxar a corda e estava-se a rir muito. E o outro estava a puxar sozinho a corda mas não ganhou. Quem ganhou foi o pai e o filho. O que estava sozinho era vizinho deles. O que estava sozinho estava mais ou menos infeliz porque estava a perder. Os outros dois estavam felizes.

Cartão 3

Era uma vez um tigre que estava muito, muito cansado e o rato estava a espreitar. Ele estava muito triste (o tigre), porque não foi à festa de todos os tigres. O rato também estava triste por não ter ido à festa de todos os ratos.

Cartão 4

A mãe foi à loja com os filhos cangurus. Um filho canguru vinha de bicicleta e o outro vinha dentro da bolsa da mãe. A mãe vinha com o cesto e a mala a voar. E vinha a agarrar

no chapéu. Estava no meio do gelo e estava quase a chegar a casa. O filho tinha um balão na mão e quase que o deixava cair.

Cartão 5

A cama estava no quarto da mãe. Tinha lá ursos lá dentro a dormir. Estava de noite. O candeeiro estava desligado e os pais estavam a dormir muito sossegados. Mas os filhos ouviram um barulho e disseram: “Socorro, socorro!”. E ficaram com muito medo. Os pais acordaram com o barulho e foram ver o que é que eles tinham. Depois eles contaram que ouviram um barulho e os pais foram lá fora ver o que se passava e viram que tinha sido uma árvore que tinha caído. Depois disseram aos filhos para não se preocuparem, que tinha sido uma árvore a cair.

Cartão 6

Os ursos estavam numa caverna. O filho estava deitado nas folhas e os pais estavam a dormir. A mãe acordou e foi para perto do filho. O filho estava a tremer porque estava com frio. A mãe deitou-se em cima dele, mas ele também tinha fome. A mãe foi buscar comida para lhe dar e ele conseguiu dormir melhor sem ter frio nem fome. E sentiu-se feliz.

Cartão 7

Era uma vez um tigre que queria morder o macaco. O macaco não conseguia subir às árvores porque ainda era pequenino, era bebé. O leão era maior do que ele e o macaco estava quase a cair de cima da árvore, porque o leão tinha mais força que o macaco. O macaco tinha medo, estava a tremer porque o leão tinha os dentes muito grandes e as patas afiadas. (?) O tigre não conseguiu apanhar o macaco.

Cartão 8

Os macacos estavam a beber um café. A mãe estava a dizer “ Ele não te faz mal nenhum”. A macaca estava a dizer um segredo ao macaquinho. E tinham uma moldura lá ao pé que estava a olhar para eles. O macaco pequenino disse: “Não quero ir para o quarto, quero ficar na sala”. Mas a mãe disse que não, que ele tinha de ir para o quarto. E ele ficou muito triste.

Cartão 9

O coelhinho estava na cama dentro do quarto. E as cortinas só estavam a mexer e ele ficou a tremer. Ele foi chamar a mãe e o pai, mas eles estavam a dormir e não

conseguiram ouvir nada. Quando foram ao quarto a janela estava aberta e é por isso que estava a fazer aquele barulho. E o filho assim já conseguiu dormir. Ficou mais feliz pois os pais acalmaram o menino. O menino ficou mais feliz.

Cartão 10

A mãe e o filho estavam na casa de banho. Mas a mãe queria ir à sanita, mas não conseguiu (risos) e o filho também. O filho estava a ladrar e a mãe disse: “Calma filho”. A mãe embrulhou-o na toalha e foram os dois tomar banho. A mãe saiu primeiro do banho e embrulhou o filho à toalha e a mãe sentou-se no banco. E o filho sentiu-se mais calmo e mais feliz.

**Anexo J: Estudo de Caso da Catarina - Desenho Livre e Protocolo do
CAT**



Desenho Livre da Catarina

Protocolo do CAT

Cartão 1

Vejo os patos a comerem e uma galinha. A galinha estava a vê-los comer. Estão a comer sopa. A sopa estava nas tijelas. E os patos estavam a conversar como se fazia a sopa.

Cartão 2

Os ursos estão a puxar a corda. O sozinho era o mais velho. Do outro lado estava o mais alto com o menor. Estavam a puxar a corda e quem estava a ganhar era o mais velho. Estavam todos a fazer força, já estavam a cansar-se.

Cartão 3

Era o rei da selva. Já era muito velhote. Estava a fumar um cachimbo. Estava na cadeira do rei e tinha a bengala e o rato ao pé da cadeira. Eles estavam a conversar. O leão estava a dizer ao rato: “Quando eu morrer, não sei quem vai ficar com o meu lugar”. O rato respondeu: “Pode ser o Tigre”.

Cartão 4

Os três cangurus. A mãe tinha o mais novo no saco, guardado. iam fazer um piquenique. O outro que era o mais velho dos irmãos ia na bicicleta. A mãe já estava a ver a cidade. E lá foram. O mais novo tinha um balão na mão. E a mãe tinha um chapéu com florinhas. E o filho mais velho estava só com a bicicleta. O piquenique ia ser no jardim. Ainda faltava muito para lá chegarem.

Cartão 5

Não vejo nada. (...) Um bebe urso. Ele estava a dormir na cama. E os pais também estavam a dormir. O candeeiro estava apagado, já estava de noite. O bebe estava a dormir. E a cama era de madeira.

Cartão 6

Não sei o que é isto. (...) Os pais e os filhos. O pai e a mãe estavam a dormir e o filho não conseguia dormir. Estava numa caravana (caverna) que era muito fria. Ele não conseguia dormir, tinha muito frio, estava lá todo encolhido. Depois foi mais para longe na caravana. E assim já não apanhou frio.

Cartão 7

Isto aqui é um tigre e um macaco. O tigre estava a atacar o macaco. O macaco estava a subir, quase que ele caia. O tigre com aqueles dentes e unhas grandes quase o comia. O macaco gritou e caiu. E depois quase que o tigre o comia, mas o macaco conseguiu escapar. E gritou: “Socorro!”.

Cartão 8

Era os macaquinhos: o avô, a avó e o filho (que era o neto). Estavam em casa. O avô estava a dizer ao neto: “ Tem cuidado! Lá na selva há muitos animais perigosos, muitos tigres. Quase que ias sendo apanhado à bocado.” Os avós estavam a beber um café e a conversar: “Ai este neto é um malandro. Tenho que lhe dar uma lição” Disse o outro avô do macaco. (Estavam os dois avôs e a avó do macaco).

Cartão 9

O coelho estava na cama. Não conseguia dormir. Ele estava a achar esquisito porque a porta estava a abrir e a fechar sozinha. Ele pensou que era o fantasma e disse assim: “È melhor eu ir chamar alguém”. E foi chamar a avó. E ela disse: “Dorme que eu vou estar aqui contigo e a porta não vai mais abrir e fechar”:

Cartão 10

Oh! Tão giro! È a mãe da cadela, com a cadela. A cadela estava aflita para ir à casa de banho e a mãe estava com uma cara... A cadela só estava a fazer palhaçadas e a rir. A mãe disse: “Filha, para com essas palhaçadas. A mãe já está farta!” E a cadela parou.

Anexo K: Estudo de Caso do Patrício Desenho Livre e Protocolo do CAT



Desenho do Patrício

Protocolo de CAT

Cartão 1

Era uma vez três frangos que estavam a comer e a mãe galinha estava a ver. Eles não estavam a comer em casa, estavam a comer fora. Eles estavam a comer frango massado. Eles estavam a sentir-se confortáveis.

Cartão 2

Era a mãe urso, o filho e o pai urso. Estavam a fazer o jogo da corda. A mãe e o filho estavam juntos e quem estava a ganhar era o pai. E estavam a divertir-se e a sentir-se bem porque estavam no parque urbano.

Cartão 3

Era um homem que foi enfeitado em leão velho. Estava sentado no seu trono. E na parede havia o rodapé e estava lá um buraco onde havia uma família de ratos. Um chamava-se Pedro, outro Domingos, outro Márcio, outro Miguel, Márcia, Daniela, Tânia, João. O rato Pedro estava a ouvir a conversa do homem transformado em leão velho com o rato Domingos.

Cartão 4

Na Serra da Arrábida havia dois cangurus, uma mãe e um filho que iam levar doces ao marido e encontraram um gato a andar de bicicleta. A mãe estava a perder o chapéu. Quando chegou a casa a mãe canguru deu-lhe pão, bolachas e leite.

Cartão 5

A mãe do Rafael tinha um quarto onde dormia a mãe, o pai, e o Rafael. A almofada do Rafael mete medo aos seus pais, porque é um urso de boca aberta. O Rafael não tem medo porque já conhece a almofada.

Cartão 6

Numa caverna havia dois ursos mais velhos e um mais novo. E eles estavam a dormir no 10 de Junho porque estavam os caçadores cá fora. Eles sentiam-se bem porque estavam a dormir.

Cartão 7

Na selva havia um macaco e um tigre. O tigre um dia fartou-se com o macaco porque ele estava sempre a fazer Uh,uh,ah,ah! E por isso o leão atacou-o. Mas o macaco conseguiu fugir para o outro lado da selva. E o leão foi caçado pelos caçadores. E o macaco veio a este lado da selva com muito cuidado e quando viu o leão deitado, morto começou-lhe a dar chapadas e por bananas na boca e depois foi para o outro lado da selva a fazer uh uh ah ah.

Cartão 8

O macaco tinha uma casa e o tio estava a ver se ele tinha piolhos para ele comer. O pai e a mãe do macaco estavam a beber café em sua casa. E o tio encontrou 15 piolhos e alimentou-se para o resto do ano. E o macaco triste e sozinho, voltou para a selva.

Cartão 9

Na casa do macaco estava um coelho que tinha sido raptado e ele estava no quarto do macaco. Depois houve bulha, cenouras contra bananas. E depois os outros macacos entraram e trancaram-nos lá dentro. E eles fizeram as pazes e ficaram amigos.

Cartão 10

Havia um cão e um cãozinho. Quando o cãozinho ia para a casa de banho a mãe estava sentada e passou-lhe a mãe por cima para ver se ele tinha pulgas e ele abriu a boca. E eles foram brincar para a banheira. Quando o cãozinho partiu a pata, a mãe levou-o ao veterinário. Depois ele ficou bom. Depois voltaram para casa e brincaram muito sem ser na casa de banho. O cãozinho partiu a pata na brincadeira na banheira.

**Anexo L: Estudo de Caso do Ricardo - Desenho Livre e Protocolo do
CAT**



Desenho Livre do Ricardo

Protocolo do CAT

Cartão 1

Vejo uma galinha, três pintos, três tigelas, três candeeiros.

O que estavam a fazer? Estão a comer os pintos. A galinha está a observar eles a conversar.

Como se sentem? Contentes. *Porquê?* Não sabe.

Cartão 2

Nesta vejo um urso e uma ursa a puxarem uma corda. O urso sozinho vai ganhar porque tem mais corda do que os outros. Sentem-se cansados.

Cartão 3

Aqui vejo um leão, uma cadeira, um rato, o cachimbo e um pau do guarda chuva.

O leão está triste, mas não sei porquê. Não faço ideia de como é que o rato se sente.

Cartão 4

Aqui vejo 3 cangurus, um cesto, uma mala, um balão, um chapéu. Vão para casa, foram à loja comprar comida e foram para casa. É a mãe e os dois irmãos.

Cartão 5

Não está a acontecer nada. Só tem uma cama, um berço. Estão dois ursos, estão a dormir. Vejo a casa e o candeeiro, os cortinados, a cómoda e o tapete.

Cartão 6

É uma gruta, uma forma de urso na parede e vejo um urso pequeno a brincar com as folhas e com os paus.

Como se sente? Está a sentir-se contente porque se está a divertir com a brincadeira.

Cartão 7

Isto aqui passa-se na selva. Vejo um tigre branco à caça e o macaco a fugir. O macaco está a fugir do tigre para ele não o comer. O tigre vai conseguir apanhar o macaco e comê-lo.

Cartão 8

Aqui vejo uma família de macacos. Uns estão a falar entre eles. E vejo aqui um macaco a ralar com outro. Ele portou-se mal.

Vejo uma foto de um macaco, um sofá e os macacos a tomar café ou chá.

Estão a falar sobre o quê? Não sei

Cartão 9

Aqui vejo a porta do quarto. E uma miúda na cama. Estava a fazer a sesta.

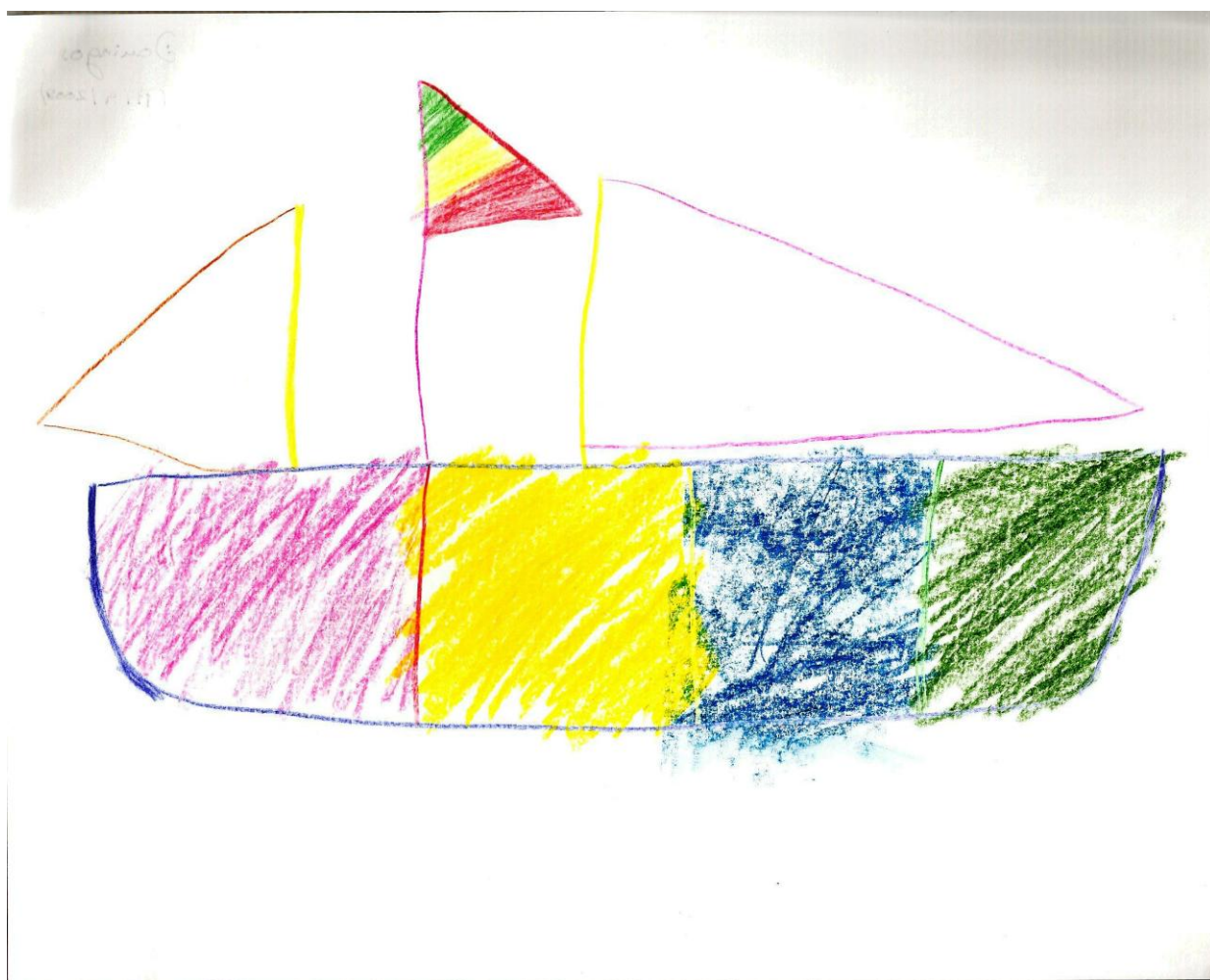
Cartão 10

Vejo dois cães, vejo um banco e vejo eles na casa de banho.

Estava a raspar a mão no corpo dele. O pequeno estava contente e o grande também.

Porque é que eles estavam contentes? Não sei

**Anexo M: Estudo de Caso do Damião- Desenho Livre e Protocolo do
CAT**



Desenho Livre do Damião

Protocolo do CAT

Cartão 1

Isto aqui é uma galinha ou um galo. Deve ser uma galinha. Está a ver os filhos a comer.

São três pintainhos. (?) Eles sentem-se alegres.

Cartão 2

Estão à guerra por causa da corda. Depois o urso que está sozinho ficou assustado porque o urso mais pequeno estava a cair. O pequenino estava raivoso porque o que estava sozinho estava a ganhar. O grande do mesmo lado do pequenino estava assustado porque podia cair.

Cartão 3

É o leão que está a pensar na vida. E está a fumar o seu cachimbo. Vejo a bengala do leão velhote. O leão sente-se triste com a vida porque não apanhou o rato.

Cartão 4

É a mãe canguru com um filho na bolsa. O outro filho está a andar de bicicleta. Estão com pressa para não perder o piquenique dos animais que é na floresta. (?) Mas vão conseguir chegar a tempo. E sente-se preocupado, por ter medo de perder o piquenique.

Cartão 5

É um quarto da mãe, do pai e do bebe. É uma família de ursos. Estão a dormir.

Cartão 6

É a mãe e o pai a dormirem. E o urso acordado, não consegue dormir. Está a pensar nos irmãos e sente-se triste. Os irmãos separaram-se dos pais e nunca mais voltaram. Os pais estão tristes, muito tristes.

Cartão 7

É o leão que está a saltar para comer o macaco. O macaco está com medo porque o leão quer comê-lo. E o macaco levantou a mão para parar o leão. Ele não conseguiu parar o leão mas conseguiu fugir. O leão acabou por não comer o macaco.

Cartão 8

Isso é a família dos macacos que estão a comer lendias uns dos outros. E a avó e a mãe do macaco mais pequeno. A avó está a beber chá e a mãe está a tomar café, a sua bica. E está aqui a fotografia da sua trisavó. Estão todos contentes.

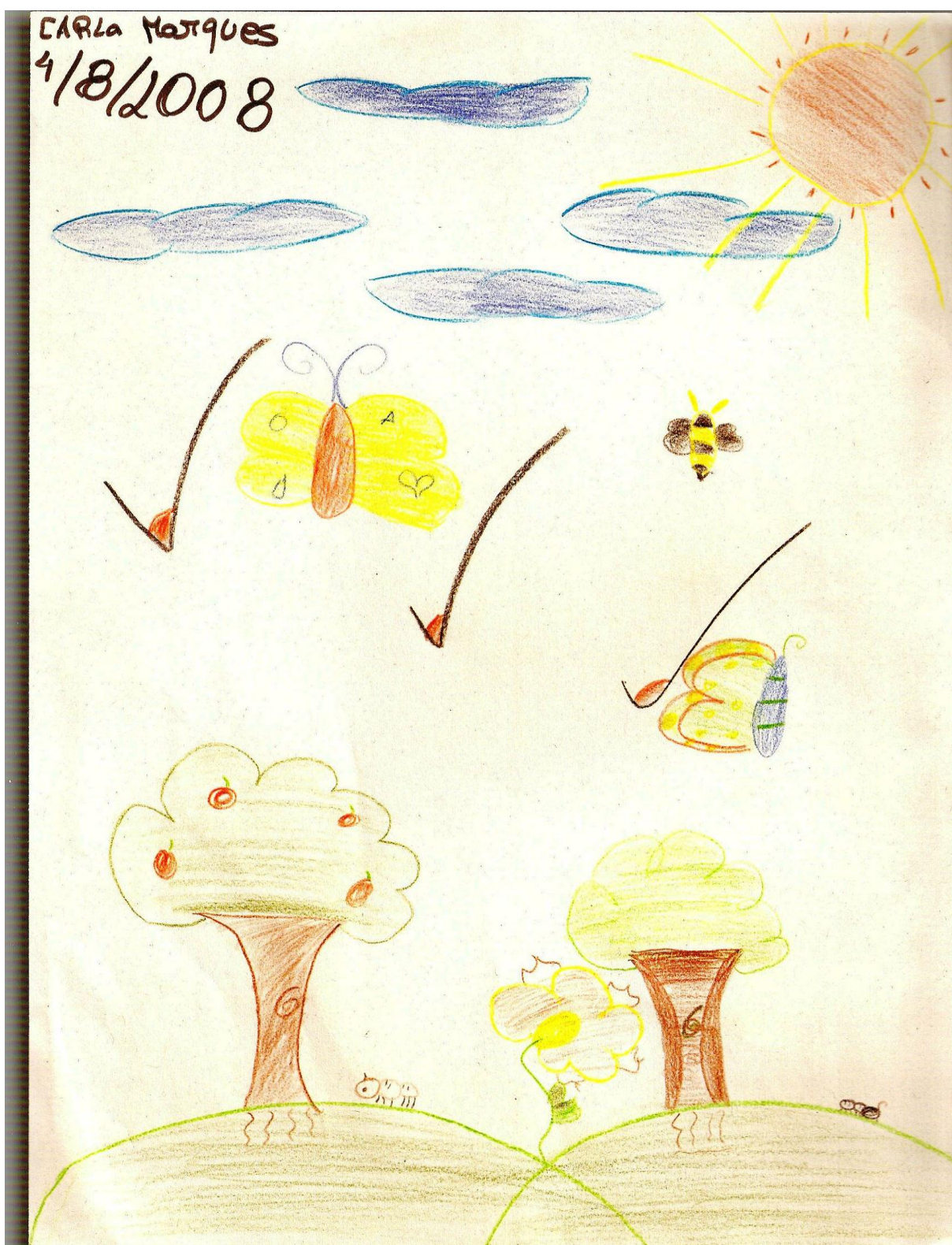
Cartão 9

É o coelho. Está com medo porque a porta abriu-se sozinha. E ele pensa que são fantasmas. Está sozinho em casa. E é só.

Cartão 10

É a mãe que está a ver se o filho ou filha está com piolhos da escola, dos outros meninos. E vai tomar banho. E o filho/filha está contente porque a mãe lhe vai dar banho. (?) A mãe sente-se um bocado triste porque o marido ainda não chegou a casa.

**Anexo N: Estudo de Caso da Cristina - Desenho Livre e Protocolo do
CAT**



Desenho Livre de Cristina

Protocolo do CAT

Cartão 1

Era uma vez a mãe-pata que estava a dar comida aos seus filhos pintos. O terceiro filho não gostava muito de papa e fez uma cara esquisita. Os outros estavam contentes porque gostavam da papa. Eles estavam-se a preparar para comer. As tigelas dos dois primeiros estavam muito longe deles. A tigela do terceiro é que estava mais perto.

Cartão 2

Era uma vez os três ursos em que um urso era inimigo do pai e do filho. Mas o inimigo estava a puxar a corda porque ele era ganancioso. E o urso bebe pensava que isto era um jogo de tirar a corda uns aos outros. E o pai disse-lhe: “ Cala-te que isto não é jogo nenhum”. O inimigo estava quase a cair do passeio e o pai do ursinho estava ansioso para que o inimigo caísse. O inimigo não chegou a cair porque ele agarrou-se bem à corda e lá conseguiu não cair.

Cartão 3

Era uma vez um rei leão que era muito velho. E na casa do leão, tinha um buraco para os ratos. E nesse buraco tinha um rato a espreitar mas como o leão era tão velho, tão velho ele já tinha uma bengala. Mas o leão ainda fumava um charuto. O chão da casa do rei era todo às bolas e flores.

O leão estava sentado na sua cadeira maior, cruzou as pernas e disse: “Ai seu rato malvado. Se eu pudesse entrar nesse buraquinho, não sabias mesmo onde moravas”. E o rato começou-se a rir. “Ai se eu te apanho cá fora, não sabias mesmo onde moravas”. O rato disse: “se tu corresses mais do que eu...” O leão não lhe deu importância.

A cadeira do leão era com pêlos e também era de madeira.

Cartão 4

Era uma vez uma mãe canguru que tinha dois filhos cangurus. Um mais velho andava de bicicleta e o mais novo estava na bolsa da mãe e estava com um balão. A mãe canguru tinha um chapéu com flores e uma mala. Ela levava um cesto com uma garrafa de água e mais coisas. Ela estava quase a chegar ao pé de uma casa e à volta dessa casa estavam árvores. E a mãe canguru estava a olhar de lado a ver se o seu filho mais velho estava-se a portar bem e estava a andar. A mãe disse: “Cá para mim isto é um bosque e

nós não sabemos”. O filho bebé disse: “Não, não. Se isto fosse um bosque ou uma floresta não tinha casas porque normalmente as florestas e bosques não têm casa”.

Cartão 5

Aqui não vejo ninguém... É um quarto com uma cama grande, com um berço. Ah... aqui no berço está um ursinho, ele vai agora dormir.

E o que vês mais? Não vejo mais nada, o ursinho está sozinho no quarto.

Cartão 6

Era uma vez uma família de ursos que vivia numa toca. Essa família era os pais, e o filho que era pequeno. Estavam todos deitados, mas só o pequenino estava acordado, os seus pais estavam a dormir.

O que estava ele a fazer? Não sei bem... Talvez estivesse a pensar na vida. Acho que estava um bocado triste.

Estava triste com o quê? Não sei.

Cartão 7

Era uma vez uma selva que tinha muitos animais. Nessa selva havia um tigre e um macaco. De repente eles começaram a brigar e o tigre foi atrás do macaco. O macaco correu muito para tentar fugir das garras do tigre. Ele estava com muito medo do tigre.

O tigre queria atacá-lo, mas o macaco tentou escapar.

Mas no final, o tigre apanhou o macaco? Acho que conseguiu apanhá-lo, porque os tigres conseguem correr muito rápido.

Cartão 8

Era uma vez uma família de macacos muito animada. Aqui era um domingo e os macacos tinham visitas em casa. Aqui aparece o pai a dizer assim ao filho: “Faz pouco barulho. Não vês que assim a tua mãe não consegue ouvir os convidados”.

E o que aconteceu depois?

O macaco pequeno calou-se, porque não gostava que lhe ralhassem.

Cartão 9

Era uma vez um coelhinho que estava deitado no berço, no seu quarto. Ele estava a espera que os pais viessem para lhe contarem uma história.

Como achas que ele se sentia?

Acho que devia estar com um bocado de medo, porque estava sozinho e tinha a janela aberta.

Cartão 10

Aqui estão dois cãezinhos, a mãe e o seu filho. Eles estavam na casa de banho. Não sei o que a mãe estava a fazer. Acho que a mãe estava a brincar com o filho ou então estava a dar-lhe umas palmadas no rabo por ele ter feito alguma coisa.

Então o que achas que aconteceu, estavam a brincar ou a mãe estava a dar-lhe umas palmadas?

Devia estar a dar-lhe palmadas porque o filho era malandro e devia ter feito alguma coisa que não devia.

Anexo O: Resultados da Escala de Ansiedade Manifesta para Crianças

Resultados da Escala de Ansiedade Manifesta

Nome	Idade com que realizou a prova	Índice de Ansiedade	Índice de Desejabilidade Social
Joana	9 Anos e 2 meses	9	2
Manuela	8 Anos e 4 meses	28	7
Pedro	8 Anos e 2 meses	21	2
Telma	10 Anos e 3 meses	23	2
Catarina	9 Anos e 9 meses	8	5
Patrício	11 Anos e 1 mês	18	6
Ricardo	12 Anos e 5 meses	19	8
Damião	12 Anos	17	1
Cristina	10 Anos e 10 meses	25	3

Anexo P: Resultados da Escala de Auto-Conceito de Susan Harter

Dados relativos à sub-escala " Como é que eu sou"

Nome	Competência Escolar	Aceitação Social	Competência Atlético	Aparência Física	Comportamento	Auto-Estima
Joana	2.7	2	2	3.5	2.8	3.5
Manuela	3.5	2.8	3.5	3.7	2.5	3.7
Pedro	4	4	3.5	3.3	3.2	3.5
Telma	3.5	2.6	2.8	3.8	3.6	3.8
Catarina	3.7	3	3	4	3	4
Patrício	3.5	3.3	3.5	3	3	3.2
Ricardo	2	3	2.8	3.7	4	4
Damião	1.5	3.3	2.2	2.0	1.3	1.3
Cristina	2.7	3.3	3.2	3.5	2	2.7

Dados relativos à sub-escala: "O que é importante para mim?"

Nome	Competência Escolar	Aceitação Social	Competência Atlética	Aparência Física	Comportamento
Joana	4	4	3.5	4	4
Manuela	4	4	4	4	4
Pedro	4	4	3.5	3.5	3.5
Telma	4	4	3.5	4	4
Catarina	4	4	4	4	4
Patrício	3.5	3.5	3.5	3	3
Ricardo	4	4	4	4	4
Damião	4	4	3	1.5	2.5
Cristina	4	4	4	4	4

Anexo Q: Comparação de Resultados nos Domínios do Auto-Conceito

Comparação entre os resultados deste estudo e os resultados do estudo de Peixoto & Mata

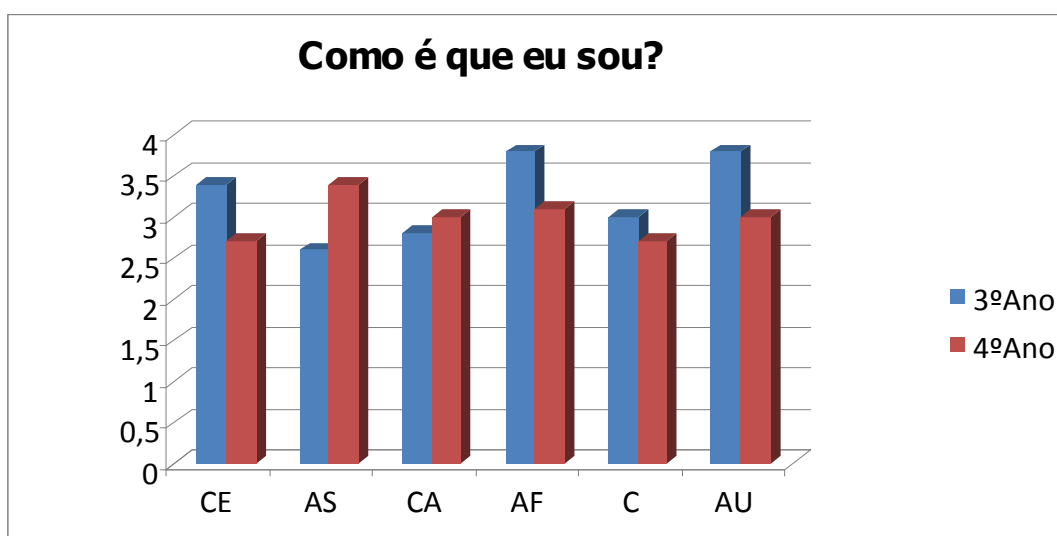


Gráfico 1: Resultados da sub-escala "Como é que eu sou?" do presente estudo

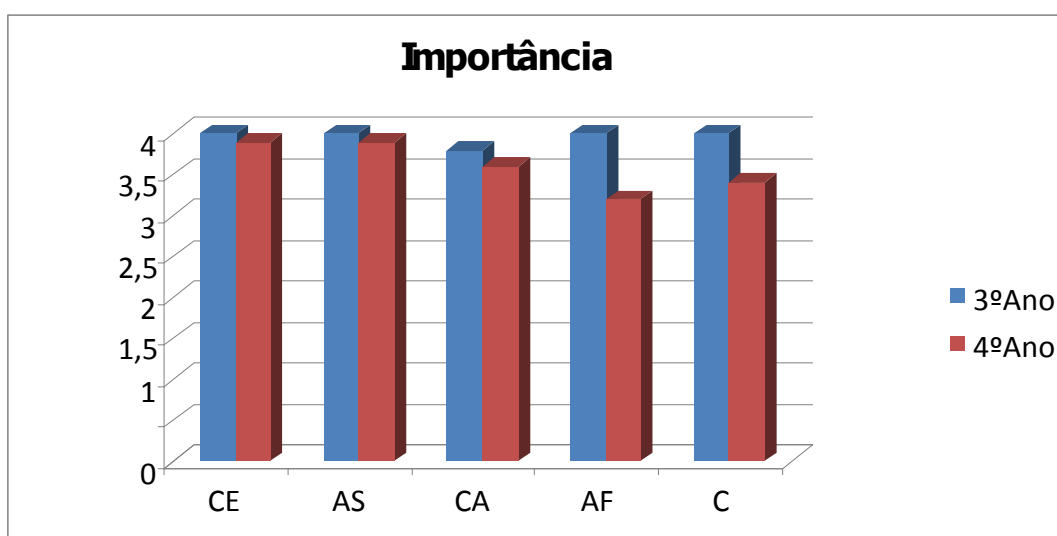


Gráfico 2: Resultado da sub-escala Importância do presente estudo

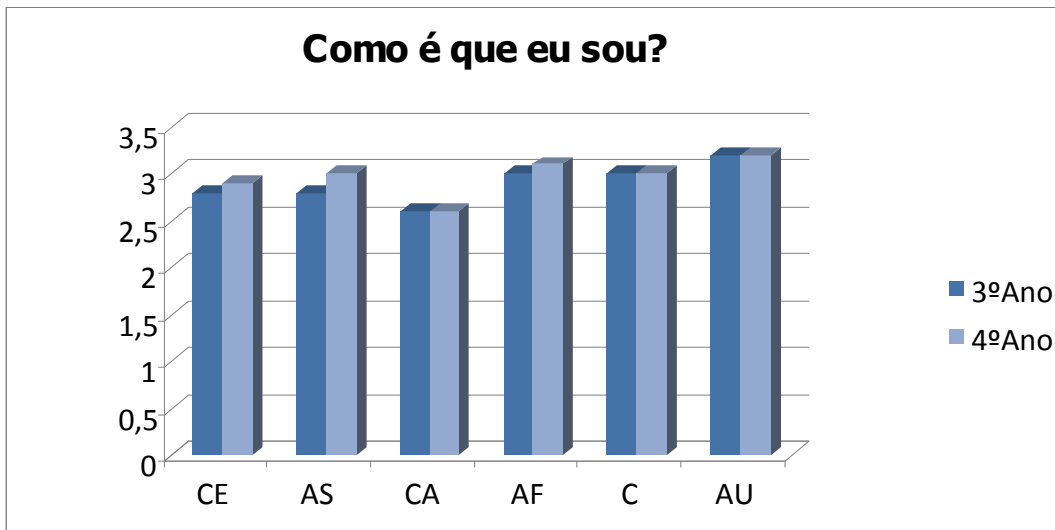


Gráfico 3: Resultados da sub-escala "Como é que eu sou?" do estudo de Peixoto& Mata (1993)

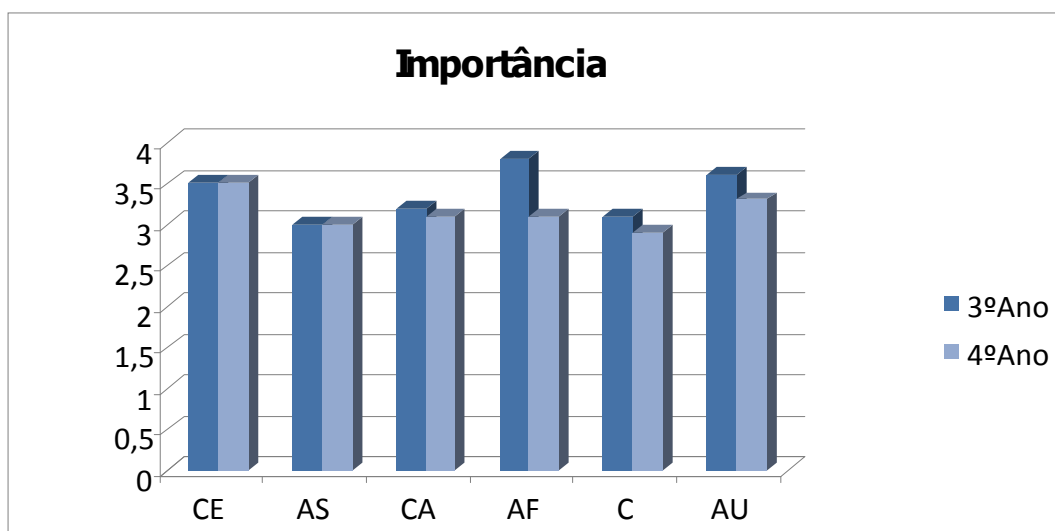


Gráfico 4: Resultados da sub-escala Importância do estudo de Peixoto& Mata (1993)

Anexo R: Resultados da Prova Decifrar

Resultados da Prova de Leitura "Decifrar"

Nome	Idade Cronológica	Idade de Leitura	Quociente de Leitura	Observações
Joana	9	5.8	64	Em muitas palavras nem chegou a tentar lê-las, dizendo logo que não conseguia. Leu poucas palavras e as mesmas não eram constituídas por mais de duas sílabas
Manuela	8.4	10	119	Esteve muito à vontade nesta prova conseguindo ler a maioria das palavras com grande facilidade. Errou principalmente ao nível da acentuação e substituiu algumas letras nas palavras.
Pedro	7.9	9.2	116	Tendo em conta a sua idade, esteve bastante bem na prova conseguindo ler um bom número de palavras. Os erros que fez prenderam-se essencialmente com a acentuação. Também fez alguma omissão de sílabas ou letras nas palavras.
Telma	10.2	8.5	83	Troca as letras (principalmente o m pelo n). Também tem a tendência de inventar palavras quando está a ter dificuldade. Por vezes também omissão de algumas sílabas da palavra.
Catarina	9.8	6.2	63	A Catarina mostrou-se desinteressada na prova, não se esforçando por ler as palavras mais complexas. Mesmo depois de a tentar incentivar, recusou-se a lê-las.
Patrício	11	10	90	Conseguiu ler um bom número de palavras, porém está um pouco abaixo da média relativamente à sua idade. Os erros são essencialmente ao nível da substituição de letras ou sílabas nas palavras e também ao nível da acentuação.

Ricardo	12.4	6.3	50	Mostrou estar muito atrasado a este nível, apresentando grandes dificuldades em ler palavras constituídas por mais do que duas sílabas.
Damião	11.8	6.5	55	Teve muitas dificuldades nesta prova chegando a um ponto que ficou visivelmente perturbado e teve que dar a prova como terminada
Cristina	10.8	9	83	Fez uma prova relativamente razoável conseguindo ler a maioria das palavras. No entanto, errou muitas palavras por substituir letras nas palavras. Também fez alguma omissão de sílabas na leitura das palavras.

Anexo S: Resultados da Prova de Escrita

Nome	Idade com que realizou a prova	Copia frases correctamente	Copia textos correctamente	Faz pontuação correcta de textos
Joana	9.1 Anos	Mau	Mau	Mau
Manuela	8.4 Anos	Bom	Bom	Médio -
Pedro	8.1 Anos	Médio +	Médio+	Médio --
Telma	10.2 Anos	Bom	Bom	Médio -
Catarina	9.8 Anos	Médio	Médio	Mau
Patrício	11 Anos	Bom	Bom	Mau
Ricardo	12.4 Anos	Médio	Médio	Médio
Damião	11.11 Anos	Bom	Bom	Médio
Cristina	10.10 Anos	Bom	Bom	Médio

Nome	Usa as maiúsculas correctamente	Ordena as frases num diálogo	Ordena as palavras de uma frase correctamente	Escreve sem erros ortográficos
Joana	Mau	Não fez.	Não fez.	Mau
Manuela	Bom	Mau	Médio	Médio +

Pedro	Bom	Mau	Médio	Médio -
Telma	Médio	Mau	Médio	Médio -
Catarina	Bom	Mau	Médio	Muito Mau
Patrício	Bom	Mau	Médio	Bom
Ricardo	Médio	Médio	Médio	Médio
Damião	Médio	Mau	Médio	Mau
Cristina	Bom	Mau	Médio	Médio

Nome	Escreve textos com coerência	Qualidade de Letra	Observações
Joana	Mau	Angulosa	Nesta prova, a Jéssica só se mostrou disponível para fazer a cópia, não sendo capaz de elaborar os textos, nem escrever o ditado. Quanto à única coisa que fez, a cópia, mostrou enormes dificuldades em fazê-la não chegando sequer a conseguir acabá-lo. Demonstra grandes dificuldades em escrever as palavras.
Manuela	Médio +	Angulosa	Tendo em conta a sua idade, a Maria teve uma prestação muito boa nesta prova. Demonstrou um grande interesse e iniciativa nesta prova, fazendo uma grande composição. Não teve muitos erros ortográficos. Teve facilidade a fazer a copia assim como a escrever textos com coerência.
Pedro	Bom	Rectilínea	Tendo em conta a sua idade e escolaridade, o Paulo elaborou uma boa prova. Escreve com alguns erros, porem demonstra ter alguma capacidade para elaborar os textos e fá-lo com coerência. Consegue copiar textos com relativa facilidade. Outra falha é ao nível da letra, não sendo a mesma facilmente legível.
Telma	Bom	Angulosa	A Tatiana conseguiu realizar esta prova com relativa facilidade. Aquilo em que falhou foi essencialmente nos erros ortográficos Escreveu bastantes palavras com erros. Porém, demonstrou ter capacidades para escrever textos com alguma elaboração e coerência.
Catarina	Mau	Angulosa	A Carla demonstra grandes dificuldades ao nível da escrita. Escreve com muitos erros ortográficos muito graves tendo em conta a sua idade e anos de escolaridade. Não possui capacidades que lhe permitam escrever textos com coerência.
Patrício	Médio	Angulosa	O Pedro escreve sem dar muitos erros ortográficos.

			No entanto, demonstra fracas capacidades ao nível da elaboração de textos. Copia com facilidade os textos assim como consegue ordenar com relativa facilidade as palavras numa frase.
Ricardo	Médio	Angulosa	Foi visível o desconforto do Ruben nesta prova, sendo que para o seu nível de escolaridade, apresenta algumas dificuldades a este nível. Foi-lhe extremamente complicado conseguir elaborar textos.
Damião	Médio -	Angulosa	O Damião demonstra bastantes dificuldades ao nível da escrita. Ainda escreve com bastantes erros. Quanto à elaboração de textos não se mostrou muito cooperante. Incomodo visível nas actividades que remetem para o Português
Cristina	Médio -	Angulosa	Escreveu sem muitos erros ortográficos. Conseguiu elaborar textos com coerência, assim como fez a cópia sem grandes dificuldades.

Anexo T: Resultados da Prova de Cálculo

Nome	Idade	Conhece os algarismos	Ordena números atendendo à ordem de grandeza	Calcula mentalmente operações simples	Tem a noção de dezena	Tem a noção de centena	Tem a noção de milhar
Joana	9.2	Mau	Mau	Mau	Mau	Mau	Mau
Manuela	8.4	Bom	Bom	Bom	Mau	Mau	Mau
Pedro	8.2	Bom	Médio	Médio	Bom	Médio	Mau
Telma	10.2	Bom	Bom	Médio	Bom	Mau	Mau
Catarina	9.9	Bom	Bom	Bom	Mau	Mau	Mau
Patrício	11.1	Bom	Bom	Bom	Bom	Bom	Bom
Ricardo	12.4	Bom	Bom	Médio	Médio	Médio	Médio
Damião	11.11	Bom	Bom	Médio	Médio	Médio	Médio
Cristina	10.10	Bom	Bom	Bom	Mau	Médio	Mau

Nome	Subtrai com empréstimo	Soma com transporte	Multiplica por dois algarismos	Divide por um algarismo	Resolve situações problemáticas simples	Resolve situações problemáticas envolvendo dois raciocínios
Joana	Mau	Mau	Mau	Mau	Mau	Mau
Manuela	-----	-----	Mau	Mau	Mau	Mau
Pedro	Mau	Bom	Não conseguiu fazer	Não conseguiu fazer	Mau	Mau
Telma	Mau	Bom	Mau	Mau	Bom	Mau
Catarina	Mau	Bom	Mau	Mau	Mau	Mau
Patrício	Mau	Bom	Médio	Bom	Bom	Bom
Ricardo	Bom	Bom	Médio	Médio	Médio	Mau
Damião	Bom	Bom	Médio	Médio	Médio	Mau
Cristina	Mau	Bom	Médio	Bom	Bom	Médio

Nome	Observações da Prova de Aritmética
Joana	A Joana fez uma espécie de recusa a esta prova na medida em que disse não ser capaz de elaborar os exercícios. Mesmo após o incentivo do examinador manteve-se com a mesma posição e dizendo não saber fazer os exercícios.
Manuela	A Manuela teve uma atitude bastante resistente não ousando sequer fazer algumas operações (contas de somar e subtrair um pouco mais complexas). Consegue fazer operações simples, conhecendo bem os algarismos e a sua relação de grandeza.
Pedro	Dentro daquilo que seria suposto ter conhecimento na sua idade, o Paulinho teve uma prestação média nesta prova. Conhece os algarismos, sabe fazer contas simples de somar e subtrair. Quanto às contas de multiplicar e dividir, não sabe fazê-las afirmando que ainda não aprenderam na escola
Telma	Conhece bem os algarismos, tendo uma noção correcta da ordem das grandezas. Consegue fazer cálculos simples. Nos cálculos de subtracção, talvez por distracção, faz uma soma. Não tem a noção correcta de centena, nem milhar. Resolve problemas que impliquem um raciocínio simples.
Catarina	Demonstra conhecer os algarismos e consegue elaborar cálculos mentais simples. Não conhece as noções de dezena, centena e milhar. Ao nível da subtracção apresenta dificuldades em subtrair por empréstimo. Apresentou ao longo desta prova uma certa ansiedade e precipitação, podendo esse estado de espírito ter condicionado a sua prestação.
Patrício	O Patrício teve uma óptima prestação nesta prova demonstrando não ter dificuldades a Matemática. Pelo contrário, mostrou um grande à vontade tanto nos cálculos mentais como na operação de contas. Apresenta

	capacidades que lhe permitem resolver tanto, situações problemáticas simples, como aquelas que envolvem mais do que um raciocínio.
Ricardo	Obteve uma boa prestação nesta prova, conseguindo realizar com facilidade as operações matemáticas. Porém, apresentou alguma dificuldade na resolução de problemas.
Damião	Teve uma boa prestação nesta prova, não apresentando dificuldades muito graves a este nível. Conseguiu realizar as operações matemáticas com relativa facilidade e mostrou conhecer bem os números e a sua ordem de grandeza.
Cristina	Teve uma prestação razoavelmente boa nesta prova. Porém, possui dificuldades ao nível das noções de dezena, centena e milhar. Elabora facilmente raciocínios simples. Quanto aos raciocínios mais complexos encontra-se a um nível médio. Apresenta algumas dificuldades nas subtrações.

Anexo U: Resultados do Desenho Livre

Conclusões retiradas do Desenho Livre

Nome	Atitude face à prova	Traços Salientes
Joana	<ul style="list-style-type: none"> - Postura um pouco reticente. - Não demonstrou criatividade na medida em que copiou um desenho que tinha visto anteriormente 	<ul style="list-style-type: none"> - Distanciamento face à figura materna - Existência de vida afectiva.
Telma	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca vontade em desenhar. - Atitude provocadora 	<ul style="list-style-type: none"> - Defensividade - Voyeurismo - Temática de acordo com a sua idade.
Pedro	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrou um grande sentimento de insegurança - 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de grande angustia face à família. - Possível observação de comportamentos desviantes.
Patrício	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentou alguma resistência, não estando nada motivado para a realização do desenho 	<ul style="list-style-type: none"> - Desejo de Protecção, - Receio em relacionar-se com o outro. - Desenho desprovido de afectos

Cristiana	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrou-se motivada apesar de um pouco inibida. - Demonstrou grande motivação para a escolha de cores 	<ul style="list-style-type: none"> - Embora de uma forma um pouco defensiva, existe expressão de emoções e afectos no seu desenho
Catarina	<ul style="list-style-type: none"> - Alguma resistência, não tinha vontade de realizar o desenho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Existe representação de afectos, de sentimentos. - Desejo de agradar o examinador. Defensividade
Manuela	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentou um grande à vontade e grande empenho na realização do desenho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Existência de vida afectiva. - Alguma defensividade
Ricardo	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrou grande insegurança e inibição - Não apresentou muita vontade em elaborar o desenho 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de solidão e abandono. - Utilizou o deslocamento dos
Damião	<ul style="list-style-type: none"> - Boa aderência - Mostrou necessidade de entrar em relação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrou insegurança e conseqüente necessidade de desdramatizar a situação.

Anexo V: Resultados do CAT

Conclusões retiradas do CAT

Nome	Atitude face à prova	Traços Salientes
Joana	- Postura um pouco reticente. - Não demonstrou criatividade na medida em que copiou um desenho que tinha visto anteriormente	- Distanciamento face à figura materna
Telma	- Pouca vontade em desenhar. - Atitude provocadora	- Elaborou algumas projecções. - Presença de alguma promiscuidade nas suas respostas
Pedro	- Demonstrou um grande sentimento de insegurança -	- Sentimentos de grande angústia face à família. - Apresenta muito medo
Patrício	- Apresentou alguma resistência, não estando nada motivado para a realização do desenho	- Desejo de Protecção - Receio em relacionar-se com o outro.

Cristina	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrou-se motivada apesar de um pouco inibida. - Demonstrou grande motivação para a escolha de cores 	<ul style="list-style-type: none"> - Fez algumas projecções. - Incapacidade em lidar com os seguintes temas: solidão, abandono, cena primitiva
Catarina	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentou-se motivada e colaborou na realização da prova 	<ul style="list-style-type: none"> - Não se defendeu muito, conseguindo elaborar algumas projecções. - Incapacidade em lidar com os seguintes temas: solidão, abandono, cena primitiva. Idealização relativamente às figuras parentais.
Manuela	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentou um grande à vontade e grande empenho na realização do desenho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Faz evitamento do conflito. - Utiliza frequentemente a idealização - Ambivalência quanto aos sentimentos pelos seus pais
Ricardo	<ul style="list-style-type: none"> - Demonstrou grande insegurança e inibição - Não apresentou muita vontade em elaborar o desenho 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de solidão e abandono. - Defensividade
Damião	<ul style="list-style-type: none"> - Boa aderência e grande motivação - Mostrou necessidade de entrar em relação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Incapacidade em lidar com solidão e abandono. - Idealização das figuras parentais.